

OTHER POSTCARDS FROM THE WEST COAST OF EUROPE

Eduardo Rafael Gomes da Silva

Dissertação para a obtenção
do grau de Mestre em Design da Imagem

Orientador: José Carneiro
Co-orientadora: Susana Barreto



Índice

Índice de Figuras	3
Resumo	7
Palavras-Chave.....	7
Abstract	8
Keywords	8
1.Introdução	9
1.1.Objeto de estudo	10
1.2.Motivação.....	19
1.3.Objetivos.....	19
1.4.Metodologia	20
1.5.0 Estágio na José D'Oliveira.....	23
2. Referencial Teórico	31
2.1.Fotografia Documental: escolha do média	32
2.2.0 Postal.....	35
2.2.1.0 Postal Enquanto Suporte Imagético.....	35
2.2.2.0 Postal Enquanto Dispositivo de Comunicação	40
2.2.3.A Relação de Força entre Fotografia e Texto no Postal.....	47
2.3.A cidade de Viseu.....	49
3.Os postais ilustrados de OPftWCoE	55
3.1.0 processo de desenho.....	56
3.2.0 Cerco Rodoviário	60
3.3.0 centro histórico de Viseu e o défice de estacionamento	102
3.4.A desvitalização do comércio tradicional	137
3.5.Outros problemas.....	156
3.5.1.0 Edifício da Caixa	156
3.5.2.Avenida da Bélgica VS Feira de São Mateus.....	160
3.5.3.Espaços de Grande Dimensão	163
4.Análise crítica e algumas considerações finais	170
5.O futuro de OPftWCoE	172
Bibliografia	176
anexo 1	181
anexo 2.....	197
anexo 3.....	199

Índice de Figuras

FIGURA 1 - A BANDEIRA DE PORTUGAL, REDESENHADA PELA BBDO.	11
FIGURA 2 - UM DOS RETRATOS DA SÉRIE <i>TALENTS</i> DA CAMPANHA <i>PORTRAITS FROM THE WEST COAST OF EUROPE</i> BY NICK KNIGHT.	13
FIGURA 3 - EM CIMA E EM BAIXO, DOIS RETRATOS DA SÉRIE <i>RENEWABLE ENERGIES</i> DA CAMPANHA <i>PORTRAITS FROM THE WEST COAST OF EUROPE</i> BY NICK KNIGHT.	14
FIGURA 4 - NO MEIO, O POSTAL DA ESTAÇÃO DE SÃO BENTO DA SÉRIE <i>PftWCoE</i> ; EM CIMA E EM BAIXO, DUAS DAS FOTOGRAFIAS DESSA ESTAÇÃO QUE FORAM USADAS NA CONSTRUÇÃO DO POSTAL ILUSTRADO.	15
FIGURA 5 - EM CIMA, UM POSTAL DA SÉ CATEDRAL DE VISEU; NO MEIO, UMA FOTO CAPTURADA DURANTE A EDIÇÃO DE 2015 DOS <i>JARDINS EFÉMEROS</i> ; EM BAIXO, O POSTAL “A MINHA CIDADE É O MEU JARDIM.” DA SÉRIE <i>OPftWCoE</i>	18
FIGURA 6 - O POSTAL “CICATRIZ CURADA.” DA SÉRIE <i>OPftWCoE</i>	20
FIGURA 7 - UM DOS POSTAIS DESENVOLVIDOS PARA A JOSÉ D’OLIVEIRA.	21
FIGURA 8 - FACE FRONTAL DO CARTÃO DA JOSÉ D’OLIVEIRA.	24
FIGURA 9 - A PRIMEIRA VERSÃO DO POSTAL REALIZADO PARA A JOSÉ D’OLIVEIRA.	25
FIGURA 10 - EM CIMA E EM BAIXO, FRENTE E VERSO (RESPECTIVAMENTE) DA SEGUNDA VERSÃO DOS POSTAIS DESENVOLVIDOS PARA A JOSÉ D’OLIVEIRA.	27
FIGURA 11 - A VERSÃO FINAL DOS POSTAIS UTILIZADOS PELA JOSÉ D’OLIVEIRA.	29
FIGURA 12 - DUAS FOTOGRAFIAS CAPTURADAS NA FEIRA SEMANAL DE VISEU.	33
FIGURA 13 - UM POSTAL ILUSTRADO DE VISEU, PRODUZIDO POR ALBERTO MALVA NO ANO DE 1906.	35
FIGURA 14 - A PRIMEIRA CÂMARA FOTOGRÁFICA DIGITAL, INVENTADA POR STEVE SASSON EM 1975.	36
FIGURA 15 - EM CIMA, UM POSTAL ANTIGO DA PRAÇA D. DUARTE; EM BAIXO, UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	38
FIGURA 16 - UM DOS POSTAIS DA SÉRIE <i>FINALLY, SAN FRANCISCO POSTCARDS FOR SAN FRANCISCANS</i> DA AUTORIA DE LUKE FOSS E JENNIFER SAIA (2013).	39
FIGURA 17 - UM POSTAL DA SÉRIE <i>WITHOUT SANCTUARY</i> . NO VERSO LÊ-SE O SEGUINTE: <i>ESTE É O CHURRASCO QUE FIZEMOS ONTEM À NOITE A MINHA FOTOGRAFIA É A DA ESQUERDA E COM UMA CRUZ POR CIMA DE SI ESTÁ O TEU FILHO JOE</i>	43
FIGURA 18 - A APLICAÇÃO <i>APPLE POSTCARD</i> CRIADA POR BILL ATKINSON (2013) PERMITE-NOS CRIAR NO NOSSO <i>SMARTPHONE</i> OS NOSSOS PRÓPRIOS POSTAIS A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DA NOSSA AUTORIA OU RECORRENDO A IMAGENS DE UMA BIBLIOTECA. ESSES POSTAIS PODEM DEPOIS SER ENVIADOS A OUTRA PESSOA.	44
FIGURA 19 - O BRASÃO DA CIDADE DE VISEU.	50
FIGURA 20 - UMA FLASH MOB LEVADA A CABO PARA APRESENTAR A MARCA VISEU A MELHOR CIDADE PARA VIVER.	52
FIGURA 21 - AS TRASEIRAS DA SÉ DE VISEU DURANTE A EDIÇÃO DE 2015 DOS <i>JARDINS EFÉMEROS</i>	54
FIGURA 22 - EM CIMA, UM POSTAL QUE MOSTRA PARTE DO MERCADO 2 DE MAIO E DA RUA DO COMÉRCIO; EM BAIXO, UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i> . NESTE, ILUSTROU-SE A RUA DO COMÉRCIO.	58
FIGURA 23 - O MAPA DE VISEU COM A VIA RODOVIÁRIA DESTACADA A VERMELHO.	60
FIGURA 24 - UM DOS POSTAIS DA SÉRIE <i>PftWCoE</i>	61
FIGURA 25 - UMA FOTOGRAFIA DA MARGINAL DA FOZ DO DOURO.	62
FIGURA 26 - UM DOS POSTAIS DA SÉRIE <i>OPftWCoE</i>	64
FIGURA 27 - O MAPA DA CIDADE DE VISEU COM O LOCAL ONDE É REALIZADA A FEIRA SEMANAL ASSINALADA A VERDE-CLARO.	66
FIGURA 28 - SINALIZAÇÃO NA RUA DO ARRABALDE.	67
FIGURA 29 - NA FOTOGRAFIA DE CIMA, O CONGESTIONAMENTO DO TRÂNSITO AUTOMÓVEL; NA FOTOGRAFIA DE BAIXO, O CONGESTIONAMENTO DO TRÂNSITO HUMANO.	68
FIGURA 30 - EM CIMA E EM BAIXO, OS CORREDORES DA FEIRA SEMANAL.	69
FIGURA 31 - EM CIMA E EM BAIXO, OS CORREDORES DA FEIRA SEMANAL QUASE NO FINAL DE MAIS UM DIA DE FEIRA.	70
FIGURA 32 - A BANCA DE UM DOS FEIRANTES DA FEIRA SEMANAL.	71
FIGURA 33 - A BANCA DE UM DOS FEIRANTES DA FEIRA SEMANAL.	72
FIGURA 34 - UM VENDEDOR AMBULANTE DE GELADOS NA FEIRA SEMANAL.	73
FIGURA 35 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	74
FIGURA 36 - O MAPA DE VISEU COM O LOCAL ONDE É REALIZADA A FEIRA SEMANAL DESTACADO A VERDE-CLARO E O LOCAL CORRESPONDENTE AO PARQUE URBANO DA RADIAL DE SANTIAGO DESTACADO A AZUL.	75
FIGURA 37 - “ <i>MANHÃS DESPORTIVAS, VISEU ATIVO!</i> ”	78
FIGURA 38 - PLANO DE AULAS DAS <i>MANHÃS DESPORTIVAS</i>	79

FIGURA 39 - PORMENOR DE CANALIZAÇÕES A CÉU ABERTO NO PARQUE.....	84
FIGURA 40 - O DESIGUAL CAFÉ BAR — O CAFÉ ESPLANADA DO PARQUE — ENCONTRA-SE ENCERRADO DESDE 2014.....	85
FIGURA 41 - PORMENOR DA VEGETAÇÃO DA FACE NOROESTE DO PARQUE.....	86
FIGURA 42 - É NOTÁVEL A AUSÊNCIA DE SOMBRAS NO PARQUE.....	87
FIGURA 43 - PORMENOR DA PISTA DE <i>CHECK-UP</i> DO PARQUE. EM SEGUNDO PLANO, VEMOS O SEU CENTRO DE <i>CHECK-UP</i> ., QUE SE ENCONTRA ENCERRADO.....	88
FIGURA 44 - EM CIMA, UM DOS TROÇOS DA PISTA DE <i>CHECK-UP</i> DO PARQUE E MAIS UMA ESTRUTURA QUE SE ENCONTRA FECHADA; EM BAIXO, O GINÁSIO A CÉU ABERTO DO PARQUE.	89
FIGURA 45 - O RIO PAVIA A BANHAR UMA DAS MARGENS DO PARQUE.....	90
FIGURA 46 - O RIO PAVIA.	91
FIGURA 47 - EM CIMA, UMA PONTE QUE FAZ PARTE DA PISTA DE <i>CHECK-UP</i> DO PARQUE E QUE PASSA POR CIMA DE UM AFLUENTE DO RIO PAVIA; EM BAIXO, UM ESTACIONAMENTO DE BICICLETAS.	92
FIGURA 48 - UM DOS CANDEEIROS SEM LÂMPADA DO PARQUE.....	93
FIGURA 49 - UMA ÁRVORE DERRUBADA NO PARQUE.....	94
FIGURA 50 - UM AFLUENTE DO RIO PAVIA QUE ATRAVESSA O PARQUE.	95
FIGURA 51 - AS CASAS DE BANHO DO PARQUE.....	96
FIGURA 52 - EM CIMA, O PARQUE DURANTE O DIA; EM BAIXO, O PARQUE NO PERÍODO NOTURNO.....	97
FIGURA 53 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	98
FIGURA 54 - EM CIMA, O PARQUE DO FONTELO; EM BAIXO, A CICLOVIA.	100
FIGURA 55 - UM MAPA DE VISEU, ONDE DESTACAMOS O SEU CENTRO HISTÓRICO A AMARELO.....	102
FIGURA 56 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	104
FIGURA 57 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	106
FIGURA 58 - EM CIMA, UM CAMIÃO A DESCARREGAR MERCADORIA EM PLENA VIA NA PRAÇA D. DUARTE; EM BAIXO, PORMENOR DA RUA NUNES DE CARVALHO — UMA DAS RUAS DO CENTRO HISTÓRICO — NUMA NOITE DE SEXTA-FEIRA DO MÊS DE JULHO.....	108
FIGURA 59 - A RUA D. DUARTE.	109
FIGURA 60 - EM CIMA, A RUA DO COMÉRCIO INTERROMPIDA PARA CARGAS E DESCARGAS; EM BAIXO, <i>AVISO: A RUA DO COMÉRCIO ESTÁ FECHADA DURANTE CERCA DE 30 MINUTOS PARA DESCARREGAR MATERIAL NUMA LOJA. PEDIMOS DESCULPA PELO INCÓMODO, MAS SERÁ BREVE</i> É A LEGENDA DESTA IMAGEM PUBLICADA NA PÁGINA DE <i>FACEBOOK</i> DO MUNICÍPIO DE VISEU NO DIA 3 DE NOVEMBRO DE 2014.....	110
FIGURA 61 - O ADRO DA SÉ CATEDRAL.....	111
FIGURA 62 - A TRAVESSA DA MISERICÓRDIA.	112
FIGURA 63 - EM CIMA, A PRAÇA D. DUARTE; EM BAIXO, A RUA DO COMÉRCIO.	113
FIGURA 64 - EM CIMA, O PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO MERCADO 21 DE AGOSTO; EM BAIXO, O PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO PRÉDIO ALTO.	115
FIGURA 65 - O PARQUE DE ESTACIONAMENTO “IMPROVISADO” DO LARGO DA CAPITÃO SILVA PEREIRA.	116
FIGURA 66 - EM CIMA: O PARQUE DE ESTACIONAMENTO <i>IMPROVISADO</i> NO LARGO DA FEIRA DE SÃO MATEUS; NO CENTRO E EM BAIXO, A FEIRA DE SÃO MATEUS.....	119
FIGURA 67 - O PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO LARGO DA SANTA CRISTINA.	120
FIGURA 68 - O PARQUE DE ESTACIONAMENTO <i>IMPROVISADO</i> JUNTO À ESTAÇÃO DO FUNICULAR DA SÉ.....	121
FIGURA 69 - O PARQUE DE ESTACIONAMENTO <i>IMPROVISADO</i> DO LARGO DA SÉ CATEDRAL.....	121
FIGURA 70 - UM DOS 15 POSTAIS ADQUIRIDOS NUMA DAS LOJAS DE RECORDAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE VISEU.....	123
FIGURA 71 - UMA DAS OBRAS EM EXPOSIÇÃO NOS JARDINS EFÉMEROS 2015.....	124
FIGURA 72 - DUAS OBRAS EXPOSTAS NOS JARDINS EFÉMEROS 2015.	125
FIGURA 73 - UMA DAS EXPOSIÇÕES DOS JARDINS EFÉMEROS 2015.	126
FIGURA 74 - EM CIMA, UM CONCERTO AO AR-LIVRE DURANTE OS JARDINS EFÉMEROS 2015; EM BAIXO, A PRAÇA D. DUARTE DURANTE OS JARDINS EFÉMEROS 2015.	127
FIGURA 75 UMA INSTALAÇÃO AO AR LIVRE DURANTE OS JARDINS EFÉMEROS 2015.	128
FIGURA 76 - UMA INSTALAÇÃO AO AR-LIVRE DURANTE OS JARDINS EFÉMEROS 2015.....	129
FIGURA 77 - DOIS ESPAÇOS UTILIZADOS DURANTE A EDIÇÃO DE 2013 DOS JARDINS EFÉMEROS PARA INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS.	131
FIGURA 78 - <i>WE ARE NOT A LOAN</i> , UMA INSTALAÇÃO DO ARTISTA ± <i>MAISMENOS</i> ±.	132
FIGURA 79 - EM CIMA, O PROCESSO DE DESMANTELAMENTO DA OBRA <i>WE ARE NOT A LOAN</i> ; EM BAIXO, O PRÉDIO ONDE A OBRA <i>WE ARE NOT A LOAN</i> OUTRORA FIGURAVA.	133
FIGURA 80 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	134
FIGURA 81 - UMA PUBLICIDADE POSTA EM CIRCULAÇÃO PELO MUNICÍPIO DE VISEU DURANTE OS JARDINS EFÉMEROS 2015.....	135

FIGURA 82 - O URINOL DO CENTRO HISTÓRICO.	136
FIGURA 83 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	138
FIGURA 84 - UM POSTAL ANTIGO QUE RETRATA O <i>PONTO DE ENCONTRO</i> FORMADO PELAS VÁRIAS VIAS COMERCIAIS E O MERCADO MUNICIPAL, QUE ENTÃO SE REALIZAVA NO MERCADO 2 DE MAIO.	139
FIGURA 85 - EM CIMA, O EXTERIOR DO MERCADO 21 DE AGOSTO; EM BAIXO, O SEU INTERIOR.....	142
FIGURA 86 - UM POSTAL DE <i>OPftWCoE</i> QUE ILUSTRA O CORREDOR CENTRAL DO MERCADO 21 DE AGOSTO....	143
FIGURA 87 - NOTÍCIA NA EDIÇÃO DE 25 DE DEZEMBRO DE 1992 DO <i>JORNAL DE NOTÍCIAS</i>	144
FIGURA 88 - EM CIMA, UM ANTIGO POSTAL DO MERCADO 2 DE MAIO QUANDO AINDA LÁ SE REALIZAVA O MERCADO MUNICIPAL; EM BAIXO, O ESPAÇO DO MERCADO 2 DE MAIO NA ATUALIDADE, RETRATADO NUM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	145
FIGURA 89 - A PROPOSTA VENCEDORA DO CONCURSO PARA A REVITALIZAÇÃO DO MERCADO 2 DE MAIO, DA AUTORIA DE JOÃO LOUREIRO.....	146
FIGURA 90 - A COBERTURA ERGUIDA SOBRE O MERCADO 2 DE MAIO PARA ACOLHER O MERCADO DE NATAL....	148
FIGURA 91 - EM CIMA, UMA FOTOGRAFIA DO ANTIGO MERCADO 2 DE MAIO (AUTOR DESCONHECIDO); EM BAIXO, UMA FOTOGRAFIA DO ATUAL MERCADO 2 DE MAIO.	149
FIGURA 92 - POSTAL DA SÉRIE <i>OPftWCoE</i> QUE ILUSTRA A RUA DO COMÉRCIO.	150
FIGURA 93 - A RUA DIREITA NO ANO DE 1987. FOTOGRAFIA DA AUTORIA DE PAULA FERREIRA.	151
FIGURA 94 - A RUA DIREITA, ILUSTRADA NUM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	153
FIGURA 95 - O <i>PALÁCIO DO GELO SHOPPING</i>	154
FIGURA 96 - A RUA DIREITA NA ATUALIDADE.....	155
FIGURA 97 - A SILHUETA DA CIDADE DE VISEU. DO LADO ESQUERDO, O NÚCLEO DO CENTRO HISTÓRICO: A SÉ CATEDRAL E A IGREJA DA MISERICÓRDIA; DO LADO DIREITA, O EDIFÍCIO DA CAIXA.....	156
FIGURA 98 - O EDIFÍCIO DA CAIXA.	157
FIGURA 99 - UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i> , COM O <i>EDIFÍCIO DA CAIXA</i> ELIMINADO DA PAISAGEM.....	159
FIGURA 100 - A AMARELO, O TROÇO DA AVENIDA DA BÉLGICA ENCERRADO DURANTE O PERÍODO DA FEIRA DE SÃO MATEUS; A VERDE, O ESPAÇO OCUPADO PELA FEIRA DE SÃO MATEUS; A VERMELHO, OS DOIS EXTREMOS DO TROÇO DA AVENIDA DA BÉLGICA ENCERRADA DURANTE A FEIRA DE SÃO MATEUS; A AZUL; O TRAJETO MAIS RÁPIDO ENTRE OS DOIS EXTREMOS DA ESTRADA ENCERRADA.....	160
FIGURA 101 - A FEIRA DE SÃO MATEUS.	161
FIGURA 102 - O EXTREMO SUL DO TROÇO DA AVENIDA DA BÉLGICA.	161
FIGURA 103 - UMA FOTOGRAFIA DO EXTREMO NORTE DA AVENIDA DA BÉLGICA ILUSTRA UM DOS POSTAIS DE <i>OPftWCoE</i>	162
FIGURA 104 - A ESTÁTUA DE VIRIATO, DA AUTORIA DE MARIANO BENLLIURE.	164
FIGURA 105 - AS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS E O CAFÉ DA CAVA DE VIRIATO.	165
FIGURA 106 - UMA DAS VISTAS DA CIDADE A PARTIR DA CAVA DE VIRIATO.	166
FIGURA 107 - EM CIMA, UM DOS BANCOS DA CAVA DE VIRIATO; EM BAIXO, UM POSTAL DE <i>OPftWCoE</i>	167
FIGURA 108 - UM DOS CORREDORES DO VISEU RETAIL PARK.....	168
FIGURA 109 - EM CIMA E AO MEIO, DUAS FOTOGRAFIAS DO VISEU RETAIL PARK; EM BAIXO, UM POSTAL DE <i>OPftWCoE</i>	169
FIGURA 110 - LÊ-SE <i>NÓS PROCURAMOS O INFERNO DA LIBERDADE</i> ESCRITO EM CATALÃO. NA FOTO QUE ILUSTRA O POSTAL VEMOS A CIDADE DE BARCELONA AO FUNDO E, EM PRIMEIRO PLANO, UMA HABITAÇÃO DE OKUPAS.	173
FIGURA 111 - AS 6 FOTOGRAFIAS USADAS POR MILLMAN NO SEU ESTUDO, <i>POSTCARDS FROM THE CUT</i>	174
FIGURA 112 - O DEPÓSITO DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DURANTE A VOLTA A PORTUGAL 2015.	175

Aos meus pais,
à Stéphanie,
ao Professor José Carneiro e à Professora Susana Barreto
obrigado.

Resumo

Em 2013 desenvolvi uma série de postais intitulada *Postcards from the West Coast of Europe*, em colaboração com Vítor Campinho (antigo aluno do MDI). Esta série pretendia retratar Portugal na sua multiplicidade, um país que é maior que a soma de todos os seus monumentos, personalidades famosas e paisagens cativantes.

Desde o verão de 2013, *Postcards from the West Coast of Europe*¹ encontra-se em fase de hibernação porque, nessa altura, o meu colega Vítor Campinho decidiu emigrar e, dessa forma, o projeto *PftWCoE* ficou comprometido², tornando-se impossível a sua materialização.

Em 2015 iniciamos *Other Postcards from the West Coast of Europe*, um projeto inspirado em *PftWCoE*, mas que difere na forma como a paisagem é analisada. *PftWCoE* pintava um retrato idóneo de um país pertencente à costa oeste da Europa, enquanto *Other Postcards from the West Coast of Europe* tece críticas aos defeitos dessa mesma paisagem. No caso particular deste projeto de investigação, adotámos como caso de estudo a cidade de Viseu.

Palavras-Chave

Viseu, Fotografia Documental, Identidade, Erros Urbanos, Postal Ilustrado

¹Daqui para a frente, sempre que nos referirmos a *Postcards from the West Coast of Europe*, usaremos a sigla *PftWCoE*.

²*Postcards from the West Coast of Europe* é fruto de um trabalho realizado em conjunto. As fotografias que ilustram os postais são da minha autoria e o trabalho de *design* é do Vítor.

Abstract

In 2013 I've cooperated with Vítor Campinho — an ex-MDI alumni — in a series of illustrated postcards called *Postcards from the West Coast of Europe* that portraits Portugal in its multiplicity. A country that is bigger than the sum of all its monuments, famous personalities and captivating sceneries. Portugal is its cities, its people, all of that and much more put together and organized on the same plane.

Since the summer of 2013, *Postcards from the West Coast of Europe*³ is in an hibernation phase, because at that time Vítor⁴ emmigrated from Portugal and the project became unsustainable.

Now, in 2015, I begin *Other Postcards from the West Coast of Europe*, a project inspired by PftWCoE, but different in the way it studies the landscape. PftWCoE portrayed the image of an idoneous country of the west coast of Europe. *Other Postcards from the West Coast of Europe* critics the defects of that same landscape. In the particular case of this investigation project, the studied subject was the city of Viseu.

Keywords

Viseu, Documental Photography, Identity, Urban Mistakes, Picture Postcard

³ From here on out, every time we refer to *Postcards from the West Coast of Europe*, we will use the acronym PftWCoE.

⁴ *Postcards from the West Coast of Europe* is the fruit of a cooperative labour. The photographs that illustrate the postcards are mine and the design of the postcards is Vítor's work.

1.Introdução

1.1.Objeto de estudo

Não somos uma West Coast qualquer, uma West Coast de imitação: somos a Europe's West Coast.

...

Ao reposicionar Portugal como a Europe's West Coast criamos para europeus e americanos um novo lugar no mundo, uma nova e desconhecida realidade que é o novo Portugal (Bidarra, 2003).

OPftWCoE é a sequência de *PftWCoE*, um projeto que teve origem na inquietação causada por uma campanha publicitária assinada pela BBDO⁵ no final do ano de 2007, intitulada *Portraits from the West Coast of Europe by Nick Knight*. Esta campanha surge na sequência de um estudo de 2003 que a BBDO levou a cabo acerca da marca *Portugal*. E nesse estudo, foi colocada uma questão:

Como pode uma marca que é a 23^a do mercado, que tem fraca e até má reputação, pobres argumentos, baixo preço e uma desmotivada força de vendas, dar a volta por cima e criar um grande impacto no mercado?
(BBDO, 2003, p. 2)

De acordo com a BBDO, *Portugal* enquanto país e marca, manifesta 3 grandes problemáticas:

1.A Fama

- A BBDO afirma que os portugueses são *porteiros e mulheres-a-dias em França, criados na Suíça, bimbos em Inglaterra, pedreiros na Alemanha e padeiros no Brasil* (BBDO, 2003, p. 4);

⁵A BBDO (ou Batten, Barton, Durstine & Osborn) é uma das maiores agências publicitárias do mundo.

2.A Indiferenciação

- A BBDO não aceita o facto de os estrangeiros acreditarem que *o nosso Sol e Mar* (BBDO, 2003, p. 5) são melhores do que noutros países do sul da Europa;

3.0 Filtro

- A BBDO destaca a presença de um *filtro* que cobre todos os países do sul da Europa, incluindo Portugal. Esse *filtro* faz de Portugal um país *de Sol e Mar mas também de subdesenvolvimento, iliteracia, corrupção e dos recorrentes indicadores estatísticos de miséria*. Esta agência diz, ainda, que este *filtro* é o único culpado da imagem que Portugal transmite aos estrangeiros: um país que *é apenas mais um daqueles países do Sul que só serve para ir de férias e ainda por cima atrasado e pobre* (BBDO, 2003, p. 6).

Face a estas questões, a BBDO propôs uma reformulação da imagem de Portugal, tendo por base um jogo de associações ao imaginário popular da *West Coast* Norte-Americana. Essa mudança pretendia captar a atenção de turistas e de investidores externos, com o derradeiro objetivo de reavaliar o país e de anexar a Galiza que, segundo a BBDO, *é mais nossa que deles* (2003, p. 12). Todas essas alterações sugeridas pela BBDO (que culminam com a alteração do padrão da bandeira nacional (ver figura 1) tinham como derradeiro propósito mudar a imagem de Portugal no estrangeiro.



Figura 1 - A bandeira de Portugal, redesenhada pela BBDO.

Quando a campanha *Portraits from the West Coast of Europe by Nick Knight* foi lançada, gerou polémica. A decisão da BBDO em ter escolhido Nick Knight — um fotógrafo inglês — como fotógrafo da campanha, o facto de este assinar as fotografias⁶. e o custo total⁷ da campanha foram algumas das críticas dirigidas a este projeto.

O trabalho é feito numa semana e constará de paisagens e alguns retratos aos mais célebres portugueses, como Mariza, Mourinho e Ronaldo. O fotógrafo é de primeira água e faz-se pagar bem. Santos da casa não fazem milagres e porventura não haveria muitos fotógrafos portugueses a poderem dar uma visão tão cosmopolita e internacional como este Nick Knight. Lembro-me que o Duarte Pacheco também pediu ao Cecil Beaton para o fotografar no seu gabinete do Terreiro do Paço. Mas sejamos rigorosos: pagar este balúrdio a um fotógrafo parece-me um exagero (Carvalho, 2007).

Esta campanha é composta por duas categorias distintas de retratos:

1-Talents -> Retratos de algumas personalidades famosas de Portugal nos quais foi feita uma sobreposição com imagens da costa portuguesa;

2-Renewable Energies. -> Fotografias com a paisagem natural de Portugal acompanhadas de um *copy* que alude investimentos feitos em Portugal no âmbito das energias renováveis.

⁶É normal e corrente pensar-se que quando se anunciam retratos a figura importante é o fotógrafo, especialmente quando o seu nome aparece conjuntamente mencionado, como autor. O fotografado será apenas o referente, o objeto da curiosidade do fotógrafo, pretexto para o exercício do seu talento (Imagens de Marca, 2008).

⁷Irà a campanha - com um custo de três milhões de euros - fazer o mundo olhar para Portugal como um país moderno, inovador, em que as porteiras e os padeiros foram substituídos por cientistas e artistas plásticos (além, claro, dos futebolistas)? Irà a nossa autoestima aumentar com estes exemplos de portugueses de sucesso? Revemo-nos nesta imagem? Serve tudo isto para alguma coisa? (Coelho, 2007)

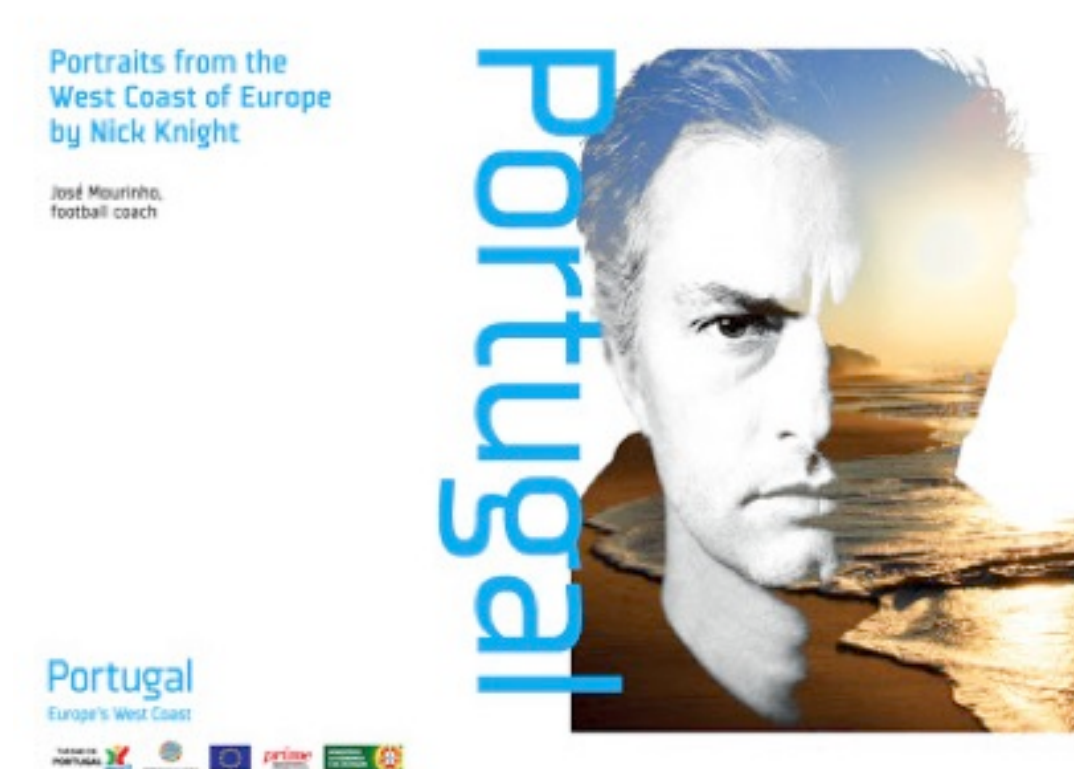


Figura 2 - Um dos retratos da série *Talents* da campanha *Portraits from the West Coast of Europe* by Nick Knight.

Em suma, de acordo com a BBDO, o Portugal *ideal* — o Portugal dos *Portraits from the West Coast of Europe* by Nick Knight — é um país de bom clima, praias paradisíacas e povoado por um diminuto grupo de figuras notáveis. Nestes retratos, ficou de fora a dimensão humana do cidadão português e a sua expressão individual, bem como o território português, que não consiste, unicamente, em praias e campos verdejantes. Os retratos de Knight procuram promover uma parte do Portugal (então) atual, mas omitem qualquer vestígio dos seus 800 anos de história.



Figura 3 - Em cima e em baixo, dois retratos da série *Renewable Energies* da campanha *Portraits from the West Coast of Europe* by Nick Knight.

Um dos cartazes diz 'Portugal, o país com a maior central fotovoltaica do mundo' e outro 'Portugal, o país Europeu com a maior taxa de crescimento em energia eólica' (não se percebe a maiúscula em Europeu). Este destaque inusitado e um pouco parolo ao 'maior' qualquer coisa de Portugal aproxima os anúncios das recorrentes notícias televisivas sobre o maior salpicão de Trás-os-Montes a concorrer para o Guinness. As duas fotografias mostram ora a beira-mar numa praia rochosa ora as ervas numa duna marítima. As imagens sugerem uma realidade iludindo outra: se é certo que pretendem sugerir uma energia limpa e não poluente, escondem a poluição visual que a energia eólica provoca na paisagem (Torres, 2007).

Assim como Miguel Real, que afirmou em entrevista ao público não se sentir *representado por uma cantora ou um futebolista, mas pela cultura que Portugal produziu ao longo de 800 anos* (2007), nós também consideramos que a campanha *Portraits from the West Coast of Europe by Nick Knight* apresenta uma visão muito redutora do país que é Portugal. Nesse sentido, *PftWCoE* procurou fixar o olhar do espectador na realidade que o rodeia no seu dia a dia e preencher as lacunas deixadas em branco pela campanha de Knight, através da linguagem do postal ilustrado.



Figura 4 - No meio, o postal da estação de São Bento da série *PftWCoE*; em cima e em baixo, duas das fotografias dessa estação que foram usadas na construção do postal ilustrado.

É na sequência da iniciativa começada em *PftWCoE* que surge *OPftWCoE*. Dado que *OPftWCoE* se vai desenvolver em condições distintas de *PftWCoE*, parece-nos ajustado a discussão de um novo problema. Assim, este projeto compreende um conjunto de testes e ideias que sustentam uma hipótese de investigação possível para a continuação do projeto *PftWCoE*: o estudo da cidade de Viseu por via da imagem fotográfica e posterior redução deste conteúdo a postais. Viseu foi o local destacado nestes postais por dois motivos:

Ligação emocional a Viseu: Eu sou viseense e vivi durante 22 anos nesta cidade. Nesse sentido, assumo o papel de *completo participante*⁸ nesta ação: sou um observador da cidade e, simultaneamente, tenho uma participação ativa na mesma enquanto seu habitante.

Logística: Viseu é a cidade onde se encontram os escritórios da José D'Oliveira (a empresa na qual foi realizado o estágio) um estúdio que se dedica à produção de fotografia e vídeo, com particular enfoque na área da reportagem de casamentos. O estágio na José D'Oliveira apresentou-se como uma rampa privilegiada para a realização de *OPftWCoE* e o próprio José de Oliveira manifestou, logo no início de todo o processo, o seu interesse em contribuir para o projeto.

Além da alteração da cidade de *PftWCoE* — trocar o Porto por Viseu — pareceu-nos, também, válido alterar o conteúdo dos nossos postais. *PftWCoE* procurava afirmar os valores nacionais: o sol, o mar, os espaços bem aproveitados e apelativos. Já *OPftWCoE* debruça-se sobre os aspetos da paisagem que não figurariam nos postais *convencionais*⁹. Em *OPftWCoE* aquilo que é dissuasor na paisagem urbana de Viseu, os seus *pecados urbanos* como lhes chama Eduardo Fernandes no seu texto de 2003, *Seven — os sete pecados urbanos*¹⁰, será o núcleo da nossa investigação e matéria fértil para a construção

⁸*The complete participant - takes an insider role, is fully part of the setting and often observes covertly* (Gold, 1958, pp. 217-223)

⁹Definimos como postais convencionais todos aqueles que trazemos para casa depois de uma viagem para oferecer à família. Postais esses que são adquiridos em lojas dedicadas à venda de artesanato local e de recordações.

¹⁰...existe mesmo um consenso alargado em relação àquilo a que se chama “os problemas das cidades”, que se pode resumir, caricaturando, a um conjunto de dicotomias maniqueístas que opõe uma ideia positiva de centro! histórico (“bonito”, símbolo de valores culturais, sociais e históricos,

dos nossos postais. Se a série *PftWCoE* tinha um fim em si mesmo, a projeção dos postais de *OPftWCoE* vai além do que estes representam: os mesmos são ferramentas de consciencialização dos seus leitores. Em vez de ilustrarmos o postal com imagens apelativas de Viseu, preferimos usá-lo para pôr a nu os seus defeitos, uma linha de ação com a finalidade de chamar a atenção dos viseenses para alguns dos problemas da cidade.

Habitualmente, o postal evoca boas memórias a quem o envia e felicidade a quem o recebe. Mas nós queremos que os postais de *OPftWCoE* causem uma reação diferente no seu espectador: confusão. A confusão de testemunharem um defeito na paisagem, naquele que seria um objeto reservado a ilustrar o engrandecimento do local retratado. Em *OPftWCoE* olhamos para o postal como um objeto portador de complexidade imagética e com capacidades narrativas. Nessa perspetiva, levantamos a seguinte questão:

Como pode uma série de postais que ilustram Viseu, na sua contemporaneidade, sensibilizar os seus cidadãos para algumas problemáticas da cidade?

ou seja, de um património a preservar) a uma ideia negativa das periferias de urbanização recente ("feias", caóticas, demasiado densas, reflexo de tudo o que se aponta como negativo na sociedade atual: especulação imobiliária, desenraizamento, individualismo, stress) (Fernandes, 2003, p.1).



Figura 5 - Em cima, um postal da Sé Catedral de Viseu; no meio, uma foto capturada durante a edição de 2015 dos *Jardins Efêmeros*; em baixo, o postal “A Minha Cidade é o Meu Jardim.” da série *OPftWCoE*.

1.2.Motivação

O motor deste projeto é o desejo pessoal de dar início ao projeto *OPftWCoE*, sendo que este é a forma encontrada para reavivar o trabalho desenvolvido no formato de postal, iniciado em *PftWCoE*. A transição técnica e teórica de *PftWCoE* para *OPftWCoE*, as soluções gráficas estudadas, a linguagem e a imagem adequadas a estes postais, estas são as questões que constituem o núcleo do presente projeto de investigação, o qual foi desenvolvido no contexto de estágio. Porém, o desafio que o estágio representou e a vontade de adquirir experiência em contexto profissional são também fatores que me levaram a assumir esta tarefa.

1.3.Objetivos

Este projeto de investigação desenrola-se em duas vertentes: a primeira encontra-se diretamente relacionada com o desenvolvimento dos postais de *OPftWCoE*; A segunda remete para a relação estabelecida entre *OPftWCoE* com o estágio na José D'Oliveira. Logo à partida, tínhamos a plena consciência de que teríamos que adaptar a linguagem do postal para estes se enquadrarem na mensagem da José D'Oliveira. E para tentar balizar o espectro de todo este processo, definiu-se um conjunto de objetivos a cumprir com este projeto de investigação:

- Identificar os *erros urbanos*¹¹ da cidade de Viseu;
- Fazer um levantamento fotográfico dos mesmos;
- Desenvolver uma série de postais que os ilustrem;
- Utilizar os conhecimentos adquiridos na realização da série *OPftWCoE* para desenvolver um objeto publicitário no formato postal para a José D'Oliveira;
- Adquirir conhecimento na área da videografia e da fotografia, bem como noções práticas sobre o mercado de trabalho em virtude da experiência de estágio.

¹¹ Em *OPftWCoE*, definimos erros urbanos como sendo todas as estruturas e elementos concebidos pelo Homem que em nada contribuíram para melhorar (e em alguns casos até pioraram) a zona em que se encontram inseridos.

1.4. Metodologia

Como referimos anteriormente, este projeto de investigação compreendeu dois corpos de trabalho distintos que foram desenvolvidos em paralelo: o primeiro diz respeito diretamente à *OPftWCoE*; o segundo está ligado à componente prática de estágio na José D'Oliveira.

OPftWCoE procurou identificar um conjunto de *erros urbanos* na cidade de Viseu, interpretar os seus efeitos visíveis na paisagem e, por via do postal¹²¹³, sensibilizar os viseenses para estas problemáticas. Mas porque é que o estudo e a compreensão destas problemáticas é importante? Porque todas as cidades são/foram vítimas de *erros urbanos* que condicionam a sua condição no presente e parte do seu desenvolvimento futuro. E *OPftWCoE* é a expressão da minha visão de Viseu, a minha interpretação da cidade enquanto investigador, fotógrafo, viseense, no papel de completo observador destes fenómenos.



Figura 6 - O postal "Cicatriz curada." da série *OPftWCoE*.

¹² Todos os postais de *OPftWCoE* encontram-se no *anexo 1* deste documento.

¹³ No *anexo 2* deste documento está presente um estudo sobre o desenho dos postais, efetuado na génese de *OPftWCoE*.

No entanto, os pressupostos teóricos que motivaram a execução de *OPftWCoE* não estão relacionados com os que balizaram o trabalho desenvolvido durante o estágio na José D'Oliveira. O postal — o objeto usado em *OPftWCoE*, um projeto de caráter pessoal — foi adaptado à José D'Oliveira para atender a uma necessidade da empresa. Mas enquanto a mensagem de *OPftWCoE* contém um tom crítico e expositivo dos *erros urbanos* de Viseu, os postais desenvolvidos para a José D'Oliveira destinam-se a publicitar a empresa e os serviços que esta presta na área da reportagem de casamentos.



Figura 7 - Um dos postais desenvolvidos para a José D'Oliveira.

No contexto do estágio na José D'Oliveira não tive total liberdade criativa no processo de adaptação dos postais de *OPftWCoE* às necessidades da empresa. Tive, obviamente, que fazer algumas cedências em termos formais, de *design*, e até no âmbito da própria captação da imagem. Observando os dois postais da figura 6 e 7, é visível a distinção entre o teor do conteúdo do trabalho desenvolvido em *OPftWCoE* e aquele presente nos postais desenhados para a José D'Oliveira. Mas apesar das suas diferenças, os postais desenhados para a José D'Oliveira são a ponte que une o trabalho desenvolvido durante o período

de estágio e a investigação levada a cabo em *OPftWCoE*. Além disso, comprovada a maleabilidade da fórmula do postal, conseguimos não só resolver com sucesso o problema que nos foi colocado pela José D'Oliveira mas, também, encontrar a linguagem que iríamos utilizar em *OPftWCoE*.

Em seguida explicitaremos todos os processos de adaptação da linguagem postal de *OPftWCoE* às necessidades manifestadas pela José D'Oliveira durante o período de estágio. Dada a sua importância na génese de todo o projeto, só depois de explicar este processo de adaptação estaremos em condições de introduzir devidamente *OPftWCoE*.

1.5.O Estágio na José D'Oliveira

Acreditamos na vida como arte. Somos criativos, desafiamos a arte e criamos personalidade. Damos vida aos seus sonhos, aos acontecimentos, às memórias, ao amor, à sua marca. Contar a sua história, promover a sua imagem e obter a sua satisfação é o nosso desafio!

Bem Vindo ao seu espaço! (de Oliveira, 2014)

Embora a investigação levada a cabo em *OPftWCoE* e o trabalho de formulação do postal desenvolvido para a José D'Oliveira fossem tarefas distintas, estes processos complementam-se e foram desenvolvidos em simultâneo. Dado o cariz muito pessoal dos postais de *OPftWCoE* e, sendo que cada postal reclama o seu próprio espaço, comunicando mensagens diferentes em contextos distintos — um postal é para ser usado num contexto empresarial e o outro integra-se num projeto pessoal — foi estipulado, à priori, que se iria desenvolver uma versão alternativa para aplicar no contexto do estágio na José D'Oliveira. Não faria sentido tornar este projeto pessoal em algo que obedecesse a algum tipo de regra estética de terceiros. Além disso, a José D'Oliveira desde cedo expressou que as intenções da empresa em relação ao postal seriam completamente diferentes daquelas do campo de estudo do meu projeto.

A José D'Oliveira pretendia que o postal se convertesse num objeto que publicitasse o trabalho da empresa, com particular destaque nos serviços prestados na área da reportagem de casamentos. Esse pedido ajudou a balizar o tema dos postais mas ainda não era claro naquela altura qual o espaço que esse postal iria ocupar na sequência de eventos de um casamento. Seria este postal um simples suporte de fotografias capturadas durante casamentos? Seria ele

uma espécie de *save the date*¹⁴, destinando-se a ser distribuído antes de uma cerimónia? Ou seria este um postal que destacasse os pontos altos de um casamento e que seria distribuído em algum momento após a cerimónia? Inicialmente, a única certeza era a da pretensão de um objeto destinado exclusivamente à promoção dos serviços prestados na área dos casamentos. Isto porque o objeto que a José D'Oliveira utiliza, quase em exclusivo, para promover os seus serviços, é um cartão de empresa bastante sucinto em termos de conteúdo. Este cartão destaca o logo da José D'Oliveira na frente, no seu verso, encontramos os contactos e morada da empresa e não há qualquer tipo de referência à expressão do trabalho que a empresa desenvolve. Nessa perspetiva, as propriedades de suporte imagético do postal ajudaram a preencher essa lacuna, tornando-se, este, num elemento publicitário mais expressivo do que o cartão da empresa.



Figura 8 – Face frontal do cartão da José D'Oliveira.

Com todas estas limitações em mente foi elaborada uma primeira versão para dar resposta ao pedido da José D'Oliveira.

¹⁴ Um convite formal por escrito a dar conta de uma data importante e reter por parte do convidado. Os *save the date* são normalmente utilizados em casamentos.



Figura 9 - A primeira versão do postal realizado para a José D'Oliveira

Para este primeiro postal, foi utilizado um conjunto de fotografias do mesmo álbum de casamento. Na frente do postal somos confrontados com uma composição que utiliza três fotografias da autoria do José de Oliveira e o logótipo da José D'Oliveira no canto inferior esquerdo. No verso, incluiu-se uma imagem acompanhada de um breve agradecimento textual aos convidados da cerimónia, onde foram desenhados os espaços devidos para o remetente preencher a sua mensagem. Este postal seria utilizado pelos noivos para enviar uma mensagem de agradecimento aos convidados por terem comparecido na sua cerimónia.

Com todas estas características, este postal é um suporte dinâmico de promoção dos serviços da José D'Oliveira na área da reportagem de casamentos: é simultaneamente uma montra do trabalho da José D'Oliveira e um dispositivo de comunicação interpessoal.

Este primeiro estudo foi bem recebido pela José D'Oliveira. Porém, este teria que sofrer algumas alterações ao nível do seu conteúdo e da forma como este é apresentado:

- O postal deveria conter no verso a morada e os endereços de contactos da empresa;
- Teria que se encontrar um padrão ou modelo que pudesse ser aplicado a uma série de postais, com vista à sua impressão em grandes números;
- Este utilizaria imagens seleccionadas pelo José de Oliveira (neste esboço as imagens foram seleccionadas por mim);

Após a implementação de todas as reformulações, chegámos a uma nova composição.





José de Oliveira

Rua Doutor Luís Ferreira (Rua do Comércio)
Nº85, 1º Direito
3500 - 111 Viseu

(+351) 968 039 028
www.josedeoliveira.pt

Figura 10 - Em cima e em baixo, frente e verso (respetivamente) da segunda versão dos postais desenvolvidos para a José D'Oliveira.

Este segundo estudo foi apresentado à José D'Oliveira como um possível *flyer* para ser distribuído aos seus clientes. Excluiu-se o nome do casal por forma a eliminar qualquer rasto temporal do momento retratado, tornando assim este postal intemporal na sua expressão. No verso do postal, incluímos a morada da sede da José D'Oliveira, o seu número de telefone e o endereço do seu *website* no local habitualmente reservado para o destinatário. Ao deixarmos o espaço do remetente em aberto, pretendemos motivar o potencial cliente a fazer uso do postal para contactar a José D'Oliveira. No entanto, caso o cliente não desejasse contactar a José D'Oliveira pela via postal, poderia fazê-lo através da sua morada, número de telefone e *website*. Desta maneira, o postal pode ser encarado como um dispositivo de comunicação interpessoal e, simultaneamente, como uma montra e cartão empresarial. Seriam feitas cópias dos postais para serem distribuídas nos locais onde são realizadas as festas posteriores à cerimónia de casamento, bem como na sede da José D'Oliveira, elucidando potenciais clientes sobre os serviços da empresa.

Apesar desta segunda versão já cumprir grande parte das exigências da José D'Oliveira, esta foi alvo de reformulações. Em termos formais, o José de Oliveira manifestou a sua preferência por uma composição que destacasse o logótipo da empresa na frente do postal, opondo-se à utilização de apenas uma fotografia a ilustrar essa face. O José de Oliveira também sugeriu algumas alterações ao verso do postal: a exclusão de algumas das linhas destinadas à escrita de remetente; a alteração da tipografia do corpo de texto do destinatário; a adição do logótipo da José D'Oliveira no local reservado para o selo.

Depois de efetuadas as referidas alterações, chegamos à versão final do postal a ser utilizado pela José D'Oliveira para promoção dos seus serviços na área da reportagem de casamentos.



D



José de Oliveira
Rua Doutor Luís Ferreira
Nº85, 1º Direito
3500 - 111 Viseu

(+351) 968 039 028
www.josedoliveira.pt

Figura 11 - A versão final dos postais utilizados pela José D'Oliveira.

Foram feitos 6 postais¹⁵ diferentes para serem usados pela José D'Oliveira nas suas reportagens de casamento e para serem distribuídas no seu estúdio. Além deste trabalho de adaptação da linguagem do postal para satisfazer uma necessidade da José D'Oliveira, durante o período de estágio houve também a aquisição de forma empírica de competências teórico-práticas na área do atendimento ao cliente, aprofundando os meus conhecimentos em matéria da fotografia e do vídeo.

O estágio na José D'Oliveira marcou o início de *OPftWCoE* e de todo o processo de catarse de *PftWCoE*. Mas assim que se iniciou a série *OPftWCoE*, esta distanciou-se do trabalho realizado durante o período de estágio na José D'Oliveira, ganhando uma voz própria. Os postais da série *OPftWCoE* procuram dar voz aos *erros urbanos* de Viseu enquanto que os postais desenvolvidos para a José D'Oliveira têm um carácter institucional, de promover o trabalho de uma empresa.

Em seguida, abordaremos a série *OPftWCoE*. Vamos introduzir as ideias e os conceitos que contribuíram para a consolidação do projeto em termos teóricos e no que diz respeito à sua metodologia prática.

¹⁵Todas as versões dos postais da José D'Oliveira estão presentes no *anexo 3* deste documento.

2. Referencial Teórico

2.1.Fotografia Documental: escolha do média

Enquadram-se na categoria da fotografia documental todas as imagens que retratam uma matéria em profundidade e ao longo de um dado período de tempo. Henri Cartier-Bresson definiu esta forma de fotografar no seu texto *The Decisive Moment*, atribuindo-lhe o nome de *história fotográfica* (1952, p.19):

O que é, na realidade, uma reportagem fotográfica, uma história fotográfica? Por vezes existe uma única fotografia cuja composição possui tamanho vigor e riqueza, e cujo conteúdo destaca-se de tal forma desta, que esta singular fotografia é a própria história em si mesma. Mas isto raramente acontece. Os elementos que, juntos, podem extrair faíscas de um tema, estão frequentemente dispersos — quer em termos de espaço ou tempo — e aproximá-los pela força é “manipulação do palco,” e, fazer batota, eu penso. Mas se for possível fazer fotografias do “núcleo” bem como das faíscas lançadas pelo tema, isto é uma história fotográfica;

...

A história fotográfica envolve uma operação conjunta entre o cérebro, o olho e o coração. O objetivo desta operação conjunta é o retratar do conteúdo de algum evento que está no processo de se desenrolar, e o de comunicar impressões. Por vezes um único evento pode ser tão rico em si próprio e nas suas facetas que é necessário mover-nos através dele na vossa busca pela solução para o problema que este coloca — o mundo é movimento, e nós não podemos ser estacionários na nossa atitude face a algo que se está a mover¹⁶ (Cartier-Bresson, 1952, p. 19).

¹⁶What actually is a photographic reportage, a picture-story? Sometimes there is one unique picture whose composition possesses such vigor and richness, and whose content so radiates outward from it, that this single picture is a whole story in itself. But this rarely happens. The elements which, together, can strike sparks out of a subject, are often scattered — either in terms of space or time — and bringing them together by force is “stage management” and, I feel, cheating. But if it is possible to make pictures of the “core” as well as the struck-off sparks of the subject, this is a picture-story;

...

The picture-story involves a joint operation of the brain, the eye and the heart. The objective of this joint operation is to depict the content of some event which is in the process of unfolding, and to communicate impressions. Sometimes a single event can be so rich in itself and its facets that it is necessary to move all around it in your search for the solution to the problems it poses — for the world is movement, and you cannot be stationary in your attitude toward something that is moving (Cartier-Bresson, 1952).

Todo o processo fotográfico levado a cabo em *OPftWCoE* enquadra-se no domínio da fotografia documental. Preferimos alargar-nos na exposição da nossa narrativa visual e destacar, através de fotografias, algumas problemáticas representativas de uma realidade: os *erros urbanos* de Viseu e os seus efeitos ao longo do tempo. *OPftWCoE* foi um projeto desenvolvido durante a primavera e o verão de 2015, tendo sido produzidas fotografias em diversos pontos da cidade e, por vezes, tendo em consideração datas e eventos pontuais. Como, por exemplo, a feira semanal, a Feira de São Mateus ou os *Jardins Efémeros*.



Figura 12 - Duas fotografias capturadas na feira semanal de Viseu.

Queremos, com a exposição dessa história, consciencializar os viseenses para estas problemáticas através do postal ilustrado, um objeto que desde a sua génese se manteve inalterado em termos formais e que, por via das suas propriedades enquanto dispositivo de comunicação à distância, expande as capacidades narrativas da fotografia que o ilustra. No texto *Urban Artifacts and the Collective Memory: The Postcard as a Memory Place*, Linda Samuels estabelece a ponte entre a fotografia e o postal ilustrado.

Como a fotografia, o postal é recordação, arte e evidência. Ambos lidam com a apropriação e a idealização do espaço; prova; o reconhecimento e a formação de tipos; democratização (ou neutralização) de espaços e pessoas; e a obrigação de capturar...dando ao local ou objeto credibilidade e importância somente por ter sido documentado. O postal e a fotografia incorporam o novo objetivo do turista — o colecionar — de olhares e a extensão da fantasia. A efemeridade da vida é congelada, um momento é capturado e preservado. O postal, porém, pode ser percebido como a tradução pós-moderna da câmara moderna (Samuels, 1999, p. 370)¹⁷.

Neste próximo capítulo, iremos fazer uma breve resenha da origem do postal ilustrado e, a seguir, explicaremos quais as vantagens deste enquanto suporte imagético e dispositivo de comunicação interpessoal, e, finalmente, explicitaremos de que maneira tirámos proveito dessas características em *OPftWCoE*.

¹⁷ *Like the photograph, the postcard is souvenir, art, and evidence. Both deal with appropriation and idealization of place; proof; the recognition and formation of types; democratization (or neutralization) of places and people; and an obligation to capture...giving a place or object credibility and importance merely by being documented. The postcard and photograph embody the new goal of the tourist – the collecting - of gazes and the extension of the fantasy. The ephemerality of life is frozen, a moment is captured and preserved. The postcard, however, can be perceived as the postmodern translation of the modern camera (Samuels, 1999, p. 370).*

2.2.O Postal

2.2.1.O Postal Enquanto Suporte Imagético

No início do séc. XX, o postal ilustrado de viagem desempenhava um papel importante na atividade turística: estes eram, para os seus destinatários, montras privilegiadas para os locais que os seus remetentes visitaram. Bjarne Rogan descreve este fenómeno no seu texto *An Entangled Object: The Picture Postcard as Souvenir an Collectible, Exchange and Ritual Communication*

A febre do postal foi a resposta a um novo desejo por coisas, criado por um acesso sem precedentes a comodidades por parte de grupos populacionais mais amplos. Foi uma resposta a um desejo por imagens coloridas, tornada possível por novas técnicas de reprodução. Foi uma resposta às necessidades de comunicação modernas dado o arranque do turismo em massa e a escala exponencial do seu crescimento (Rogan, 2005, p. 3)¹⁸.



Figura 13 - Um postal ilustrado de Viseu, produzido por Alberto Malva no ano de 1906.

¹⁸ *The postcard craze was a response to a new desire for things, created by an unprecedented access to commodities for broader population groups. It was a response to a longing for colorful images, made possible by new reproduction techniques. It was an answer to modern communication needs as mass tourism began to take off on a burgeoning scale (Rogan, 2005, p.3).*

Apesar de no início do séc. XX o processo fotográfico já estar inserido¹⁹ no mercado de consumidor, fotografar as nossas férias era ainda um processo dispendioso²⁰. Do ponto de vista económico, adquirir um postal ilustrado era mais vantajoso. Essa tendência verificou-se ao longo de vários anos até à introdução da fotografia digital no mercado de consumidor, no final dos anos 1990. Ainda que a digitalização do processo fotográfico tenha começado no ano de 1975, com a invenção da primeira câmara fotográfica digital, só na década de 2000 é que este processo se massificou.



Figura 14 - A primeira câmara fotográfica digital, inventada por Steve Sasson em 1975.

Atualmente, é mais fácil para o indivíduo comum produzir, utilizar e consumir fotografias. Existem várias câmaras fotográficas — analógicas e digitais — disponíveis no mercado de consumidor, colocando ao alcance de todos a capacidade de fotografar²¹. Programas de edição de imagem tais como o *Adobe Photoshop*²² ou o *GIMP*²³ transformaram os nossos computadores nos estúdios de

¹⁹ A Kodak Brownie foi a primeira máquina fotográfica produzida especificamente para mercado de consumidor, no ano de 1901.

²⁰ Na altura do seu lançamento em meados da década de 70, a Canon AE-1 equipada com uma 50mm f/1:1.4 custava 275 US\$. Se fizermos uma estimativa atual, 275 US\$ em meados dos anos 70 corresponderiam hoje a aproximadamente 1700 US\$ ou 1503€.

²¹ As câmaras fotográficas digitais armazenam as fotografias capturadas nas suas memórias internas e/ou em cartões de armazenamento, convertendo estas em ficheiros que ficam imediatamente disponíveis para serem utilizados pelo seu autor sem que seja necessário qualquer processo de revelação dos mesmos.

²² Um programa de edição de imagem criado em 1988 por Thomas e John Knoll.

revelação fotográfica atuais,. Neles, podemos trabalhar as nossas fotografias, melhorar alguns aspetos das mesmas e usá-las para arquitetar composições digitais — um postal, por exemplo. Podemos, ainda, utilizar a *internet* para publicar as nossas imagens num *website*, tornando-as acessíveis para o mundo inteiro²⁴. Esta atitude contribuiu para que a *www*²⁵ se tornasse numa extensa biblioteca de imagens, acessível em qualquer altura e em qualquer parte do mundo. Todas estas vantagens contribuíram para a democratização do processo fotográfico. Paulo Maia descreve-nos este fenómeno no artigo *Pontos de Convergência entre Fotografia e Cinema no Século XIX*.

...da representação mecânica da realidade, da reprodutibilidade das imagens e da velocidade crescente de todos os processos fotográficos nasce a democratização da imagem fotográfica e dos seus objetos de observação (Maia, 2012, p. 11).

Se até então adquirir um postal ilustrado era a maneira mais prática — e em alguns casos a única — de um turista trazer para casa fotografias dos locais que tinha visitado, hoje em dia, esta é a maneira mais incómoda de o fazer. Além do custo do postal, se quisermos enviá-lo a outra pessoa, temos que o enviar pelo correio. Em alternativa, podemos simplesmente tirar uma fotografia com a nossa câmara fotográfica digital e enviá-la através da *internet*. Enquanto no postal ilustrado figura apenas uma imagem, a câmara fotográfica oferece-nos a possibilidade de nos expressarmos, criando o nosso próprio repertório fotográfico, o qual podemos utilizar para a construção dos nossos próprios postais.

OPftWCoE não dá a conhecer todas as faces de Viseu através dos seus postais ilustrados, centrando-se somente nos seus *erros urbanos*. O postal ilustrado — normalmente um veículo emocional de imagens e momentos

²³ *GIMP* ou *General Image Manipulation Program* é um software open-source criado em 1995 por Spencer Kimball e Peter Mattis.

²⁴...uma sociedade torna-se «moderna» quando uma das suas principais atividades é produzir e consumir imagens, quando as imagens, que influenciam extraordinariamente a determinação das nossas exigências para com a realidade e são elas mesmas um substituto cobiçado da experiência autêntica, passam a ser indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade da política e para a procura da felicidade privada (Sontag, 1977, pp. 149-150).

²⁵ *World Wide Web*

agradáveis — é, em *OPftWCoE*, conjugado com um repertório visual que ilustra problemáticas de carga negativa.



Figura 15 - Em cima, um postal antigo da Praça D. Duarte; em baixo, um dos postais de *OPftWCoE*.

Queremos interceder com o leitor dos nossos postais, convidando-o a abandonar a sua postura passiva e a tornar-se num participante ativo. Ao colocar

em evidência os defeitos de Viseu nos seus postais, *OPftWCoE* não procura demover os turistas de visitarem a cidade, mas sim motivar os viseenses a olharem para esta de outra perspetiva: uma perspetiva crítica. Neste registo, Luke Foss e Jennifer Sala desenvolveram no ano de 2013 uma série de postais chamada *Finally, San Francisco Postcards for San Franciscans*. Jennifer afirma que o que a motivou a fazer esta série de postais foi o *défice de sarcasmo e de duras verdades* na seleção de postais ilustrados disponíveis nas lojas de São Francisco (2013)²⁶.



Figura 16 - Um dos postais da série *Finally, San Francisco Postcards for San Franciscans* da autoria de Luke Foss e Jennifer Saia (2013).

Em seguida, falaremos das propriedades do postal enquanto dispositivo de comunicação à distância e como este é encarado e utilizado no atual panorama tecnológico.

²⁶ *I'm a huge fan of cheesy, tourist-style postcards; they are truly the exclamation points of mail...Sending them is a wonderful feeling too, but a quick stroll through a downtown Walgreens or the shops in Fisherman's Wharf and you'll find the postcard selection sufficiently lacking in the sarcasm and cold-hard-truth departments. To fill that void, Luke Foss and I created the best postcard set ever, ever known to man. Ever* (Saia, 2013).

2.2.2.O Postal Enquanto Dispositivo de Comunicação

Mais de um século passou desde a *era dourada* do postal. Porém, o formato deste artefacto manteve-se inalterado. O postal continua a ser um objeto em papel com uma frente ilustrada e um verso com um espaço dedicado para a escrita. Bjarne Rogan enunciou no seu texto *An Entangled Object: The Picture Postcard as Souvenir, Collectible, Exchange and Ritual Communication* (2005, pp. 4-6) 4 fatores que ajudam a explicar o que esteve por detrás da enorme popularidade do postal durante a sua *era dourada*.

1. A estética do postal

> *Enquanto objeto pictórico barato num mundo onde outras imagens coloridas eram ainda raras e caras, o motivo contido neles era de elevada importância. As imagens davam prazeres visuais, informação acerca de locais distantes e pessoas famosas, oportunidades para desejar e sonhar, e pretextos para discussões familiares e conversas em ocasiões sociais, como por exemplo no muito comum hábito de manter álbuns de postais para os convidados da casa verem* (Rogan, 2005, p. 4)²⁷.

Na *era dourada* do postal, a forma mais económica para uma pessoa ter a possibilidade de *possuir* uma imagem era adquirir um postal. Sendo que as telas eram dispendiosas e que o vídeo e a fotografia ainda estavam numa fase embrionária, o postal era um objeto de grande importância. Este apresentava-se como o único meio ao dispor da maioria das pessoas, para ver, consumir e possuir imagens.

²⁷ *The aesthetics of the card. As a cheap pictorial item in a world where other colored were still rare and expensive, the motif in itself was of high importance. The pictures gave visual pleasures, information about distant places and famous persons, opportunities for longing and dreaming, and pretexts for discussions in the family and conversations at social gatherings, as for example in the very common habit of keeping postcard albums for guests to look at* (Rogan, 2005, p. 4).

2. O postal enquanto recordação.

> *O enorme número de todos os tipos de postais (aparte postais estritamente destinados a serem colecionados) guardados para a posteridade em arcas e gavetas, em recantos e sotãos, conta o seu próprio conto sobre a vontade de manter viva a memória de pessoas, locais e eventos (Rogan, 2005, pp. 4-5)²⁸.*

3. O postal enquanto artigo de coleção.

> *Uma nova vaga de colecionismo, a dos postais ilustrados, varreu o mundo ocidental no ano 1900. O vulgar colecionador tinha mais uma vez acesso a um novo, barato e ubíquo objeto pictórico, assim como nos primeiros dias da filatelia²⁹ (Rogan, 2005, p. 5)³⁰.*

4. O postal enquanto meio de comunicação.

> *A força motor por trás do postal, de um ponto de vista histórico, foi a necessidade de um média prático, barato e rápido para enviar mensagens curtas e simples. Escrever cartas era para a elite, não para as pessoas comuns, e mais para as mulheres do que para os homens. O telégrafo, introduzido na década de 1860, foi até à Primeira Guerra Mundial uma dispendiosa forma de comunicar, usada maioritariamente na área dos negócios (Rogan, 2005, pp. 5-6)³¹.*

²⁸ *The card as a souvenir. The enormous number of all sorts of cards (apart from collections strictly speaking) secured for posterity in chests and drawers, in recesses and attics, tells its own tale about the drive to uphold the memory of persons, places and events (Rogan, 2005, pp. 4-5).*

²⁹ Área que se dedica ao estudo e à coleção de selos postais.

³⁰ *The Card as a collectible. A new collecting vogue, that of the picture postcards, swept over the Western world around 1900. The ordinary collector once more had access to a new, cheap, and ubiquitous pictorial item, as in the early years of stamp collecting (Rogan, 2005, p. 5).*

³¹ *The card as a means of communication. The driving force behind the postcard, from a postal history point of view, was the need for a practical, cheap, and quick medium for sending short, simple messages. Writing letters was for the élite, not for ordinary people, and for women more than for men. The telegraph, introduced in the 1860s, was until around World War I an expensive way of communicating, mostly used for business purposes (Rogan, 2005, pp. 5-6).*

Enquanto meio de comunicação, o postal era e ainda é um meio de comunicação relativamente fácil de utilizar. Enviar um postal a outra pessoa é um processo que compreende 4 passos:

- 1-Escolher o postal cuja imagem melhor se adequa à nossa mensagem;**
- 2-Escrever algumas palavras no seu verso para enviar ao nosso destinatário;**
- 3-Escrever o nome e a morada do nosso destinatário;**
- 4-Enviar o postal pelo correio.**

Sustido pelos dedos de uma mão, o postal é imagem coletiva e sentimento individual, ambos os lados de uma porta (público e privado) igualmente exposta (Samuels, 1999, p. 370)³².

Apesar da simplicidade do processo, o postal ilustrado apresenta-se como uma forma muito pessoal de comunicação. Além de escrevermos nele uma mensagem ao nosso destinatário, é necessário proceder à escolha do postal com a ilustração mais adequada à nossa mensagem. Cartier-Bresson destacou a necessidade de legendarmos as nossas imagens numa *história fotográfica*, dado que as palavras contidas delas *iluminam as coisas relevantes que estão para além do alcance da câmara* (1952, pp. 28-29)³³. Esta relação entre o texto e a imagem³⁴ fazem do postal ilustrado um narrador de *histórias fotográficas*, tornando-o num dispositivo de comunicação à distância mais completo e pessoal do que uma mensagem escrita numa carta.

³² *Held in the fingers of a hand, the postcard is collective image and individual sentiment, both sides of a door (public and private) equally exposed* (Samuels, 1999, p. 370).

³³ *In a picture-story, the captions should invest the pictures with a verbal context, and should illuminate whatever relevant thing it may have been beyond the power of a camera to reach* (Cartier-Bresson, 1952, pp. 28-29).

³⁴ Aprofundaremos esta matéria no capítulo 2.2.3.

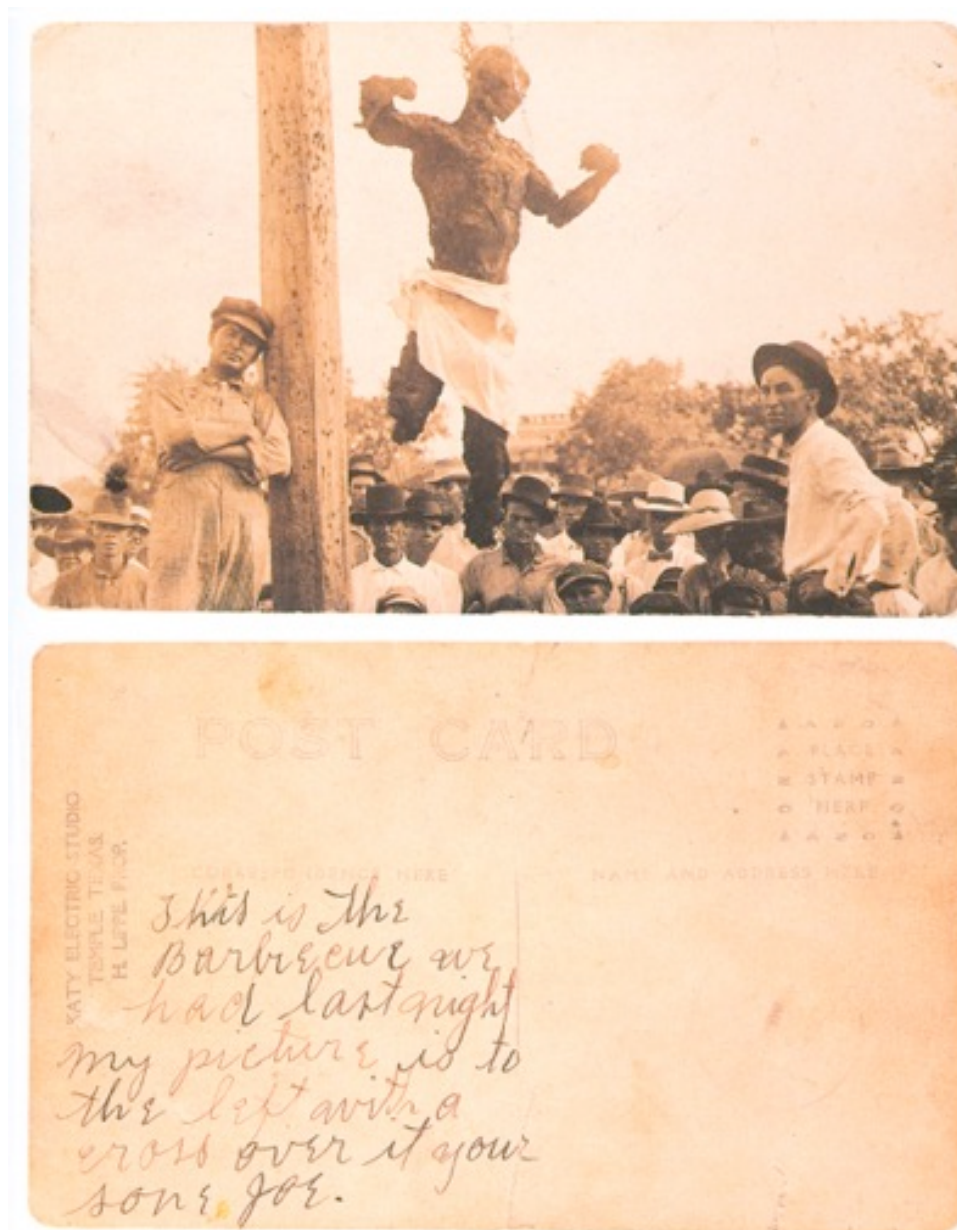


Figura 17 - Um postal da série *Without Sanctuary*. No verso lê-se o seguinte: *Este é o churrasco que fizemos ontem à noite a minha fotografia é a da esquerda e com uma cruz por cima de si está o teu filho Joe.*³⁵

O postal ilustrado acima descreve um linchamento e faz parte de *Without Sanctuary*, um livro de James Allen (1999). Este é uma compilação de quase uma centena de imagens subjacentes ao tema da violência racial. A mensagem contida neste postal foi escrita por um membro que participou no assassinato de Jesse Washington — a vítima deste linchamento — e enviada a um dos seus progenitores no dia seguinte ao mesmo.

³⁵ *This is the barbecue we had last night my picture is to the left with a cross over it your son Joe.*

Nem todos os postais ilustrados evidenciam bonitas paisagens ou momentos agradáveis. Alguns deles revelam a pior face da humanidade. No entanto, todos servem um propósito comum: veicular emoções e mensagens entre duas, ou mais, pessoas através do texto e da imagem que contêm. Outrora, o postal ilustrado representava a forma mais fácil de que uma pessoa dispunha para comunicar à distância com outras. Atualmente, o postal ilustrado enquanto dispositivo de comunicação à distância tornou-se obsoleto. Os atuais *smartphones* e *tablets* com câmaras fotográficas e processadores de imagem integrados, são capazes de produzir fotografias com um bom grau de fidelidade. Além das capacidades destes dispositivos enquanto câmara fotográfica digital, estes permitem a ligação à *internet* ou a utilização da internet móvel³⁶, o que possibilita o envio das fotografias através da *www*. Tendo em consideração todas estas características, os *smartphones* mudaram a forma como nós comunicamos uns com os outros à distância. Podemos enviar textos, imagens, sons e vídeos a outra pessoa a partir de qualquer parte do mundo.

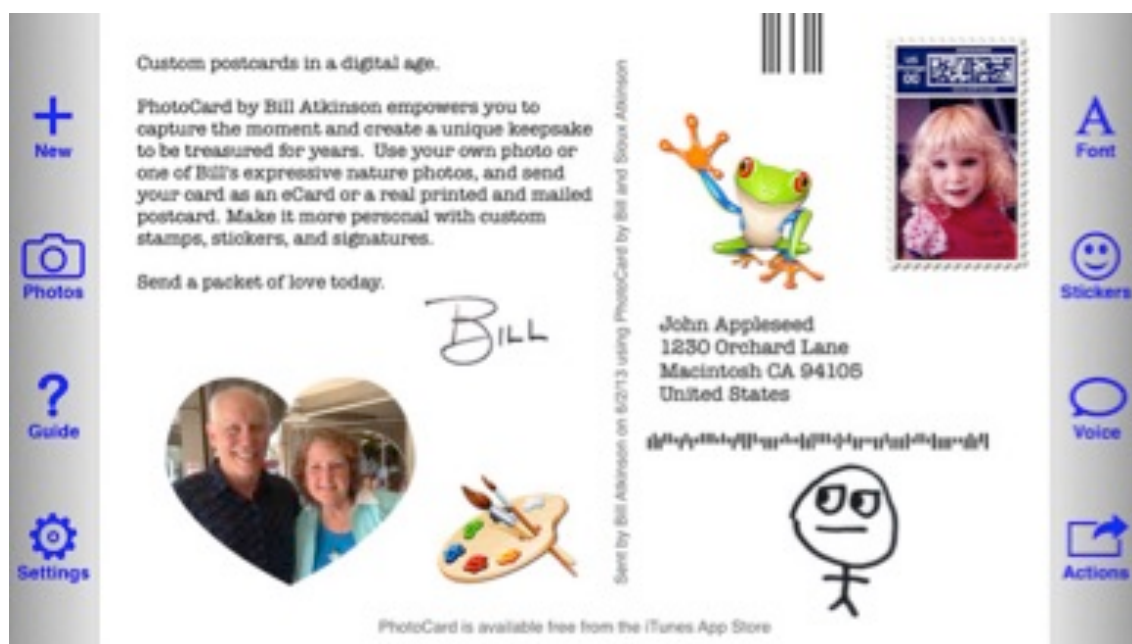


Figura 18 - A aplicação *Apple Postcard* criada por Bill Atkinson (2013) permite-nos criar no nosso *smartphone* os nossos próprios postais a partir de fotografias da nossa autoria ou recorrendo a imagens de uma biblioteca. Esses postais podem depois ser enviados a outra pessoa.

³⁶ Enquanto que o acesso convencionalmente feito à internet necessita de um *router* que emita um sinal de *internet*, a *internet* móvel de um dispositivo permite que este detete um sinal providenciado pela operadora à qual o nosso número telefónico está filiado.

O panorama atual é o da comunicação interpessoal multimídia e instantânea. Mas antes da *internet* e dos *smartphones*, já existiam tecnologias que permitiam a comunicação em tempo real entre duas pessoas. O telefone e a chave de telégrafo já possibilitavam a comunicação em tempo-real entre dois interlocutores, mesmo quando o postal ilustrado era um objeto de grande circulação. Tal capacidade colocava este dispositivo em clara vantagem em relação ao postal ilustrado, dado que neste, o tempo de resposta do nosso interlocutor à nossa mensagem era significativamente menor. Porém, apenas o postal ilustrado permitia estabelecer um diálogo visual com outra pessoa.

Atualmente, temos ao nosso dispor tecnologias que nos permitem comunicar em tempo-real, usando texto e imagem na mesma mensagem. Mas, apesar de obsoleto, o postal ilustrado não desapareceu. E nos nossos dias, o postal ilustrado enquanto dispositivo de comunicação à distância mantém algumas vantagens em relação às demais alternativas disponíveis.

- > *É pessoal, mas também é partilhável.*
- > *É leve, compacto e altamente portátil.*
- > *É assíncrono, mas interativo e permite anotações.*
- > *Foi desenhado para permitir às pessoas contarem histórias umas às outras.*
- > *É um média lento, oferecendo oportunidade para refletir, mas uma reflexão rápida, na qual convida à brevidade.*
- > *É um média “fixe” no sentido de McLuhan, sendo que envolve apenas um sentido (o olho) mas, na prática, torna-se um média caloroso, envolvendo memória, discurso e imaginação.*
- > *É uma forma simples de multimídia” (Colton, Dove, Holtham, & Ward, 2003, pp. 5-6)³⁷.*

³⁷*It is personal, but it is also shareable; It is light, compact, and highly portable; It is asynchronous, but interactive and annotatable; It was designed to let people tell stories to each other; It is a slow medium, in that it offers opportunity for reflection, but a quick one, in that it invites brevity; It is a ‘cool’ medium in McLuhan’s sense, in that it appears to engage just one sense (the eye) but in practice it becomes a warm medium, engaging memory, speech, and imagination; It is a simple form of multimedia (Colton, Dove, Holtham, & Ward, 2003, pp. 5-6).*

Para nós, a maior valência do postal ilustrado é o seu suporte físico em papel. O facto do postal ilustrado se apresentar como um dispositivo de comunicação palpável que possibilita a conjunção de imagens e texto no mesmo suporte faz com que seja desenvolvida uma relação de força entre o carácter físico do objeto e os *média* que nele figuram (no caso do postal, texto e imagem estática). Esta relação fortalece a mensagem contida no postal ilustrado³⁸ e acreditamos que é no seu suporte físico em papel que reside a sua maior vantagem enquanto veículo de mensagens e emoções: um convite a uma reflexão mais prolongada sobre as mensagens e emoções veiculadas.

O culto do futuro (de uma visão cada vez mais rápida) alterna com o desejo de regressar ao passado mais puro e mais artesanal, quando as imagens ainda tinham uma qualidade manual, uma aura (Sontag, 1977, p. 124).

A pertinência do postal, enquanto dispositivo de comunicação à distância, está intrinsecamente dependente da relação de força que existe entre texto e imagem no mesmo suporte. Acreditamos que a sua sobrevivência está, precisamente, dependente da manutenção desta relação e, portanto, interessa-nos discursar sobre a materialização conjunta destas forças no postal ilustrado.

É sobre essa relação de força que nos vamos debruçar no próximo capítulo.

³⁸ Aprofundaremos este tema no capítulo 2.2.3.

2.2.3.A Relação de Força entre Fotografia e Texto no Postal

No postal ilustrado existem dois *media* no mesmo objeto: texto e fotografia. Esses dois *media*, ao serem conjugados no mesmo objeto — o postal —, desenvolvem uma relação de força conjunta que transcende a sua significância individual, convertendo o objeto que era, até então, suporte, em parte da mensagem. Como Elizabeth Edwards destaca no texto *Material beings: objecthood and ethnographic photographs*, as formas materiais da fotografia também se referem a outras formas objetas, com uma dupla função: primeiro, a de reforçar o que está presente nas fotografias enquanto imagens e segundo de se referir além do objeto e da imagem num sistema de signos que se reforça mutuamente (2002, p. 72)³⁹.

Através das mini-narrativas incluídas nos seus postais ilustrados, *OPftWCoE* convida os viseenses à reflexão sobre os *erros urbanos* de Viseu — erros com os quais estes indivíduos lidam diariamente. O postal, ao oferecer ao seu leitor um espaço para este refletir, procuram motivar a ação do seu leitor no presente para que ocorram mudanças no futuro. Ou seja, motivar os viseenses no sentido de empreenderem ações concretas com vista ao melhoramento da sua cidade. Nicolas Borriaud fala-nos de um fenómeno que ele próprio apelida de *cultura de uso* no seu ensaio *Postproduction. Culture as Screenplay: How Art Reprograms the World* (2002). Segundo Borriaud, a cultura de uso implica uma profunda transformação do estatuto da obra de arte: ir além do seu papel tradicional como um *recetáculo da visão do artista*, funcionando agora como um agente ativo, uma pauta musical, um cenário que se vai desenvolvendo, um esquema que possui autonomia e materialidade a graus variáveis, a sua forma apta a oscilar desde uma simples ideia a escultura ou tela (2002, p. 20)⁴⁰.

³⁹ *The material forms of photographs also refer to other object forms, with a dual function; first, to reinforce what is present in the photographs as images and second to refer beyond the object and the image in a mutually reinforcing sign system* (Edwards, 2002, p. 72).

⁴⁰ *This culture of use implies a profound transformation of the status of the work of art: going beyond its traditional role as a receptacle of the artist's vision, it now functions as an active agent, a musical score, an unfolding scenario, a framework that possesses autonomy and materiality to varying degrees, its form able to oscillate from a simple idea to sculpture or canvas* (Borriaud, 2002, p. 20).

Ao gerar comportamentos e potenciais reutilizações, a arte desafia a cultura passiva, composta de mercadoria e consumidores. Ela faz com que as formas e os objetos culturais do nosso dia a dia funcionem

...

Porque é que o significado de uma obra não teria tanto a ver com o uso que um indivíduo faz dele assim como as intenções do artista para com ela?
(Borriaud, 2002, p. 20)⁴¹

Em seguida, faremos uma breve introdução à cidade de Viseu e, no capítulo 3, apresentaremos em pormenor o processo que levou ao desenho dos postais de *OPftWCoE*.

⁴¹ *In generating behaviors and potential reuses, art challenges passive culture, composed of merchandise and consumers. It makes the forms and cultural objects of our daily lives function... Why wouldn't the meaning of a work have as much to do with the use one makes of it as with the artist's intentions for it?* (Borriaud, 2002, p. 20).

2.3.A cidade de Viseu

Viseu é a capital do distrito província da Beira Alta e pertence à região centro e à sub-região de Dão-Lafões. Mas antes de tudo, como podemos nós definir esse complexo lugar que são as *cidades*? Espaços no qual habitam e trabalham um grande número de pessoas? Um ponto de convergência entre pessoas, comércio e indústria? Vários autores já tentaram definir o fenómeno *cidade*:

- Segundo Paula Guerra, a cidade é o *lugar a partir do qual se estrutura o campo das atividades sociais* (2003, p. 84);

- Andrea Brighenti e Cristina Mattiucci afirmam que *a cidade moderna emerge como um ambiente de fluxos e circulação, na qual a mobilidade é essencial*⁴² (2008, p. 1);

- Richard Sennett descreve a cidade como *uma povoação humana na qual estranhos têm uma grande probabilidade de se encontrar*⁴³ (1977, p. 39);

- Huib Ernste e Henk van Houtum afirmam que *aquilo que a cidade reclama proeminentemente é a narração de distinta coerência, algo que é expresso pela delimitação do espaço através de símbolos, média, narrativas e um nome comum para um conjunto eleito de relações social historicamente materializadas* (2001, p. 102)⁴⁴.

⁴² *The modern city emerges as an environment of flows and circulation, in which mobility is essential* (Brighenti & Mattiucci, 2008, p.1).

⁴³ *...a city is a human settlement where strangers are likely to meet* (Sennett, 1977, p. 39).

⁴⁴ *What a city prominently claims is a narration of distinctive coherence, something which is expressed by the bounding of space through symbols, media, narratives, and a common name for a chosen set of historically materialized social relations* (Ernste & van Houtum, 2001, p. 102).

Não existe uma definição do fenómeno *cidade* que reúna o consenso da comunidade científica. As várias definições indicam-nos diferentes maneiras de olhar para as cidades e aproximam-nos da ideia de que todas elas partilham o mesmo lugar-comum: o da indefinição. Porém, todas as cidades apresentam características comuns: todas têm um passado, uma população residente e uma condição no presente. Como tal, todas as cidades são simultaneamente um lugar-comum e um espaço único no mundo. Como afirma Bas Spierings no seu ensaio *Travelling an Urban Puzzle: The Construction, Experience and Communication of Multi(pli)cities: discutir uma cidade implica discutir — consciente ou inconscientemente — muitas outras cidades ao mesmo tempo para encontrar semelhanças, diferenças e peculiaridades* (2009, p. 6)⁴⁵.

Viseu não é a única cidade do mundo com *erros urbanos*. Mas o laço emocional que tenho com Viseu e a vontade de expor os seus *erros urbanos* foram o ponto de partida de *OPftWCoE*.



Figura 19 – O brasão da cidade de Viseu.

⁴⁵...discussing one city implies discussing – consciously and unconsciously – many other cities at the same time to find similarities, differences and peculiarities (Spierings, 2009, p. 6).

Em 2012, Viseu foi eleita pela segunda vez a melhor cidade para se viver pela DECO⁴⁶. Aliás, essa é a imagem que a autarquia da cidade tem vindo a promover desde abril do ano passado, quando apresentou ao público a marca *Viseu a melhor cidade para Viver*. Essa marca deu mote a uma campanha de *marketing* territorial para consumo interno dos viseenses — afinal de contas, Viseu é *a melhor cidade para Viver* —, mas também colocar Viseu no mapa, afirmando-a enquanto cidade voltada para o turismo. A marca *Viseu a melhor cidade para Viver* destaca a sua história, o seu património, a boa vivência que a cidade de Viseu proporciona às famílias, os bons vinhos que são produzidos na região do Dão, os eventos culturalmente relevantes que nela se realizam e expressar o orgulho em ser *beirão*⁴⁷.

Há aqui uma lógica de procurar promover a cidade nas suas diferentes vertentes: na vertente do seu património; na vertente do vinho e da sua gastronomia; e não esquecendo um posicionamento que também estamos a procurar ter que é uma cidade de cultura e eventos. Nós mesmo quando elegemos o conceito “Viseu melhor cidade para Viver” é para consumo interno. Portanto, nós temos aqui uma preocupação muito grande na qualidade de vida para as pessoas que cá vivem. Estimular muito esta lógica de ter orgulho de ser “beirão” e transportar isso para vários segmentos! Queremos ser ao mesmo tempo a melhor cidade para visitor e queremos ser também a melhor cidade para investir. Estamos a fazer um grande investimento neste momento na promoção da cidade para captar novos investidores (Henriques, 2015).

⁴⁶ Viseu é, segundo um estudo de opinião realizado pela Associação de Defesa do Consumidor (Deco), a melhor cidade do país para viver... Já em 2007, a cidade de Viriato tinha ficado no topo da tabela das melhores cidades para viver num estudo semelhante da Deco (Soares, 2012).

⁴⁷ Indivíduo natural dos distritos portugueses das beiras — Beira Alta e Beira Interior.



Figura 20 - Uma flash mob levada a cabo para apresentar a marca Viseu a melhor cidade para Viver.

Apesar de todo o investimento feito para promover Viseu, quais são, no presente, as vantagens de que as famílias viseenses usufruem da sua vivência na *melhor cidade para Viver*? A julgar pela maneira como Viseu é promovida por esta campanha, as suas únicas vantagens residem no seu passado histórico, no seu vinho e nos eventos que lá se realizam. Nós consideramos estes argumentos insuficientes para sustentar essa afirmação. E em *OPftWCoE*, vamos dissecar três problemas: o *Cerco Rodoviário* que existe em redor de Viseu; a negligência do seu centro histórico; o desmantelamento do Mercado 2 de Maio como reflexo do declínio do comércio tradicional na cidade⁴⁸. Três *erros urbanos* que, na nossa opinião, condicionam Viseu, não só no presente, mas também a sua condição futura. Estes *erros urbanos* surgiram num dado momento no tempo e gradualmente tornaram-se parte integrante da cidade.

No próximo capítulo, iniciaremos a discussão sobre os *erros urbanos* de Viseu. Abordaremos diretamente o desenho de todos os postais de *OPftWCoE*, bem como cada um dos sujeitos retratados ao pormenor.

⁴⁸ Aprofundaremos esta matéria no capítulo 3.4.



Figura 21 - As traseiras da Sé de Viseu durante a edição de 2015 dos Jardins Efémeros.

3.Os postais ilustrados de OPftWCoE

3.1.O processo de desenho

*A cidade tornou-se uma série de experiências identificadas como frames singulares de uma progressão linear, organizada pelo sistema unificador do próprio postal e do nome enquanto imagem. O leitor do postal é incapaz de habitar ou entender a totalidade do espaço, mas experiencia-o através de uma série de slides (Samuels, 1999, p. 371)*⁴⁹.

Na face frontal dos postais de *OPftWCoE* está representada uma fotografia e uma legenda que oferece uma leitura sobre o *erro urbano* ilustrado. No verso do postal, além do espaço dedicado para a escrita, há uma legenda que localiza geograficamente o local onde foi capturada a fotografia que ilustra o mesmo. A sobreposição do texto à fotografia na face frontal dos postais de *OPftWCoE* tem o objetivo de descrever por palavras aquilo que a fotografia não consegue transmitir com a composição que nela figura. Nesse sentido, cada postal de *OPftWCoE* é uma *história fotográfica* (Cartier-Bresson, 1952, p. 19) que nos dá conta de um *erro urbano* de Viseu e que se configura numa narrativa maior: a cidade e a sua condição na contemporaneidade. Esta relação entre o texto e a imagem em *OPftWCoE* reforça não só as mensagens expressas nos postais ilustrados mas, também, o próprio postal quer na sua vertente de suporte imagético quer enquanto dispositivo de comunicação interpessoal.

Apesar das legendas textuais assumirem grande importância nos postais de *OPftWCoE*, é nas fotografias que os ilustram que se concentra o núcleo desta investigação. Só estas conseguiram documentar, sem sombra de dúvidas, os *erros urbanos* de Viseu e os seus efeitos no presente. Aliás, só a imagem tem o poder de colocar em inegável evidência os resultados dos *erros urbanos* causados pelo Homem.

⁴⁹ *The city became a series of experiences identified as single frames of a linear progression, organized by the unifying system of the postcard itself and the name as an image. The postcard viewer is unable to inhabit or understand the whole of the place, but experiences it like a series of slides (Samuels, 1999, p. 371).*

...uma imagem é necessariamente explícita nos assuntos que podem ser mais facilmente evadidos em textos. As imagens podem servir de testemunho aquilo que não é colocado nas palavras (Burke, 2001, p. 33).⁵⁰

Assim como um *superturista*⁵¹ que procura sorver o máximo de conhecimento possível de um sítio desconhecido para depois o transmitir aos seus pares, também nós tentámos descortinar o lado mais *exótico* de Viseu — o dos seus *erros urbanos* — para o darmos a conhecer aos viseenses⁵². *OPftWCoE* é uma reação inconformista para com os *erros urbanos* de Viseu. Trata-se de uma iniciativa que procura, através da fotografia⁵³, contrariar a postura passiva que tem sido assumida pelos viseenses perante estes, incentivando-os a uma ação efetiva com o intuito de corrigir e travar a perpetuação destas problemáticas. Alguns destes *erros* foram detetados devido à experiência da vivência diária em Viseu, outros foram-nos apresentados por fruto do acaso durante derivas pelas ruas da cidade e outros perduram há já vários anos.

As lições tiradas das derivas permitem-nos esquematizar os primeiros estudos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Além da descoberta de unidades de ambiência, os seus componentes principais e a sua localização especial, há a perceção dos seus principais eixos de passagem, as suas saídas e as suas defesas. Chega-se à hipótese central da existência de pontos psicogeográficos pivotais. Medimos as distâncias que

⁵⁰ *...an image is necessarily explicit on issues that may be evaded more easily in texts. Images can bear witness to what is not put into words (Burke, 2001, p. 33).*

⁵¹ *O fotógrafo é um superturista, um prolongamento do antropólogo, que visita os nativos e regressa com notícias dos seus costumes exóticos e estranhos ornamentos. O fotógrafo procura sempre colonizar novas experiências ou encontrar novos modos de olhar para temas familiares — para lutar contra o tédio. Porque o tédio é justamente o reverso do fascínio... tudo depende de se estar dentro ou fora de uma situação, mas um leva sempre necessariamente ao outro (Sontag, 1977, p. 48).*

⁵² *Ao aproximar o exótico das pessoas, ao tornar exótico o que é familiar e doméstico, as fotografias possibilitam um olhar apreciativo sobre o mundo inteiro (Sontag, 1977, p.111).*

⁵³ *Usar uma câmara é uma forma de participar, embora incompactível com a intervenção num sentido físico. Apesar de a câmara ser um posto de observação, o ato de fotografar é mais do que mera observação passiva (Sontag, 1977, p. 20).*

na realidade separam duas regiões de uma cidade, distâncias que podem ter pouca relação com a distância física entre elas (Debord, 1956, p. 23)⁵⁴.



Figura 22 – Em cima, um postal que mostra parte do Mercado 2 de maio e da Rua do Comércio; em baixo, um dos postais de OPftWCoE. Neste, ilustrou-se a Rua do Comércio.

⁵⁴ Les enseignements de la dérive permettent d'établir les premiers relevés des articulations psychogéographiques d'une cité moderne. Au-delà de la reconnaissance d'unités d'ambiance, de leurs composantes principales et de leur localisation spatiale, on perçoit leurs axes principaux de passage, leurs sorties et leurs défenses. On en vient à l'hypothèse centrale de l'existence de plaques tournantes psychogéographiques. On mesure les distances qui séparent effectivement deux régions d'une ville, et qui sont sans commune mesure avec ce qu'une vision approximative d'un plan pouvait faire croire (Debord, 1956, p. 23).

A cidade tornou-se uma série de experiências identificadas como frames singulares de uma progressão linear, organizada pelo sistema unificador do próprio postal e do nome enquanto imagem. O leitor do postal é incapaz de habitar ou entender a totalidade do espaço, mas experiencia-o através de uma série de slides (Samuels, 1999, p. 371)⁵⁵.

Sendo Viseu uma cidade com uma área de 507 km quadrados, decidimos, circunscrever o nosso objeto de estudo aos *erros urbanos* do seu centro urbano. Consideramos o centro urbano de Viseu o espaço onde se concentra o maior número de pessoas ativas e se desenrola a *vida* da cidade.

E em termos geográficos, qual é exatamente a dimensão do centro urbano de Viseu? Responderemos a essa questão no próximo capítulo, ao abordarmos a problemática do *cerco rodoviário*.

⁵⁵ *The city became a series of experiences identified as single frames of a linear progression, organized by the unifying system of the postcard itself and the name as an image. The postcard viewer is unable to inhabit or understand the whole of the place, but experiences it like a series of slides (Samuels, 1999, p. 371).*

3.2.O Cerco Rodoviário

Através de um simples exercício de observação, podemos discernir com clareza dois territórios na cidade de Viseu. Existe uma linha muito pronunciada que separa o seu centro urbano da sua periferia. Essa linha é uma via rodoviária contínua que envolve toda a área da cidade.

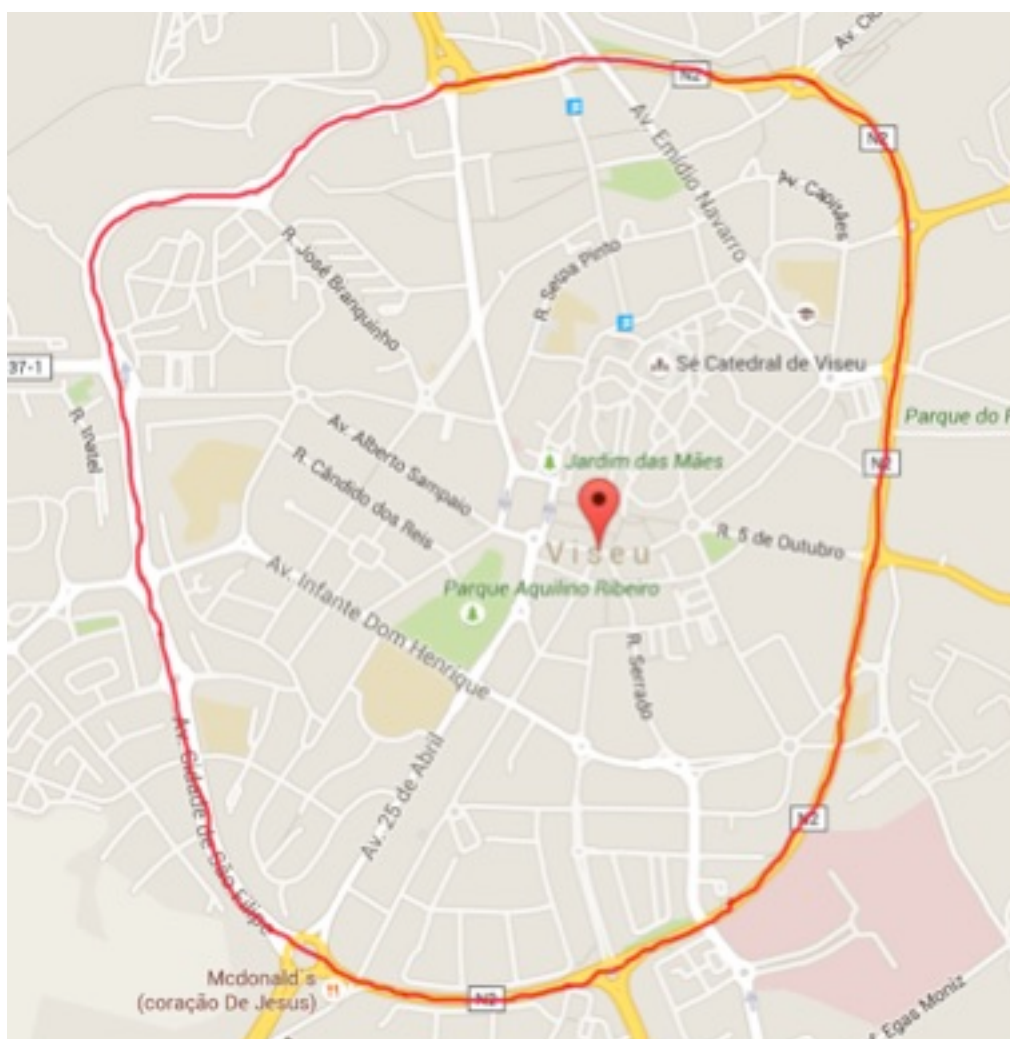


Figura 23 - O mapa de Viseu com a via rodoviária destacada a vermelho.

Este círculo é composto pela união dos troços de 4 estradas: a Nacional 2, Avenida Capitão Homem Ribeiro, a Avenida Cidade de Peniche e a Avenida Cidade de São Filipe. O círculo rodoviário que circunscreve Viseu atua como uma via rápida, cuja principal função é desviar o trânsito do centro da cidade. E, de

facto, o círculo rodoviário⁵⁶ cumpre o seu objetivo. No entanto, este tornou-se gradualmente num *aspirador fronteiro*. Jane Jacobs define o fenómeno dos *aspiradores fronteiros* no livro *The Death and Life of Great American Cities* (1961, pp. 271-273) como elementos físicos que existem num determinado local que demarcam, de forma bastante clara, fronteiras num determinado espaço urbano. Essas fronteiras têm origem em fatores relacionados com a psicologia humana e com a organização urbanística. E, com o passar do tempo, estas fronteiras tornam-se mais pronunciadas e as suas causas mais evidentes.

A título de exemplo para a clarificação deste fenómeno, vamos fazer referência a um dos primeiros espaços estudados para a concretização de *PftWCoE*: a marginal da Foz do Douro. Aqui estabelecemos um paralelo entre *PftWCoE* e *OPftWCoE*, dado que em 2013 se fez um estudo (ainda que inconsciente) deste fenómeno na zona da marginal da Foz do Douro;



Figura 24 - Um dos postais da série *PftWCoE*.

⁵⁶ O círculo rodoviário permite aos seus utentes atravessarem Viseu sem nunca entrar no perímetro do seu centro urbano, o que reduz o congestionamento automóvel no centro urbano da cidade.

A marginal da Foz do Douro é, indiscutivelmente, o destino mais atrativo do ponto geográfico em que se encontra inserida. Esta reúne a maior diversidade em termos de oferta de serviços dos quais a população pode usufruir, e ainda possui um atrativo de ordem natural: a praia. Com tudo isso em vista, é natural que as vias rodoviárias que circunscrevam a marginal tenham sido desenhadas de forma a facilitar o acesso dos utentes a esta zona. Mas este acesso facilitado à marginal contribui para a formação de uma barreira psicológica na cabeça do utente, que faz com que ele encare toda a periferia como um lugar sem expressão. E assim, de forma gradual, a marginal torna menos apelativo tudo o que se encontra na sua periferia, tornando essas zonas em territórios cada vez menos visitados e, por conseguinte, cada vez menos desejados. Este processo de deterioração territorial é gradual e tem efeitos bastante visíveis na paisagem: comércio falido, lojas fechadas, ruas desertas, casas desabitadas e um aumento do vandalismo motivado pela ausência de pessoas na rua.



Figura 25 - Uma fotografia da marginal da Foz do Douro.

Qualquer território que tenha uma área de dimensão considerável e com significativo interesse para a massa cívica corre o risco desta, eventualmente, se tornar no quase exclusivo centro de atenções na região em que se insere. Isto porque, por vezes, é impossível para os territórios adjacentes a um ponto de interesse conseguirem angariar um suficiente volume de diversidade em termos de oferta para que todas as áreas se complementem, valorizando o território de forma global. Nesses casos, o território menos *popular* ficará sempre prejudicado.

O fenómeno dos *aspiradores fronteiros* é comum. E devido às causas que o provocam, é uma problemática que não é alarmante. No entanto, no caso de Viseu existe um caso crítico tendo em consideração a sua escala e localização. Um dos *aspiradores fronteiros* da cidade de Viseu não é um fenómeno que toma lugar num ponto específico da cidade, mas sim a via rodoviária que envolve todo o perímetro da cidade (ver figura. 23), atuando como um enorme cerco. E, à imagem de todos os *aspiradores fronteiros*, a consolidação deste *cerco* foi um processo que aconteceu ao longo do tempo. A parca oferta que antes existia para os viseenses ao longo desta via rodoviária ajudou a formar a ideia de que o território onde esta se encontra serve apenas como ponto de passagem obrigatório e nada mais.

A periferia de Viseu tem uma diversidade de oferta para o cidadão bastante menor do que o seu centro urbano. No entanto, a ausência de investimento destinado a tornar a zona de fronteira entre o centro urbano e a periferia mais atrativa e diversificada para o cidadão intensificou as disparidades entre os dois territórios. Disparidades essas que se acentuam logo nos limites da linha que divide esses dois territórios: uma via rodoviária que ocupa a totalidade do perímetro da cidade de Viseu. Dado que, para os viseenses, os terrenos ocupados por essa via não têm outro tipo de diversidade que não seja a circulação automóvel, esta zona não se desenvolve. A via rodoviária é uma zona de passagem de massas e raramente de paragem, característica que impede o desenvolvimento da periferia e do centro urbano da cidade de Viseu. Este é,

precisamente, o efeito deste *cerco* rodoviário: além de limitar o crescimento da cidade de Viseu, ainda desconecta o centro urbano da cidade da sua periferia. E por mais diversidade de oferta que se venha a oferecer aos viseenses ao longo dos limites desta via será necessário muito tempo até que se reverta esta tendência de encarar aquele território como mero ponto de passagem.

Esta problemática provoca um ciclo vicioso. Enquanto nada for feito para tornar este espaço mais atrativo para a massa cívica, Viseu não poderá desenvolver-se para lá desta fronteira. Sem uma implementação de oferta diversificada significativa neste território para os cidadãos, estes não poderão encontrar outros usos para ele que não sejam os que dizem respeito à circulação rodoviária. Será, portanto, necessário esperar muito tempo para que um qualquer investimento que seja feito ao longo dessa via se torne efetivamente viável porque, de momento, os viseenses ainda resumem toda a utilidade daquele território ao uso que é feito da via rodoviária.



Figura 26 - Um dos postais da série *OPftWCoE*.

A fotografia que ilustra o postal da Figura 26 foi capturada numa das secções do *cerco rodoviário*. A casa que se encontra parcialmente ocultada pelo *outdoor* publicitário encontra-se desabitada e em péssimo estado de conservação.

...o fenómeno relacional centro-periferia clarifica-se no contexto urbano, por inerência do impulso capitalista que a cidade tem sofrido, metamorfoseando as suas potencialidades e valências, tornando os centros cada vez mais centros de poder e de decisão e as periferias cada vez mais espaços subalternos e destituídos. Aliás, a vertente do consumo é sintomática da questão urbana como pólo de atração, difundindo núcleos espacializados, fazendo emergir desiguais acessos, desiguais destinos, e desiguais desqualificações, que se traduzem, numa expressão, por centralidades desiguais (Guerra, 2003, p. 93).

Em termos de diversidade existente ao longo do *cerco rodoviário*, existem dois casos em particular que se destacam pelo seu insucesso no que toca à valorização da zona em que se inserem: a feira semanal e o Parque Urbano Radial de Santiago (curiosamente estes pontos de interesse são vizinhos em termos geográficos).

Primeiro falaremos da feira semanal. A feira semanal de Viseu realiza-se todas as terças-feiras de manhã há vários anos numa área situada num dos limites da via rodoviária: um descampado que se encontra ao largo da Rua do Arrabalde. Todas as semanas, a feira semanal consegue atrair uma elevada e constante afluência de pessoas. Porém, o facto desta se realizar num dia de semana, durante o horário de expediente, impede um grande número de viseenses de usufruírem dela e provoca o congestionamento⁵⁷ do trânsito automóvel naquele troço da via rodoviária. Este congestionamento ocorre numa estrada de duas faixas, num troço que começa numa rotunda e acaba noutra.

⁵⁷ O grande número de pessoas que se desloca naquele dia em particular a Viseu para a feira semanal mistura-se com o trânsito automóvel local — inclusivamente linhas de autocarros. E também o facto de esta se realizar a um dia de semana, durante o horário laboral, inibe alguns viseenses de se deslocarem à feira.

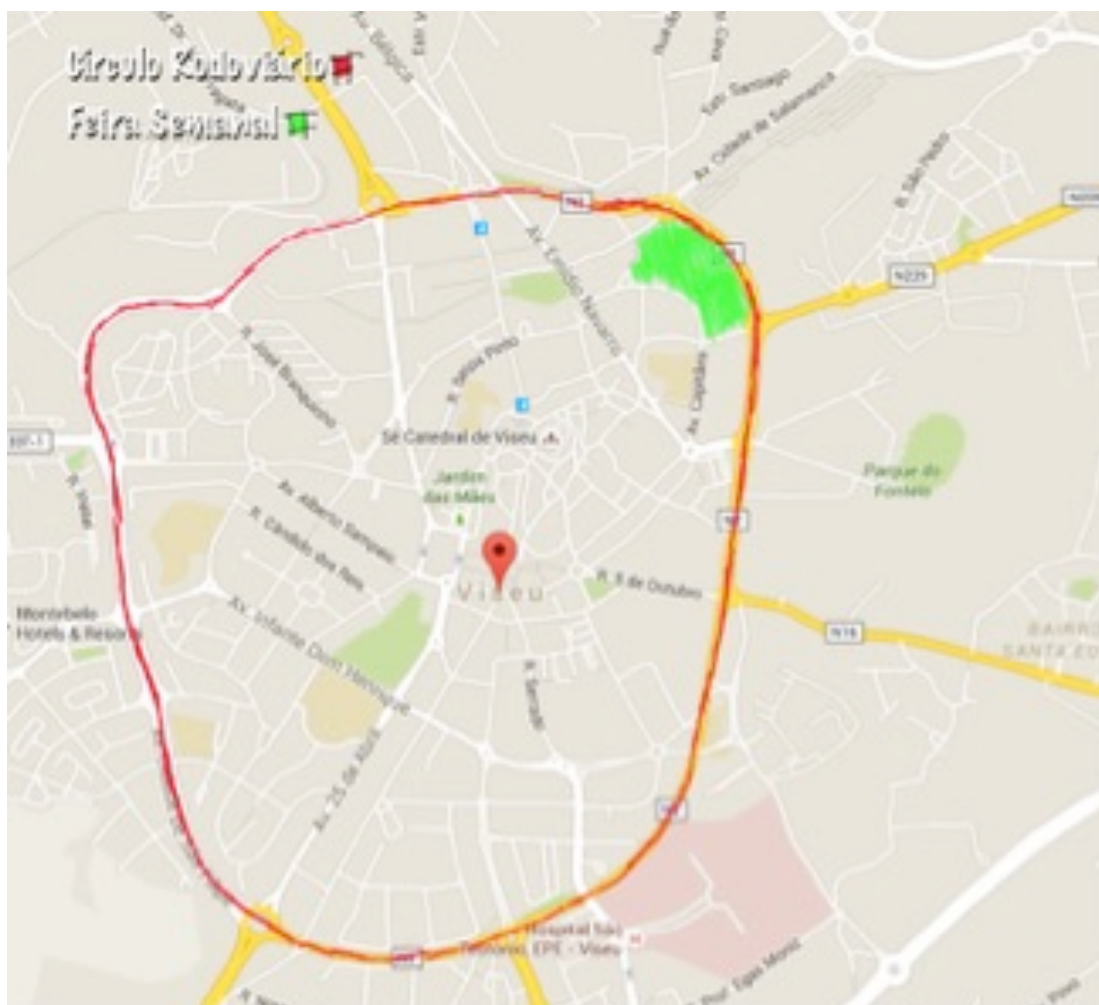


Figura 27 - O mapa da cidade de Viseu com o local onde é realizada a feira semanal assinalada a verde-claro.

A feira semanal não só provoca o congestionamento do trânsito na Rua do Arrabalde como também dificulta o acesso à cidade para os cidadãos que fazem uso da N229 e da Avenida Cidade de Salamanca. Além disso, os estacionamento disponíveis raramente satisfazem as necessidades da massa cívica nos dias de feira. Para esta situação, a autarquia encontrou uma solução que, infelizmente, além de não resolver os problemas de estacionamento causa ainda mais congestionamento no trânsito da Rua do Arrabalde: a permissão para estacionar ao longo da Rua do Arrabalde em dias de feira semanal durante o horário da feira.



Figura 28 - Sinalização na Rua do Arrabalde



Figura 29 - Na fotografia de cima, o congestionamento do trânsito automóvel; na fotografia de baixo, o congestionamento do trânsito humano.



Figura 30 - Em cima e em baixo, os corredores da feira semanal.



Figura 31 - Em cima e em baixo, os corredores da feira semanal quase no final de mais um dia de feira.



Figura 32 – A banca de um dos feirantes da feira semanal.



Figura 33 - A banca de um dos feirantes da feira semanal.



Figura 34 - Um vendedor ambulante de gelados na feira semanal.



Figura 35 - Um dos postais de OPftWCoE.

Muito movimento, mas pouco negócio (Fonseca, 2015). Foi desta maneira que Manuel Almeida (um dos feirantes que participa na feira semanal há vários anos) resumiu o estado atual do negócio da feira semanal em entrevista ao Diário de Viseu. Este baixo volume de negócio foi verificado durante o verão, precisamente a altura do ano em que a feira apresenta uma maior afluência de pessoas na feira semanal.

No passado, a Câmara Municipal de Viseu ponderou alterar a localização da feira semanal. Para esse efeito, requalificou a zona onde atualmente se insere o Parque Urbano da Radial de Santiago, local para o qual estava previsto que a feira semanal se deslocasse. Esta passaria a ser realizada nesse parque, com o intuito que este se tornasse num novo ponto de interesse da massa cívica, *fazendo com que os restantes seis dias e meio sejam fluídos, que atraiam gente, aproveitando-se as potencialidades do espaço* segundo Fernando Ruas em entrevista ao *Jornal do Centro* (Ferreira S. , 2007).

Com a mudança de local da feira semanal, estacionar na Rua do Arrabalde tornar-se-ia incómodo e escusado, visto existir estacionamento mais próximo do Parque Urbano da Radial de Santiago (existem lugares de estacionamento ao longo de toda a Avenida da Cidade de Salamanca, bem como na Praça Grão Vasco — uma via perpendicular à Avenida Cidade de Salamanca que faz esquina com o Parque Urbano da Radial de Santiago). Por último, o espaço onde a feira semanal se realiza dispõe de poucas condições, em termos de higiene, para os seus utilizadores e para os próprios feirantes. Para além da ausência de casas de banho, o piso é quase todo ele em terra batida. Por outro lado, o Parque Urbano da Radial de Santiago dispõe de instalações sanitárias devidamente equipadas e todo ele se encontra ligado por uma rede de pisos sintéticos para a deslocação da massa cívica.

No entanto, em 2009, a autarquia de Viseu desistiu da ideia de deslocar a feira semanal para o Parque Urbano da Radial de Santiago, decidindo que este seria melhor aproveitado somente como local de lazer para os viseenses. Assim, Viseu ganhou um novo parque e o recinto onde a feira semanal é realizada sofreu algumas alterações, tendo em vista a melhoria das suas condições para os feirantes e para os utentes⁵⁸.

...Fernando Ruas anunciou que tudo mudou. O parque, pronto há um ano, nunca foi posto à disposição dos feirantes com o argumento da necessidade de compactação do terreno. O autarca viseense anunciou que o parque "irá levar nova iluminação e novos sanitários e servirá para a fruição da população". Ruas justificou a decisão com o facto de corresponder a "uma pretensão dos viseenses". O autarca adiantou que "vários cidadãos e mesmo alguns feirantes defenderam esta opção e a câmara abandonou a transferência da feira (2009).

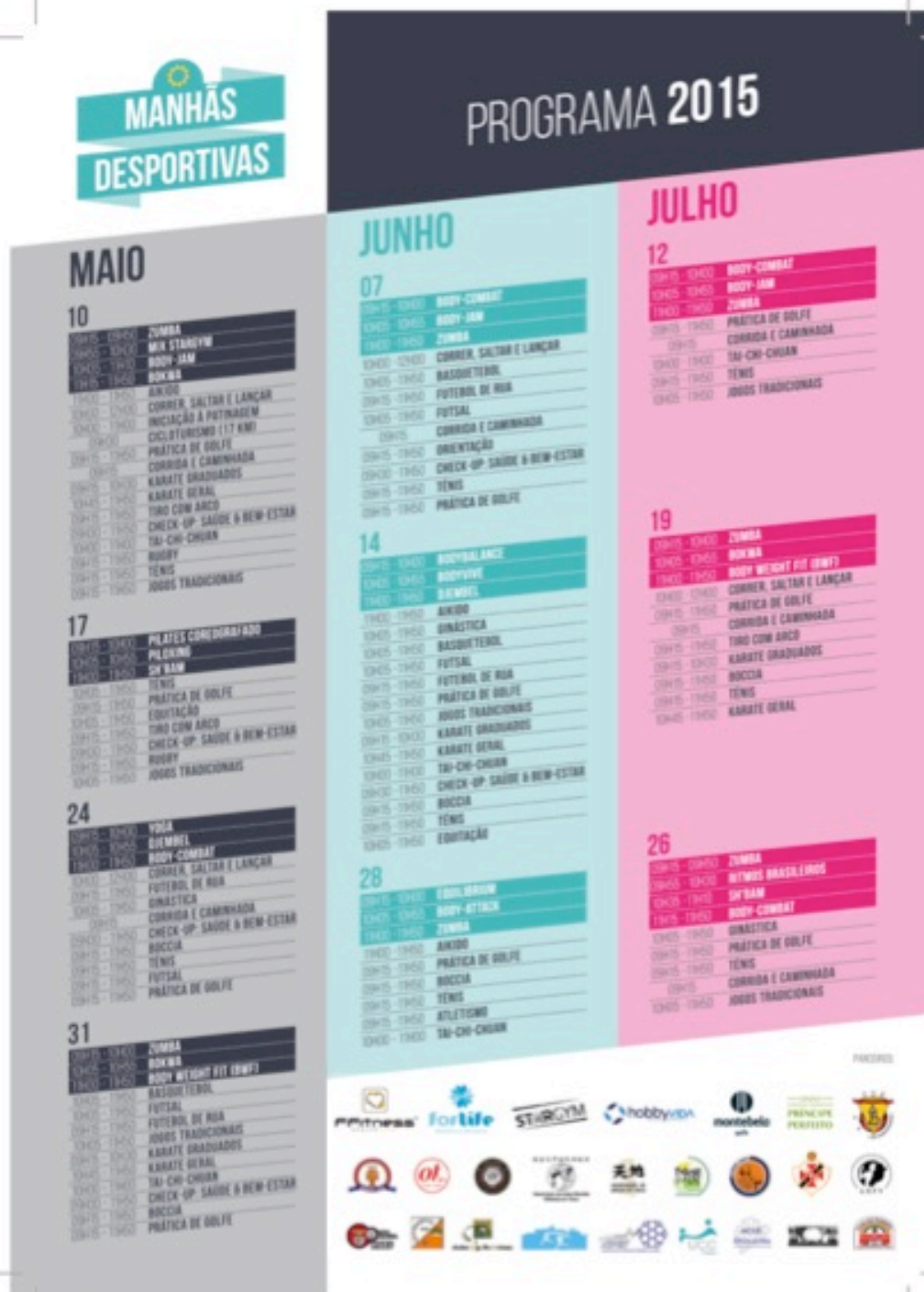
⁵⁸O piso do largo da feira semanal foi melhorado. Foram aplicadas algumas faixas de cimento que ajudam a eliminar alguma da lama e da poeira que o piso em terra batida causam. Até à data, não existem casas de banho no local onde é realizada a feira semanal.

A autarquia de Viseu estudou algumas alternativas à feira semanal para a dinamização do Parque Urbano da Radial de Santiago. Uma delas prendia-se com a deslocação dos bares que existem no centro histórico de Viseu para o parque, fazendo deste *um espaço de movida noturna* (Cunha, O Parque Urbano da Radial de Santiago, 2013). Outra ideia foi a da construção de uma praia fluvial numa das suas margens que se encontra banhada pelo rio Pavia. Nenhuma destas hipóteses foi concretizada. Atualmente, o Parque Urbano da Radial de Santiago é usado pelos viseenses enquanto espaço adaptado à prática desportiva. A sua extensão de quase um quilómetro de comprimento, o seu piso facilitador de tração, o campo de basquetebol e os restantes equipamentos desportivos que se encontram espalhados por este parque fazem dele um ginásio gratuito ao ar livre para usufruto da massa cívica. O Parque Urbano da Radial de Santiago aufere, ainda, de um grande número de lugares de estacionamento adjacentes. O próprio Município de Viseu motiva os seus cidadãos para a prática desportiva no parque, através da iniciativa *Manhãs Desportivas*. Esta iniciativa, em particular, constitui *uma oportunidade para todos experimentarem livremente novas modalidades e servem de incentivo a um estilo de vida saudável, ao ar livre* (Município de Viseu, 2015). Ao longo de uma série de encontros que ocorrem todos os domingos de manhã durante um trimestre, as *Manhãs Desportivas* convidam os viseenses a praticar desporto. Este evento é gratuito e acontece sob a forma de uma série de aulas em várias modalidades desportivas, abertas à população.

Por tudo isto, o Parque Urbano da Radial de Santiago procura afirmar-se como um espaço adaptado para a prática desportiva, para usufruto da população em geral.



Figura 37 - "Manhãs desportivas, Viseu ativo!"



Porém, vários dos equipamentos desportivos do Parque Urbano da Radial de Santiago necessitam de manutenção. Alguns deles encontram-se em mau estado e/ou avariados. As casas de banho do parque servem de arrumos para os equipamentos dos trabalhadores encarregues da sua manutenção. A vegetação do parque encontra-se bastante descurada. Existem ainda inúmeros buracos abertos e algumas canalizações visíveis.

Quando percorremos o parque — em particular nas horas de maior calor — é notória a falta de sombras ao longo de todo o seu comprimento. Num espaço com 7,5 hectares, destinado à prática desportiva, o Parque Urbano da Radial de Santiago deveria ter alguma vegetação ou alguma estrutura que oferecesse sombras para o seu utente. É ainda urgente reparar e zelar pela manutenção dos seus bebedouros de água potável. A ausência de bebedouros funcionais e de sombras no parque para que o utente se possa proteger da desidratação e da exposição solar⁵⁹.

A falta de serviços do parque também afeta a diversidade do espaço. O seu centro de *check up* encontra-se fechado, bem como o seu café com esplanada.

Apesar de afetar outras áreas da cidade além do Parque Urbano da Radial de Santiago, a poluição do Rio Pavia é um problema que dura há vários anos⁶⁰. Mas no caso do parque, este é banhado pelo Rio Pavia e foram construídas estruturas nas suas margens para o utente apreciar as paisagens naturais que este produz. Numa das visitas que fizemos ao parque, decidimos apreciar o Rio Pavia de perto, fazendo uso duma dessas estruturas. E, constatámos que no local, o cheiro que emana do rio é insuportável (esta visita foi feita num dia de verão). Este problema deve ser sanado urgentemente, de forma não só a valorizar este espaço mas também para extinguir os efeitos nefastos que a sua poluição provoca na saúde da população.

⁵⁹Recentemente começaram a ser plantadas algumas árvores de maneira a que as suas copas possam produzir sombras naturais.

⁶⁰Uma fuga num depósito de combustível no antigo matadouro de Viseu e a insuficiência da Estação de Tratamento de Águas Residuais de S. Salvador no tratamento das águas do Rio Pavia são algumas das mais recentes causas apontadas para a poluição.

Por último, à noite existem áreas grandes do Parque Urbano da Radial de Santiago sem qualquer tipo de iluminação. Existem candeeiros sem lâmpadas há meses no parque. Esta situação foi provocada por uma onda de atos de vandalismo e, desde então, as lâmpadas danificadas nunca mais foram substituídas. Neste parque em particular — um espaço que se encontra afastado do centro da cidade de Viseu e isolado numa zona onde não existem casas nem comércio nem nada que motive a movimentação de pessoas ao longo daquela zona — a atual situação pode fazer com que a massa cívica se afaste do Parque Urbano da Radial de Santiago. A questão da ausência de iluminação só é notória no período noturno, mas verificámos a ausência de policiamento durante ambos os horários (noturno e diurno). De todas, consideramos que esta é a problemática que carece de uma resolução mais urgente. Se as outras falhas acima enunciadas revelam um desmazelo do Município para com o estado do Parque Urbano da Radial de Santiago, a falta de iluminação e de policiamento revelam uma grande falta de interesse para com a segurança dos seus utentes.

...desordem e crime estão habitualmente inextricavelmente ligados, numa espécie de sequência de desenvolvimento. Psicólogos sociais e agentes da polícia tendem a concordar que se uma janela de um edifício estiver partida e for deixada sem reparação, todas as restantes janelas estarão brevemente partidas. Isto é verdade tanto em bons bairros como em bairros negligenciados. Partir janelas não ocorre necessariamente numa grande escala porque algumas áreas estão habitadas por pessoas que partem janelas em oposição a outras áreas populadas por pessoas que adoram janelas; ao invés disso, uma janela partida não reparada é um sinal de que ninguém se importa, e portanto partir mais janelas não custa nada. (Sempre foi divertido.)...Propriedade sem supervisão torna-se jogo limpo para pessoas que buscam diversão ou sítios para pilhar e até mesmo para pessoas que normalmente não sonhariam em fazer tais coisas e que provavelmente se consideram cumpridoras da lei...o vandalismo pode ocorrer em qualquer lado a partir do momento que as barreiras da comunidade — o senso de estima e as obrigação do civismo — são baixadas por ações que parecem assinalar que ninguém se importa (Kelling & Wilson, Broken Windows, 1982)⁶¹.

⁶¹ *...disorder and crime are usually inextricably linked, in a kind of developmental sequence. Social psychologists and police officers tend to agree that if a window in a building is broken and is left unrepaired, all the rest of the windows will soon be broken. This is as true in nice neighborhoods as in rundown ones. Window-breaking does not necessarily occur on a large scale because some areas are inhabited by determined window-breakers whereas others are populated by window-lovers; rather, one unrepaired broken window is a signal that no one cares, and so breaking more windows costs nothing. (It has always been fun.)...Untended property becomes fair game for people out for fun or plunder and even for people who ordinarily would not dream of doing such things and who probably consider themselves law-abiding...vandalism can occur anywhere once communal barriers—the sense of mutual regard and the obligations of civility—are lowered by actions that seem to signal that no one cares (Kelling & Wilson, 1982).*

Eis as linhas gerais da “Teoria das Janelas Partidas”, da autoria de George Kelling e James Wilson (Broken Windows, 1982). Até à data, não é possível estabelecer uma relação entre o número de janelas partidas e o aumento de criminalidade e de vandalismo numa determinada zona — como demonstraram Bernard Harcourt e Jens Ludwig no artigo *Broken Windows: New Evidence from New York City and a Five-City Social Experiment* (2006, p. 316)⁶²⁶³. Aliás, os próprios autores afirmam que esta teoria tentou metaforizar um fenómeno⁶⁴⁶⁵, sem nunca procurar estabelecer dogmas sobre o seu funcionamento.

Porém, acreditamos que esta teoria nos oferece alguma perspetiva sobre os fenómenos observados no Parque Urbano da Radial de Santiago.

⁶² “...entender a habilidade de um policiamento de janelas partidas para afetar a desordem e o crime é importante tanto para propósitos legais como científicos. A noção de que o policiamento de janelas partidas pode reduzir o crime é plausível porque muitos dos nossos mecanismos comportamentais subjacentes a esta estratégia de policiamento são pelo menos em princípio consistentes com modelos de contágio social existentes...Concluimos que não parecem existir grandes provas de que o policiamento de janelas partidas reduz o crime, nem provas de que alterar a saída do intermediário pretendido pelo policiamento de janelas partidas — a própria desordem — é suficiente para provocar mudanças no comportamento criminal” (Kelling & Wilson, Broken Windows, 1982).

⁶³ “...understanding the ability of a broken windows policy to affect disorder and crime is important for both legal and scientific purposes. The notion that broken windows policing might reduce crime is plausible because many of the behavioral mechanisms underlying this policing strategy are at least in principle consistent with existing models of social contagion...Our bottom line is that there appears to be no good evidence that broken windows policing reduces crime, nor evidence that changing the desired intermediate output of broken windows policing- disorder itself-is sufficient to affect changes in criminal behavior” (Harcourt & Ludwig, 2006, p. 316).

⁶⁴ “Muitos pecados foram cometidos em nome das “janelas partidas”. Esse é o nome que eu e o falecido criminologista James Q. Wilson demos a uma nova teoria de policiamento há mais de 30 anos atrás — era o título de um ensaio que publicámos no *Atlantic* em 1982 — no qual argumentámos que as pequenas coisas importam numa comunidade e, se nada for feito a relação a elas, elas podem levar a coisas piores. Nós expressámos isto numa metáfora: Assim como uma janela partida ignorada num edifício é um sinal de que ninguém quer saber, normalmente conduzindo a mais janelas partidas — mais danos — condições tão desordeiras e comportamentos ignorados numa comunidade são sinais que ninguém se importa e leva a medo de crime, crimes mais sérios, e decadência urbana” (Kelling, 2015).

⁶⁵ “A lot of sins have been committed in the name of “broken windows.” That is the name the late criminologist James Q. Wilson and I gave to a new theory of policing more than 30 years ago—it was the title of an essay we published in in the *Atlantic* in 1982—in which we argued that small things matter in a community and, if nothing is done about them, they can lead to worse things. We expressed this in a metaphor: Just as a broken window left untended in a building is a sign that nobody cares, leading typically to more broken windows—more damage—so disorderly conditions and behaviors left untended in a community are signs that nobody cares and lead to fear of crime, more serious crime, and urban decay” (Kelling, 2015).



Figura 39 - Pormenor de canalizações a céu aberto no parque.



Figura 40 - O Desigual Café Bar — o café esplanada do parque — encontra-se encerrado desde 2014.



Figura 41 - Pormenor da vegetação da face noroeste do parque.



Figura 42 – É notável a ausência de sombras no parque.



Figura 43 - Pormenor da pista de *check-up* do parque. Em segundo plano, vemos o seu centro de *check-up*, que se encontra encerrado.



Figura 44 - Em cima, um dos troços da pista de *check-up* do parque e mais uma estrutura que se encontra fechada; em baixo, o ginásio a céu aberto do parque.



Figura 45 - O Rio Pavia a banhar uma das margens do parque.



Figura 46 - O Rio Pavia.



Figura 47 - Em cima, uma ponte que faz parte da pista de *check-up* do parque e que passa por cima de um afluente do Rio Pavia; em baixo, um estacionamento de bicicletas.



Figura 48 - Um dos candeeiros sem lâmpada do parque.



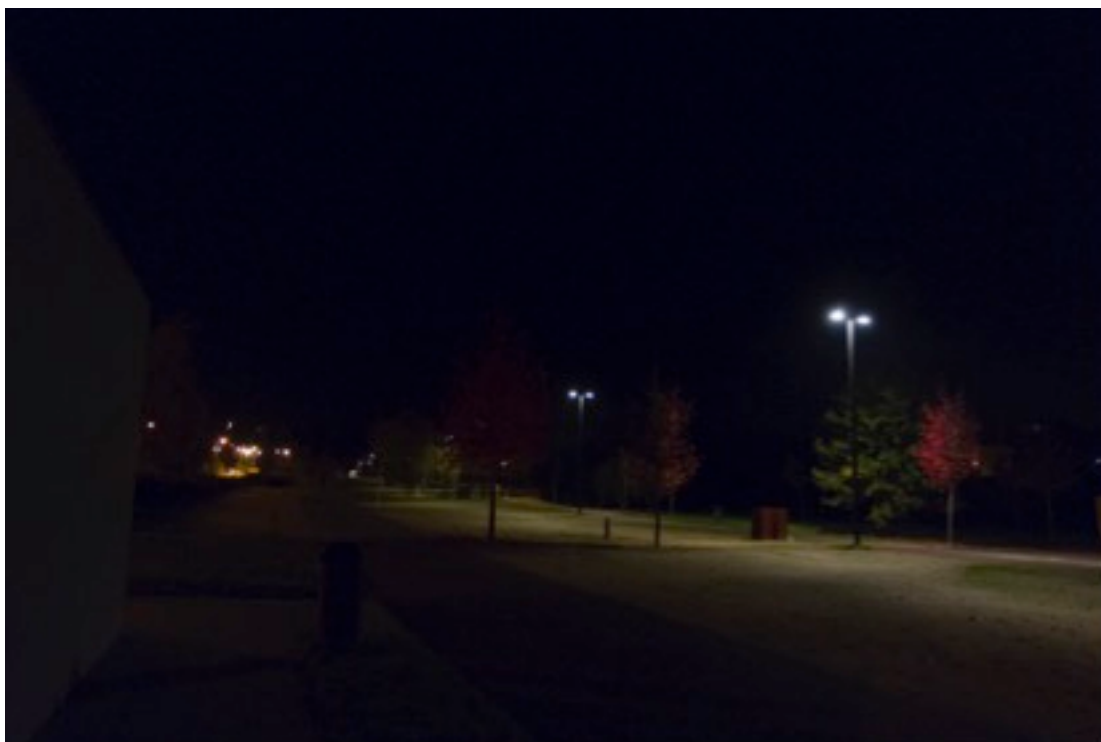
Figura 49 - Uma árvore derrubada no parque.



Figura 50 - Um afluente do Rio Pavia que atravessa o parque.



Figura 51 - As casas de banho do parque.



**Figura 52 - Em cima, o parque durante o dia;
em baixo, o parque no período noturno.**



Figura 53 - Um dos postais de *OPftWCoE*.

A ausência de manutenção dos equipamentos e serviços do Parque Urbano da Radial de Santiago e o fato deste se encontrar numa zona de frequente passagem, mas nunca de paragem por parte da massa cívica, são fatores que potenciam o seu fracasso. É absolutamente imperativo conseguir estabelecer como um ponto de diversidade na zona em que se encontra inserido. Além disso, este parque representa uma mera opção às alternativas disponíveis no que diz respeito a locais adaptados para a prática desportiva na cidade de Viseu. Locais como a ciclovia e o Parque do Fontelo, ao disporem de sombras naturais, áreas maiores e de maior diversidade de oferta (cafés e casas de banho funcionais, nomeadamente) apresentam-se como alternativas que oferecem mais vantagens para o seu utente.

Nesse sentido, a condição atual do Parque Urbano da Radial de Santiago reflete os efeitos do *cerco rodoviário*.

Os parques mais problemáticos encontram-se precisamente onde as pessoas não passam e onde provavelmente nunca irão passar. Um parque de uma cidade que se encontre nesta situação, em apuros (porque em alguns casos encontra-se mesmo em apuros) com um terreno de grandes dimensões, encontra-se figurativamente na mesma posição que uma grande loja numa má localização económica.

...

Parques generalizados podem adicionar e adicionam grande atração a bairros que as pessoas acham atrativos para uma grande variedade de outros usos. Podem também deprimir ainda mais bairros que as pessoas acham pouco atrativos para uma grande variedade de outros usos, dado que eles exageram o tédio, o perigo, o vazio. Quanto melhor uma cidade conseguir misturar com sucesso a diversidade de usos e de utilizadores nas suas ruas diariamente, as suas pessoas podem então, com sucesso, casualmente (e economicamente) tornar mais interessantes e sustentar parques bem localizados que podem então devolver graça e deleite aos seus bairros em vez de vácuo (Jacobs, 1961, p. 117)⁶⁶.

⁶⁶ *The worst problem parks are located precisely where people do not pass by and likely never will. A city park in this fix, afflicted (for in such cases it is an affliction) with a good-sized terrain, is figuratively in the same position as a large store in a bad economic location.*

...

Generalized parks can and do add great attraction to neighbourhoods that people find attractive for a great variety of other uses. They further depress neighbourhoods that people find unattractive for a wide variety of other uses, for they exaggerate the dullness, the danger, the emptiness. The more successfully a city mingles everyday diversity of uses and users in its everyday streets, the more successfully, casually (and economically), its people thereby enliven and support well-located parks that can thus give back grace and delight to their neighbourhoods instead of vacuity (Jacobs, 1961, p. 117).



Figura 54 - Em cima, o Parque do Fontelo; em baixo, a ciclovia.

O centro histórico de Viseu é, à imagem do centro histórico de todas as cidades, um lugar único. Se existem alternativas para o utente do Parque Urbano da Radial de Santiago, tal não se verifica em relação ao utente do centro histórico. E, sendo que existe apenas um centro histórico, os seus problemas devem ser encarados como matéria urgente.

É sobre o centro histórico de Viseu que falaremos em seguida.

Assim que entramos na Praça D. Duarte não podemos deixar de reparar nos automóveis que se encontram estacionados. Na grande maioria dos casos, o comércio daquela zona não tem um cais destinado a cargas e descargas. E por vezes, durante a tarde, existem camiões que param em plena praça para descarregar as suas mercadorias e reabastecer o *stock* dos estabelecimentos comerciais, fazendo uso da via destinada à circulação automóvel. Isto provoca o congestionamento do trânsito automóvel e condiciona a circulação dos transeuntes, visto que não existe um espaço demarcado para a circulação dos peões e outro para a circulação automóvel na Praça D. Duarte. Sendo que ambos os fluxos têm que partilhar a via, foram construídas nela estruturas para delimitar os espaços para a permanência de veículos e de transeuntes.

Em alturas de maior afluência de pessoas, o centro histórico fica repleto de carros e os passeios pedonais convertem-se em lugares de estacionamento. Este comportamento reflete a ausência de alternativas de estacionamento nesta zona da cidade. O Município de Viseu está a estudar algumas propostas⁶⁹⁷⁰ que reúnem um conjunto de medidas destinadas a reabilitar determinadas zonas da cidade, nomeadamente nos termos da sua acessibilidade, e que visam promover o uso dos transportes públicos, além de oferecer novas soluções de estacionamento para a massa cívica.

⁶⁹ c) *A necessidade na definição de uma rede de transportes e de áreas de estacionamento para a ARU, especialmente para o Centro Histórico e Zona da Ribeira, que reduza o tráfego de atravessamento e privilegie a circulação pedonal* (Município de Viseu, 2014, p. 25).

⁷⁰ *O desempenho do CHV no contexto da cidade dependerá também das acessibilidades e, por isso, a CMV irá avaliar a possibilidade de dotar esta zona de um transporte público, tipo “shuttle”, que o interligue a vários pontos da cidade no sentido de ligar os utentes e consumidores aos estabelecimentos e serviços localizados no CHV. Além disso, serão criadas “micro bolsas” de estacionamento, para residentes e público em geral* (Município de Viseu, 2014, p. 9).



Figura 56 - Um dos postais de OPftWCoE.

A traçados de urbanismo formais e rígidos não podiam deixar de corresponder monumentos identicamente estereotipados e uma procura dos eixos de composição, de forçadas simetrias. São deste tipo os exemplos em que os nossos olhos mais correntemente tropeçam. Se alguns conseguiram atingir nível artístico excecional, integrar-se e contribuir exemplarmente para a estética urbana — como a estátua equestre do Terreiro do Paço, por exemplo, a maioria já não se coaduna com a nossa sensibilidade, o que prejudica o seu valor simbólico. Uma maneira de viver mais funcional e dinâmica, numa época de mudanças bruscas e radicais, também se não coaduna já com os traçados urbanísticos a que aludimos. Por isso os nossos monumentos de maior vulto têm sofrido o vexame de se verem relegados a ilhotas num mar de tráfego ou a perderem-se no meio de gigantescos estacionamento de veículos (Amaral & Santa-Bárbara, 2002, p. 62).

Não é possível equacionar a hipótese de vedar totalmente a circulação automóvel no centro histórico de Viseu e esperar que este mantenha o que resta do seu núcleo vivo⁷¹. Como Miguel Ginestal afirmou em 2007, em entrevista ao jornal *As Beiras*, *estamos de acordo que os carros não entrem no centro histórico, mas só depois de ser feito o trabalho de casa*. Mas a que custo queremos manter as pessoas no centro histórico? A custo da degradação do património da cidade? A escassez de estacionamento que se verifica um pouco por toda a cidade — e particularmente notória no seu centro histórico — faz com que surjam um sem-número de lugares de estacionamento *improvisados*. E quanto ao funicular — o veículo que fazia a ligação entre o Largo da Feira de São Mateus e a Sé Catedral⁷² e que a par do autocarro que percorre a linha azul⁷³ representa a única ligação existente com a rede de transportes pública (a qual está a ser alvo de uma revisão⁷⁴) —, o mesmo foi desativado.

Miguel Ginestal defendeu que, primeiro, há que construir parques de estacionamento e implementar animação regular na zona. Perante os protestos dos proprietários dos bares e do centro histórico que no passado dia 17 de agosto, colocaram cartazes nos estabelecimentos comerciais onde se lia “Vende-se ou trespasa-se por falta de clientes”, Miguel Ginestal afirmou que a medida que pretendia retirar os carros e atrair pessoas teve um efeito contrário: “Saíram os carros e as pessoas” (Ferreira S., 2007).

⁷¹ Esta tendência está relacionada com o desmantelamento do Mercado 2 de maio, fator que contribuiu para a desvitalização do comércio tradicional em Viseu. Falaremos sobre esta problemática no capítulo 3.4.

⁷² No mês de outubro do ano de 2015 o funicular assumiu “uma vocação de cariz turístico e de mobilidade em dias e eventos especiais, deixando o seu modo de funcionamento diário” (Município de Viseu, 2015).

⁷³ *Os transportes alternativos em circulação são movidos exclusivamente a energia elétrica e, em consequência com um impacto negativo mínimo nas condições ambientais; são especialmente vocacionados para as ruas estreitas; extraordinariamente adaptados a circuitos do tipo “linha azul”, sem que as paragens, não fixas, constituam desconforto ou riscos para a segurança dos passageiros e dos automobilistas que os seguem* (CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU, 2007, p. 134).

⁷⁴ *O desempenho do CHV [Centro Histórico de Viseu] no contexto da cidade dependerá também das acessibilidades e, por isso, a CMV [Câmara Municipal de Viseu] irá avaliar a possibilidade de dotar esta zona de um transporte público, tipo “shuttle”, que o interligue a vários pontos da cidade no sentido de ligar os utentes e consumidores aos estabelecimentos e serviços localizados no CHV. Além disso, serão criadas “micro bolsas” de estacionamento, para residentes e público em geral* (Câmara Municipal de Viseu, 2013, p. 16).



Figura 57 - Um dos postais de OPftWCoE.

Jane Jacobs fala-nos do fenómeno da *erosão da cidade pelos automóveis* no seu livro *The Death and Life of Great American Cities* (1961, p. 363). Este processo atua num princípio de *feedback* positivo, no qual são propiciadas numa cidade condições para o acondicionamento de automóveis e para melhorar a sua circulação. Este procedimento procura, em última instância, alcançar as condições necessárias para estabilizar esta situação ao ponto de não serem necessárias mais estruturas para acondicionar automóveis. No entanto, estas nunca são alcançadas. Assim que se inicia este processo, as condições que são criadas para os automóveis diminuem a eficácia dos transportes públicos. Isto por sua vez leva a que a necessidade por automóveis pessoais seja cada vez maior. E, nesse caso, a única medida possível para tentar diminuir o uso do automóvel é *aumentar a acessibilidade dos carros* (Jacobs, 1961, p. 366), procurando facilitar o estacionamento e torná-lo mais acessível para a massa cívica. O que observamos no centro histórico não é mais do que o fenómeno da *erosão da cidade pelos automóveis* associado a uma falta de estacionamento.

E assim atua a erosão, aos poucos e poucos, subtraí razões para usar um distrito erodido, e ao mesmo tempo tornam-no menos vivo, menos conveniente, menos compacto, menos seguro, para aqueles que continuam a ter razões para o usar. Quanto mais concentrada e genuinamente urbana for uma área, maior é o contraste entre a pequenez daquilo que é oferecido e a significância daquilo que se perde no processo de erosão (Jacobs, 1961, p. 367)⁷⁵.

⁷⁵ *Thus does erosion, little by little, subtract reasons for using an eroded district, and at the same time make it less lively, less convenient, less compact, less safe, for those who continue to have reason to use it. The more concentrated and genuinely urban an area, the greater the contrast between the smallness of what is delivered and the significance of what is lost by the process of erosion (Jacobs, 1961, p. 367).*



Figura 58 - Em cima, um camião a descarregar mercadoria em plena via na Praça D. Duarte; em baixo, pormenor da Rua Nunes de Carvalho — uma das ruas do centro histórico — numa noite de sexta-feira do mês de julho.



Figura 59 – A Rua D. Duarte.



Figura 60 - Em cima, a Rua do Comércio interrompida para cargas e descargas; em baixo, *AVISO: a rua do comércio está fechada durante cerca de 30 minutos para descarregar material numa loja. Pedimos desculpa pelo incómodo, mas será breve* é a legenda desta imagem publicada na página de facebook do Município de Viseu no dia 3 de novembro de 2014.

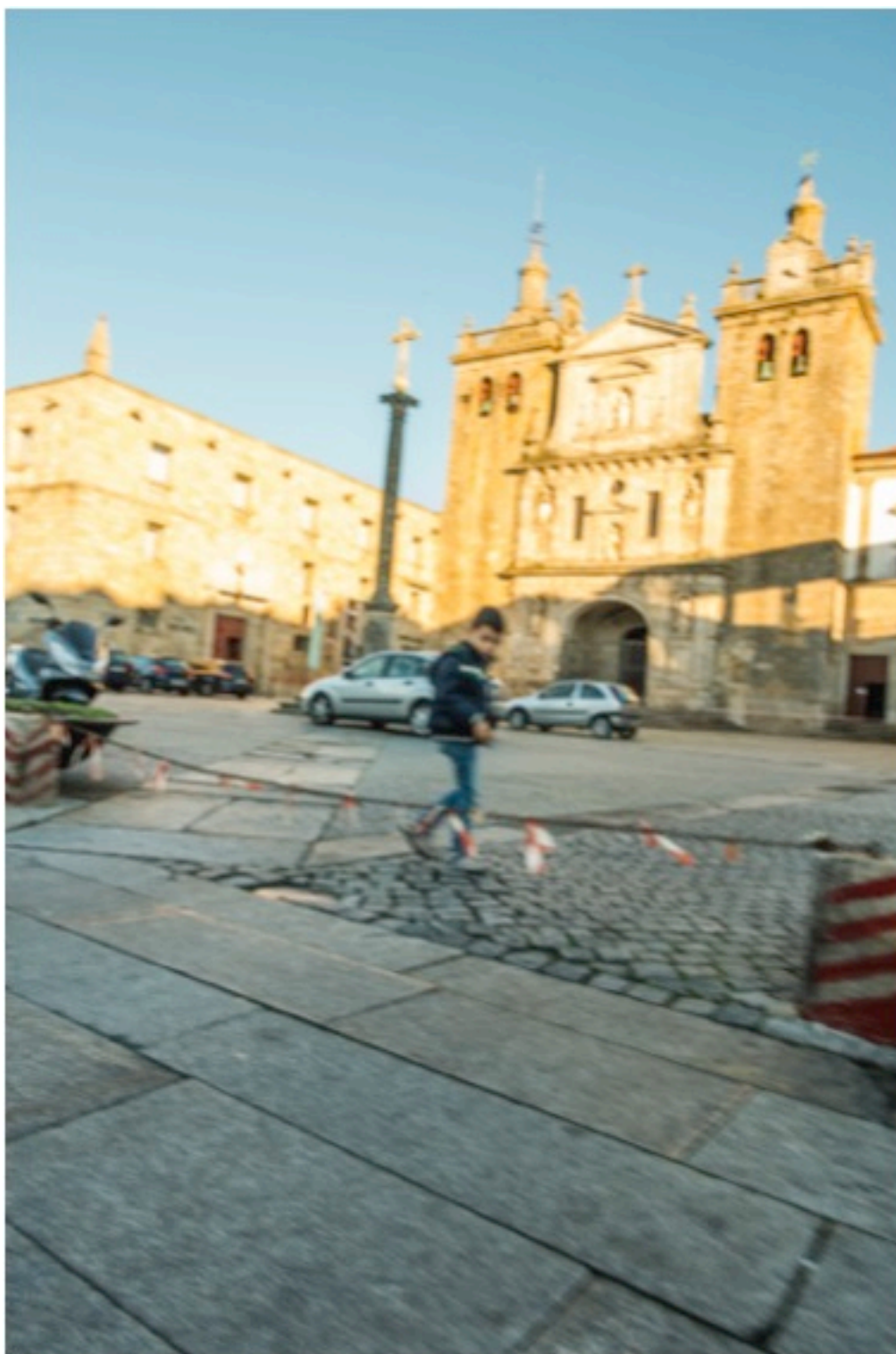


Figura 61 - O adro da Sé Catedral.



Figura 62 - A Travessa da Misericórdia.



Figura 63 - Em cima, a Praça D. Duarte; em baixo, a Rua do Comércio.

Atualmente, existem 7 alternativas em termos de estacionamento dos quais os utentes do centro histórico podem usufruir: o parque de estacionamento do Largo de Santa Cristina, o parque de estacionamento do prédio alto, um parque de estacionamento que existe junto à estação do funicular na Sé, o parque de estacionamento do Mercado 21 de agosto, o Largo da Feira de São Mateus, o largo da Sé Catedral de Viseu e um largo que existe na Rua Capitão Silva Pereira. Desta lista, há 4 parques de estacionamento de facto: o parque de estacionamento do Largo de Santa Cristina, o parque de estacionamento do prédio da caixa, o parque de estacionamento que existe junto à estação do funicular da Sé e o parque de estacionamento do Mercado 21 de agosto. Os restantes espaços são parques de estacionamento “improvisados”.

O parque de estacionamento do prédio alto não é gratuito, não tem cobertura e fica um pouco distante do centro histórico da cidade. A falta de cobertura e a cobrança efetuada para o ato de parqueamento são características que observamos em muitos outros parques de estacionamento. Mas este localiza-se numa zona distante e sem nenhuma ligação direta com o centro histórico. Os utentes deste parque terão como única alternativa para acederem ao centro histórico percorrerem um trajeto pedonal ao longo de várias ruas. Verificamos no parque do Mercado 21 de agosto as mesmas características do parque de estacionamento do prédio alto.



Figura 64 - Em cima, o parque de estacionamento do Mercado 21 de agosto; em baixo, o parque de estacionamento do prédio alto.

O largo que existe na Rua Capitão Silva Pereira é um parque de estacionamento *improvisado*. Apesar deste parque de estacionamento *improvisado* ser gratuito, não tem cobertura e encontra-se longe do centro histórico.



Figura 65 - O parque de estacionamento “improvisado” do largo da Capitão Silva Pereira.

Existe outro parque de estacionamento *improvisado* no Largo da Feira de São Mateus que serve tanto os utentes do centro histórico de Viseu como os da zona em que este se insere: a zona ribeirinha da cidade. No entanto, este parque de estacionamento desaparece durante o período em que é realizada a Feira de São Mateus. Durante esse período, verifica-se um uso extraordinário dos lugares de estacionamento da Avenida da Cidade de Salamanca e do largo onde é realizada a feira semanal — que também serve de parque de estacionamento *improvisado*. Devido ao fluxo de turistas e emigrantes que visitam Viseu durante o período em que se realiza a Feira de São Mateus, é nessa altura do ano que a problemática do défice de estacionamento se torna mais pronunciada.

O Largo da Feira de São Mateus é um espaço de dimensões consideráveis que além de albergar uma feira anual, colmata uma necessidade direta da cidade de Viseu (a carência de estacionamento) através da disponibilização de forma gratuita de um espaço onde o utente pode estacionar o seu automóvel. Mas se antes o Largo da Feira de São Mateus se situava numa localização privilegiada para os seus utentes poderem facilmente aceder ao centro histórico de Viseu, atualmente, com o desmantelamento do funicular, esse não é o caso. A sua ausência representa uma perda na mobilidade dos cidadãos.

O primeiro passo no planeamento da infusão de novos usos potenciais é ter uma ideia prática daquilo que a infusão deve alcançar se ela se propõe a superar o problema principal do distrito. A infusão teria que resultar na presença de números máximos de pessoas durante os períodos em que o distrito mais precisa deles para alcançar um equilíbrio em termos horários: início da tarde (entre a duas e as cinco da tarde), finais de tarde, sábados e domingos. A única concentração possível que é grande o suficiente para fazer alguma diferença consistiria em grandes números de visitantes nesses tempos, e isto por sua vez tem que significar que turistas juntamente com muitas pessoas da própria cidade, regressando uma e outra vez no seu tempo de lazer. O que quer que seja que atraia esta infusão de novas pessoas tem também que ser atrativo para pessoas que trabalhem no distrito. Pelo menos a sua presença não pode aborrecer ou repeli-los. Este novo uso putativo (ou usos) não pode, além de tudo isto, substituir os próprios edifícios e territórios nos quais novas, empresas e fábricas espontâneas, estimuladas pelo novo horário de pessoas pode crescer com a liberdade e a flexibilidade de acomodações que eles vão precisar. E finalmente, este novo uso (ou usos) tem que ser de acordo com o carácter do distrito, certamente não ter nenhum objetivo cruzado em relação a este.

...

...

*Nenhum bairro ou distrito, não obstante do quão bem estabelecido, prestigiaste, ou bem alicerçado, e não obstante de quão intensamente populado com vista a um objetivo, pode desdenhar a necessidade de espalhar pessoas ao longo do tempo do dia sem frustrar o seu potencial para gerar diversidade. Além do mais, um bairro ou distrito perfeitamente calculado, ao que parece, para preencher uma função, seja ela de trabalho ou qualquer outra, e com tudo aquilo que é ostensivamente necessário para aquela função, não pode providenciar aquilo que é necessário se está confinado àquela única função. A não ser que um plano para um distrito com falta de dispersão de pessoas ao longo do tempo do dia chegue à causa do problema, o melhor que pode ser feito é substituir a velha estagnação com nova. Pode parecer mais limpo durante uns tempos, mas isso não é grande coisa a comprar com muito dinheiro (Jacobs, 1961, pp. 169—170)*⁷⁶.

⁷⁶ *The first step in planning the infusion of new potential uses is to have a practical idea of what the infusion must accomplish if it is to overcome the district's root trouble. The infusion would obviously have to result in the presence of maximum numbers of persons at the times when the district needs them most for time balance: mid-afternoons (between two and five o'clock), evenings, Saturdays and Sundays. The only possible concentrations large enough to make any difference would consist of great numbers of visitors at those times, and this in turn has to mean tourists together with many people of the city itself, coming back over and over again in their leisure time. Whatever it is that attracts this infusion of new people must also be attractive to people who work in the district. At least its presence cannot bore or repel them. This new putative use (or uses) cannot, furthermore, replace wholesale the very buildings and territories in which new, spontaneous enterprises and facilities, stimulated by the new time spread of people, can grow with the freedom and flexibility of accommodations they will need. And finally, this new use (or uses) ought to be in accord with the district's character, certainly not at cross-purposes to it.*

...

No neighbourhood or district, no matter how well established, prestigious, or well heeled, and no matter how intensely populated for one purpose, can flout the necessity for spreading people through time of day without frustrating its potential for generating diversity. Furthermore, a neighbourhood or district perfectly calculated, it seems, to fill one function, whether work or any other, and with everything ostensibly necessary to that function, cannot actually provide what is necessary if it is confined to that one function. Unless a plan for a district which lacks spread of people through time of day gets at the cause of the trouble, the best that can be done is to replace old stagnation with new. It may look cleaner for a while, but that is not much to buy with a lot of money (Jacobs, 1961, pp. 169—170).

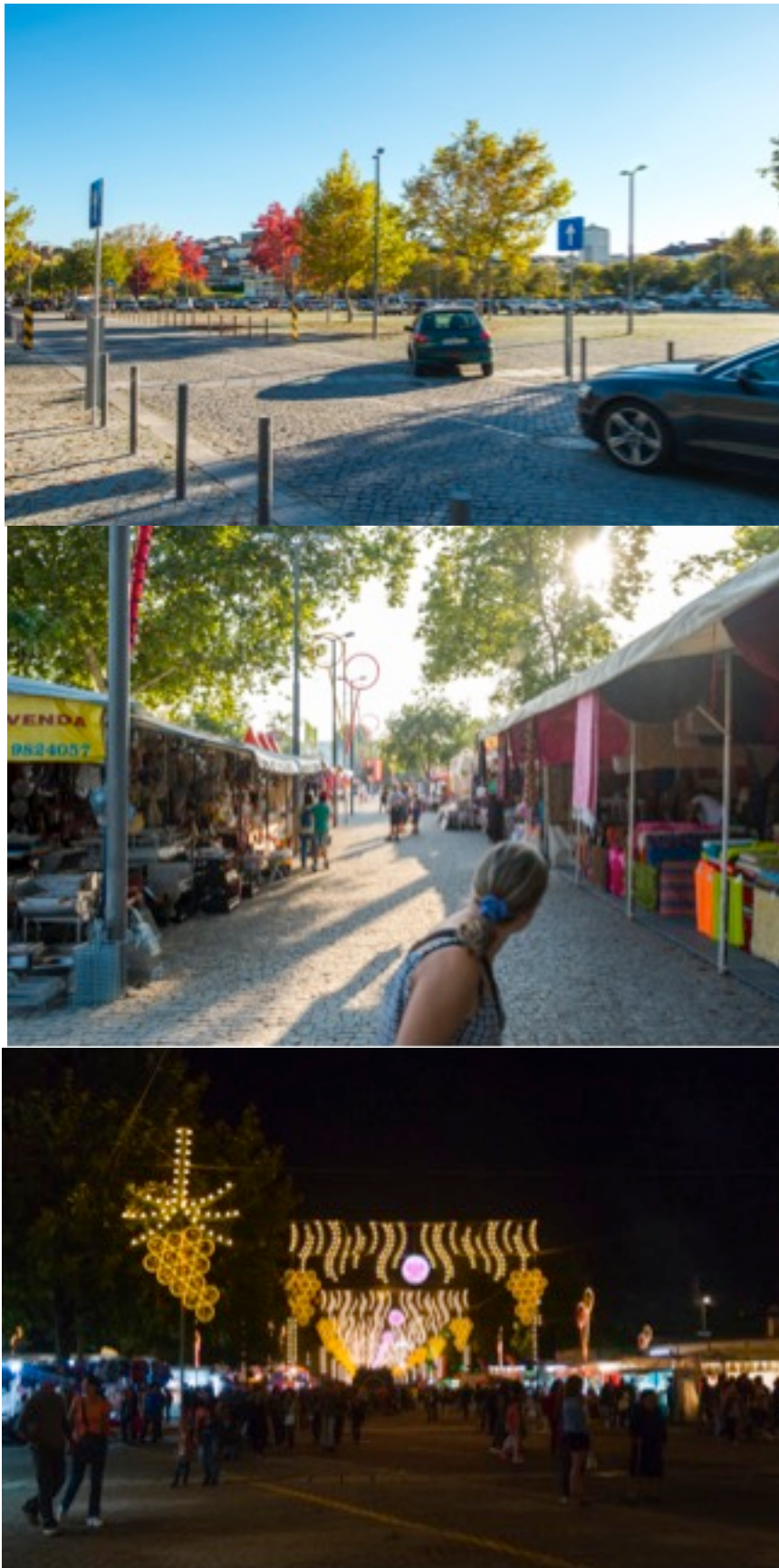


Figura 66 - Em cima: o parque de estacionamento *improvisado* no Largo da Feira de São Mateus; no centro e em baixo, a Feira de São Mateus.

O parque de estacionamento do Largo de Santa Cristina não é gratuito, mas é coberto. Encontra-se mais perto do centro histórico do que todas as alternativas acima enunciadas e está aberto 24 horas por dia.



Figura 67 - O parque de estacionamento do Largo da Santa Cristina.

Outra alternativa de estacionamento para os utentes do centro histórico é o parque de estacionamento *improvisado* que existe junto à estação do funicular da Sé. Apesar de apresentar poucos lugares de estacionamento disponíveis e de não ter cobertura, este parque é gratuito e é a segunda alternativa mais próxima do centro histórico de Viseu de que os seus utentes dispõem para estacionar o seu veículo. Visto o funicular já não circular diariamente, a proximidade deste *parque* da estação deixou de ser uma vantagem. Precisamente neste local, está prevista a construção de um novo parque de estacionamento⁷⁷.

⁷⁷ A Câmara Municipal de Viseu decidiu iniciar no passado dia 8 de maio o projeto de construção de um parque de estacionamento no centro histórico, junto à estação superior do funicular (Jornal do Centro, 2015).



Figura 68 - O parque de estacionamento *improvisado* junto à estação do funicular da Sé.

Por último nesta lista, os utentes do centro histórico de Viseu podem estacionar no largo da Sé Catedral durante o período noturno e, por vezes, durante o período diurno.



Figura 69 - O parque de estacionamento *improvisado* do Largo da Sé Catedral.

Nós consideramos que estacionar no largo da Sé Catedral é um comportamento comodista, que revela um profundo egoísmo e desrespeito pelo património. Existem outros locais que não são monumentos históricos nos quais podemos estacionar o automóvel, sem prejuízo para o património e para a imagem da cidade de Viseu⁷⁸. No entanto, as alternativas de estacionamento são deficitárias e não conseguem dar resposta às necessidades. Estacionar no largo da Sé pode representar um ato de comodidade. Noutros casos, pode representar a única alternativa disponível. Neste momento, estão, precisamente, a ser equacionadas algumas soluções pelo Município de Viseu por forma a sanar o problema de estacionamento que existe nesta zona do centro histórico⁷⁹.

Dado que existia aqui um espaço livre e que os automóveis o cobiçavam, não havia razões históricas, ou de simples respeito pelo património artístico que impedissem a degradação desta praça [Praça do Comércio em Lisboa], tão famosa pelo seu traçado monumental. E se tal sucedeu aqui, imaginamos facilmente o que se passa nos outros espaços urbanos mais anónimos... (Amaral & Santa-Bárbara, 2002, p. 279).

⁷⁸ De uma amostra de 15 postais adquiridos numa loja de recordações do centro histórico de Viseu, 10 desses postais ilustravam a Sé Catedral. Sendo que o largo da Sé — um monumento de tão elevada importância — está a ser utilizado como parque de estacionamento, como pode Viseu afirmar-se como “a melhor cidade para Viver” (uma marca que, relembramos, é também sustentada pela história da cidade de Viseu) quando vemos a maneira como os seus habitantes lidam com o seu património?

⁷⁹ Para o Presidente da Câmara, Almeida Henriques, *o estacionamento automóvel no Centro Histórico é uma peça central da qualidade de vida e da atratividade do coração da cidade. Queremos tornar mais simples a vida de quem mora, de quem visita e de quem trabalha no Centro Histórico, e precisamos também de libertar praças emblemáticas do estacionamento e tráfego automóvel, melhorando todo o ambiente envolvente* (Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu, 2015, p. 3).

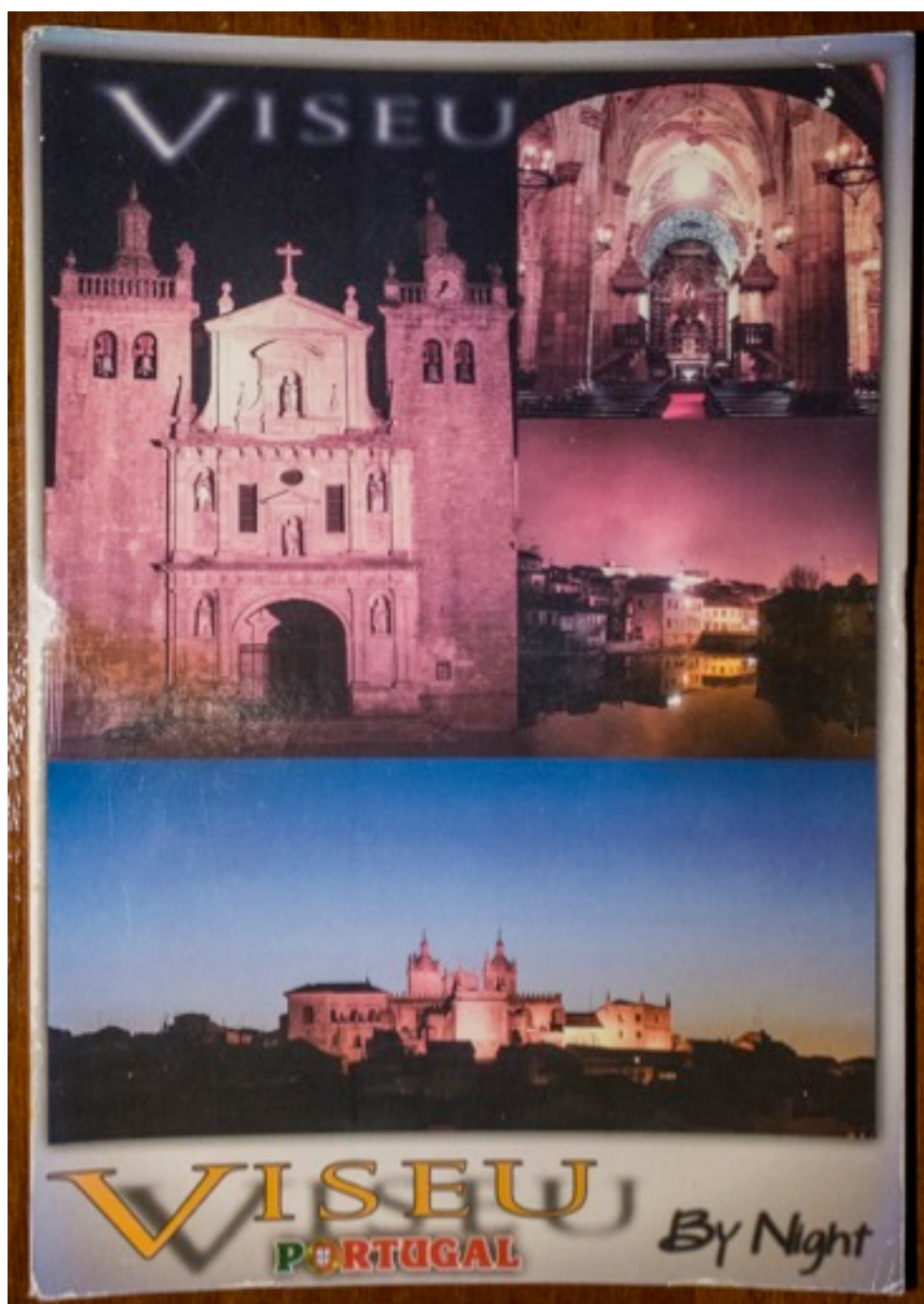


Figura 70 - Um dos 15 postais adquiridos numa das lojas de recordações do centro histórico de Viseu.

No que diz respeito às questões de conservação e valorização do património de Viseu e nomeadamente do seu centro histórico, os Jardins Efémeros é um evento que visa ilustrar as possibilidades deste espaço. Durante 10 dias, este festival dinamiza o centro histórico da cidade através de uma série de eventos, concertos, *workshops* e exposições gratuitas. O festival faz o convite à massa cívica para usufruir das atividades e do próprio centro histórico, dado que durante o evento o mesmo se encontra fechado à circulação automóvel durante uma grande parte do dia.



Figura 71 - Uma das obras em exposição nos Jardins Efémeros 2015.



Figura 72 - Duas obras expostas nos Jardins Efémeros 2015.



Figura 73 - Uma das exposições dos Jardins Efêmeros 2015.



Figura 74 - Em cima, um concerto ao ar-livre durante os Jardins Efêmeros 2015;
em baixo, a Praça D. Duarte durante os Jardins Efêmeros 2015.

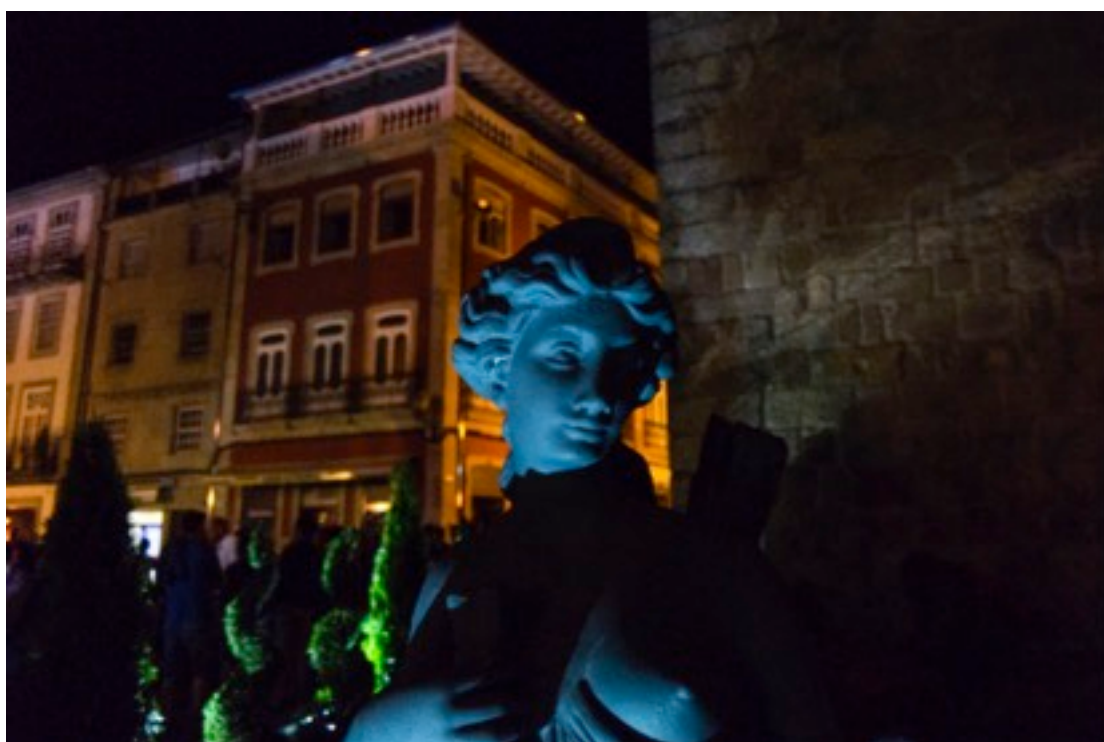


Figura 75 Uma instalação ao ar livre durante os Jardins Efêmeros 2015.



Figura 76 - Uma instalação ao ar-livre durante os Jardins Efêmeros 2015.

Nenhuma das obras ou intervenções levadas a cabo durante os Jardins Efémeros perdura além da duração do festival. Ao longo de todas as suas edições todas as intervenções, obras e ações realizadas destinam-se apenas a ser apreciadas durante o evento. Depois dos Jardins Efémeros, todas as obras são desmanteladas. Durante 10 dias o centro histórico altera-se por completo e torna-se um espaço de (re)criação artística. Mas durante os outros 355 dias do ano, tudo permanece igual. Sendo os Jardins Efémeros um evento que pretende mudar a forma como os viseenses encaram e *usam* o seu centro histórico, seria positivo que este desenvolvesse alguma ação que se prolongasse no tempo, para lá do calendário do festival. Até lá, tudo o que for desenvolvido durante os Jardins Efémeros resumir-se-á a um conjunto de iniciativas limitadas no espaço e no tempo, sem repercussões significativas na cidade, no seu centro histórico, e tampouco nos viseenses. E eis que então, depois da edição de 2015 dos Jardins Efémeros, tudo voltou à normalidade mais uma vez e o centro histórico volta a ser aquilo que era.

Todas as propostas são decorrentes de uma cuidada direção artística, numa programação de carácter urbano, contemporânea e experimental e com os contributos continuados de vários criadores, investigadores, universidades, assistentes sociais, empresas e associações”, refere Sandra Oliveira, responsável pelos Jardins Efémeros. O objetivo, salienta, é o de que “essas relações estabelecidas em projetos específicos resultantes dos Jardins Efémeros possam ser um ensaio e início de realizações futuras autónomas (Oliveira, Viseu recebe mais uma edição dos Jardins Efémeros de 3 a 12 de julho, 2015).

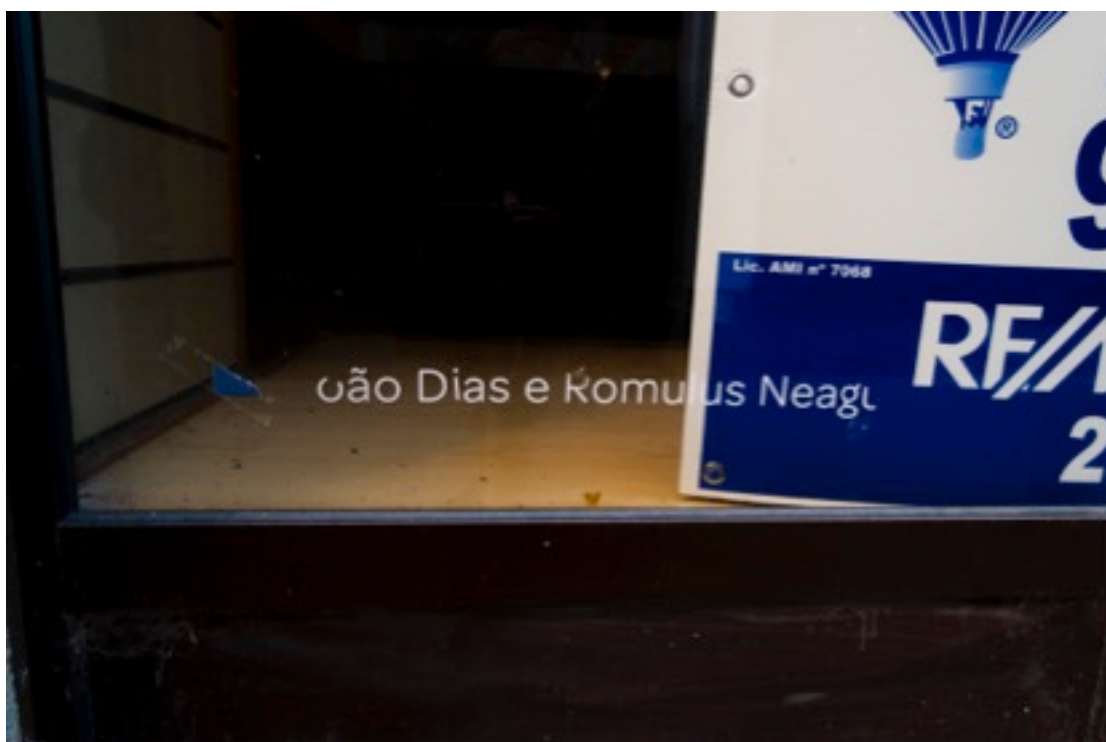


Figura 77 - Dois espaços utilizados durante a edição de 2013 dos Jardins Efêmeros para instalações artísticas.



Figura 78 - *WE ARE NOT A LOAN*, uma instalação do artista ±MAISMENOS±.



Figura 79 - Em cima, o processo de desmantelamento da obra *WE ARE NOT A LOAN*; em baixo, o prédio onde a obra *WE ARE NOT A LOAN* outrora figurava.



Figura 80 - Um dos postais de *OPftWCoE*.

O postal da Figura 80 foi o primeiro a ser executado para a série *OPftWCoE*. Na frente, lê-se *A Minha Cidade é o Meu Jardim*. Esta frase foi mote da edição de 2015 dos *Jardins Efémeros* e segundo a Pausa Possível — a entidade organizadora do festival — o festival evidencia que *Viseu é a cidade que mostra a Portugal o que de bom e diferente existe na produção cultural no Mundo* (2015). A fotografia que ilustra o postal foi capturada no último dia da edição de 2015 dos *Jardins Efémeros*, e ilustra em primeiro plano o lixo amontoado nos contentores na zona da Sé, naquela que é uma época de grande afluência de turistas e durante o festival. Queremos, com este postal, ilustrar o seguinte confronto: Viseu, a Cidade-Jardim da Beira que reúne os atributos enunciados pela Pausa Possível *versus* a Viseu *real* durante os *Jardins Efémeros*. Mas esta situação denuncia uma problemática ainda maior: a desertificação⁸⁰ do centro histórico de Viseu.

⁸⁰ Nos últimos vinte anos a cidade desenvolveu-se em todas as direções. O indeclinável crescimento da cidade deslocou para os bairros periféricos muita da população que habitava no centro da cidade, onde as condições de vida, nomeadamente de habitação, se degradaram, dado o envelhecimento das casas, ou o crescimento dos rendimentos familiares permitiu um lugar de vida mais aprazível. Muitas casas da Rua [Direita] e do centro histórico ficaram vazias. Ao mesmo tempo que a cidade crescia e rompia as suas fronteiras de extensão, o uso do automóvel vulgarizava-se e vinha também ele contribuir para mais um problema na desertificação do núcleo histórico (Ferreira P., 2010, p. 107)



Figura 81 - Uma publicidade posta em circulação pelo Município de Viseu durante os Jardins Efêmeros 2015.



Figura 82 - O urinol do centro histórico.

São poucos aqueles que vivem no centro histórico de Viseu e não existe cuidado por parte da sua população flutuante no que diz respeito à manutenção dos espaços. Este problema surge na sequência dos eventos que levaram ao desmantelamento do Mercado 2 de maio. Devido à sua posição estratégica, o Mercado 2 de maio era, no passado, o núcleo vivo de Viseu. Quando este foi desmantelado, a área envolvente — o centro da cidade — perdeu o seu maior ponto de diversidade. E, embora o centro histórico não esteja totalmente desvitalizado, o mesmo não se pode dizer do Mercado 2 de maio, quando este foi desmantelado Viseu perdeu a peça nuclear do seu comércio tradicional.

É sobre essa problemática que falaremos no próximo capítulo.

3.4.A desvitalização do comércio tradicional

Na perspetiva do Urbanismo Comercial os centros tradicionais de comércio têm vindo a sofrer um grande declínio devido a fatores como: o comércio de pequena dimensão e reduzido número de trabalhadores; a resistência à modernização e à inovação tecnológica; a mão de obra, predominantemente familiar; a mobilidade social e desinteresse dos descendentes por este trabalho; o envelhecimento dos empresários e descapitalização da empresa; o aparecimento das grandes superfícies que conquistam a cota de mercado ao comércio tradicional. No entanto, verifica-se que algumas lojas que se tornaram uma referência histórica, continuam a pontuar, em alguns centros urbanos, como território ou paisagem de identificação.

As dificuldades de renovação dos centros históricos urbanos prendem-se com a degradação dos edifícios, a deslocação dos locais de atração, a dificuldade de acesso a ruas estreitas e sinuosas, e por vezes íngremes, bem como problemas de estacionamento. Estes fatores associados aos horários de funcionamento do comércio tradicional, e ao declínio da função residencial, afastam os novos investimentos e concomitantemente atraem elementos de insegurança àquelas zonas, o que aumenta o seu efeito repulsivo (Ferreira P. , 2010, p. 29).

Nas últimas décadas, o comércio tradicional viseense tem enfrentado sérias dificuldades com o aparecimento dos grandes espaços comerciais⁸¹. Na década de 1970, centros comerciais como o Ecovil e supermercados como o Pão de Açúcar e o Flor de Viseu surgiram enquanto alternativas ao comércio praticado na altura, passando a oferecer à população de Viseu, novas formas de comercializar e apresentavam produtos mais variados (Ferreira P. , 2010, p. 109).

⁸¹ Desde o vestuário masculino e feminino à ourivesaria, passando pela ótica médica e pelos artigos desportivos, de tudo um pouco podia ser adquirido num só centro comercial. As montras atraíam o público, o néon e o perfume próprio do consumo cuidavam do resto. Os centros comerciais foram o primeiro atentado, que já hoje não se nota, ao comércio tradicional de rua (Jornal do Centro, 2015).

O primeiro centro comercial a surgir em Viseu foi o Ecovil, com entradas pelas ruas do Comércio e D. Duarte, há pouco mais de 33 anos. Ecovil era o nome de uma já extinta empresa de construção e o inovador espaço comercial fez história na cidade de Viseu com as suas 27 lojas. É tido ainda hoje em roteiros comerciais como uma galeria de lojas com um pequeno espaço de restauração. O Centro Comercial Ecovil foi um marco na história do comércio viseense. Após os primeiros anos possui hoje apenas 13 lojas ocupadas com ótica, vestuário, um café, consultório médico, entre outras (Jornal do Centro, 2015).

Alguns espaços comerciais conseguem manter-se relevantes para o mercado de consumidores ao longo de várias gerações. Outros transformam-se progressivamente em autênticos *desertos comerciais*. Atualmente, mais de metade dos espaços do Ecovil encontram-se vazios.



Figura 83 - Um dos postais de OPftWCoE.

Outro fator que pode ajudar a explicar a desvitalização do comércio tradicional em Viseu foi o desmantelamento do Mercado 2 de maio. Durante muitos anos, foi lá que se realizou o mercado municipal de Viseu. Na altura, a sua proximidade das redes de transportes públicos⁸² e de várias vias comerciais — a Rua Formosa, a Rua do Comércio e a Rua Direita (a artéria que liga a parte alta à parte baixa da cidade e outrora a via comercial mais movimentada de Viseu) — faziam do Mercado 2 de maio uma espécie de elemento unificador, um *ponto de encontro*, no qual se encontrava uma vasta diversidade de oferta para a massa cívica.



Figura 84 - Um postal antigo que retrata o *ponto de encontro* formado pelas várias vias comerciais e o mercado municipal, que então se realizava no Mercado 2 de maio.

⁸²...havia três pontos de chegada e partida dos autocarros, que concentravam diariamente as populações que vinham à cidade, num triângulo em torno da rua. O Largo Mouzinho de Albuquerque, ao fundo da Rua Direita, a Avenida 25 de Abril, junto ao Rossio, e o Largo da Santa Cristina, os dois últimos situados na parte alta da cidade. Neste triângulo era desembarcada, diariamente, mais ou menos gente, consoante os dias da semana, que, pelas mais diversas razões, vinha contribuir para uma dinâmica de atividades, das quais o comércio era um dos principais intuitos...Este triângulo interagiu com a rua, por ser o caminho mais direto e por ali convergirem a maior parte das ruas do centro da cidade e, mesmo se o destino não era a rua, ela era ponto de passagem para outras direções (Ferreira P. , 2010, pp. 103-104).

O Mercado 2 de maio (o espaço do mercado municipal de Viseu durante mais de um século) foi desmantelado em 1990 e, no ano de 1992, foi aprovado um projeto de requalificação deste espaço. Entretanto, o mercado municipal passou a realizar-se num novo espaço, construído de propósito para esse efeito: o Mercado 21 de agosto. A transferência do mercado municipal para este espaço não agradou à massa cívica que visitava Mercado 2 de maio e as vias comerciais circundantes⁸³. No ano de 2015, foi aprovado um projeto⁸⁴ de reestruturação do Mercado 21 de agosto.

⁸³ *O novo mercado surge a uns escassos duzentos metros da central de camionagem, entre a Av. Alberto Sampaio, a Rua 21 de agosto e a Rua Constantino Afonso de Melo...criando mais percursos desviados da Rua Direita. A deslocação do mercado criou muita polémica e descontentamento, partilhados pelos comerciantes da Rua e do núcleo histórico, pela população da cidade e pelos vendedores de produtos agrícolas provenientes das aldeias, que não se identificavam com o novo espaço* (Ferreira P., 2010, pp. 104-105).

⁸⁴ *A Câmara de Viseu aprovou hoje a elaboração de um projeto de regeneração da infraestrutura do mercado municipal, de forma a torná-lo “eficiente, confortável e atrativo” para vendedores e clientes. Segundo o presidente da Câmara, Almeida Henriques, foi aprovado um contrato-programa com a Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) no sentido de “avançar com a encomenda de um projeto de revitalização do mercado municipal, designadamente através da alteração das suas funcionalidades e de uma melhor localização para os vendedores”. “Não desistimos do objetivo de ter um mercado municipal dinâmico, que sirva de suporte aos nossos produtores, até pela qualidade dos produtos”, disse o autarca aos jornalistas, no final da reunião do executivo. Segundo Almeida Henriques, “independentemente das muitas ideias que tem havido sobre o assunto, é o momento certo para encomendar um projeto de arquitetura” e de alteração da organização do Mercado 21 de agosto. “A conclusão a que chegámos é que ou fazemos uma mudança estrutural no espaço ou dificilmente ele cumprirá a função que queremos de mercado de proximidade e de venda de produtos endógenos”, considerou (Romão, 2015).*

O Mercado Municipal passou a funcionar na Rua 21 de agosto, desde que deixou o espaço da praça 2 de maio, na Rua Formosa, no início da década de 90. Nos últimos anos este equipamento tem sido criticado pela sua falta de atratividade, que levou, segundo quem ali trabalha diariamente, ao afastamento da população deste espaço. “Já não vem aqui ninguém, menina. E as pessoas que ainda aqui compram são as mais antigas. Jovens nem vê-los”, queixa-se Alzira Loureiro, de Silgueiros, vendedora que já fazia praça no 2 de maio. É uma das produtoras diretas (agricultores que aqui vendem fruta, flores e legumes) que às terças, quintas e sábados ocupa algumas das bancas que foram colocadas na parte debaixo do mercado. Em cima, funcionam diariamente os talhos, peixarias e outras lojas com produtos alimentares. “Isto está tudo mal construído”, avança a vendedora. “Só para termos noção, no inverno não conseguimos aqui estar com o frio, é aragem de um lado e do outro”, queixa-se a colega do lado, Laura Inácio. Bom, recorda Alice Carreira, era “quando estávamos no Mercado 2 de maio, mas como para lá nunca mais na vida, ao menos que melhorem isto aqui”. Num pavilhão ao lado da estrutura principal foi criado um espaço com bandas para a venda dos produtores locais, com zona para o peixe, para a fruta, para os legumes...mas não está a ser utilizado. Agora, uma das soluções poderá passar por deitar abaixo esse edifício e construir algo que seja mais funcional. “O novo projeto tem que dar condições. Falta-nos um espaço com visibilidade, que chame a atenção dos clientes”, sublinha Manuel Rodrigues, um dos vendedores que faz parte da Comissão que tem vindo a reunir com a autarquia de Viseu para encontrarem soluções. “Há coisas que são necessárias acautelar, como um espaço para cargas e descargas”, frisa. “A revitalização do Mercado Municipal depende de uma melhoria radical das suas condições de funcionalidade, de frequência e de visita ao longo de todo o ano. Não desistimos de valorizar os produtos e produtores locais com uma infraestrutura eficiente, confortável e atrativa para vendedores e clientes”, anunciou há cerca de um mês Almeida Henriques (Rodrigues, 2015, p. 4).



Figura 85 - Em cima, o exterior do Mercado 21 de agosto; em baixo, o seu interior.



Figura 86 - Um postal de *OPftWCoE* que ilustra o corredor central do Mercado 21 de agosto.

Em paralelo a estes desenvolvimentos, há ainda a questão do projeto de reestruturação do Mercado 2 de maio. Este processo demorou uma década a ser concluído e teve início em 1992. A tutela da obra foi entregue ao arquiteto Álvaro Siza Vieira. O Mercado 2 de maio foi então convertido numa praça com calçada irregular, poucas sombras⁸⁵ e com pouca oferta comercial (em comparação com a época em que o mercado municipal se realizava neste espaço). Atualmente, realizam-se pontualmente alguns eventos e feiras no mercado e existem nele alguns espaços comerciais para usufruto do seu utente. Porém, o Mercado 2 de maio encontra-se completamente descaracterizado da sua antiga forma.

Siza Vieira deslocou-se recentemente a Viseu com um dos seus assessores, constatando “in loco” as potencialidades arquitetónicas que o mercado “2 de maio” pode proporcionar para os fins que a Autarquia preconiza: uma réplica da Praça Grande de Salamanca que permita aos viseenses usufruir de um centro cívico “encrustado” ao ponto mais central da cidade — as ruas Formosa e do Comércio.

...

⁸⁵As magnólias que lá foram plantadas têm o intuito de providenciar uma sombra natural produzida pelas suas copas. Mas este processo requer tempo.

...

Muitos espaços verdes, esplanadas, lojas e uma zona para aparcamentos na parte superior do mercado, com estrada pela Rua do Comércio, é a configuração possível do projeto que Siza Vieira vai elaborar para a Câmara Municipal, propondo-se apresentar mais do que uma alternativa à recuperação desta zona nobilíssima da cidade de Viseu (Jornal de Notícias, 1992)

Viseu

MERCADO "2 DE MAIO" ENTREGUE A SIZA VIEIRA

O arquitecto Siza Vieira aceitou o convite da Câmara Municipal de Viseu no sentido de "estudar" o melhor aproveitamento para o Mercado Municipal "2 de Maio", que a partir de meados de Janeiro vai ficar devoluto, devido à entrada em funcionamento do novo Mercado "21 de Agosto".

Siza Vieira deslocou-se recentemente a Viseu com um dos seus assessores, constatando "in loco" as potencialidades arquitectónicas que o mercado "2 de Maio" pode proporcionar para os fins que a Autarquia preconiza: uma réplica da Praça Grande de Salamanca que permita aos viseenses usufruir de um centro cívico "encerstrado" no ponto mais central da cidade — as ruas Formosa e do Comércio.

Com a decisão, que manteve no "segredo dos deuses" durante muito tempo, de entregar esta obra a Siza Vieira, Carvalho Ruas, presidente da Câmara Municipal, pôe definitivamente de lado a possibilidade de aquele espaço vir a ser alvo de um "concurso de ideias", solução que na óptica do autarca "é muito mais cara e se tem revelado inconsequente em múltiplas circunstâncias".

O estudo, cuja elaboração vai iniciar de imediato, irá aproveitar ao máximo a volumetria do mercado, "sem pôr em causa o enquadramento necessariamente a ter em conta numa zona de acesso à parte histórica da cidade de Viseu".

Muitos espaços verdes, esplanadas, lojas e uma zona para aparcamentos na parte superior do mercado, com entrada pela Rua do Comércio, é a configuração possível do projecto que Siza Vieira vai elaborar para a Câmara Municipal, propondo-se apresentar mais do que uma alternativa à recuperação desta zona nobilíssima da cidade de Viseu.

Obras como esta "não se fazem de um dia para o outro", mas Carvalho Ruas admite que a obra de reaproveitamento do mercado "2 de Maio" possa ter início no próximo ano.

Siza Vieira percorreu durante mais de três horas a cidade de Viseu, particularmente o seu Centro Histórico, tendo tecido "elogios rasgados" à beleza e sobretudo ao estado de conservação em que o mesmo se encontra, "o que para nós não deixa de ser gratificante, dado o nível incontestado deste arquitecto de nomeada nacional e internacional", sublinha Carvalho Ruas.

O presidente da Câmara Municipal de Viseu avançou ainda para o JN a possibilidade de Siza Vieira vir a elaborar também, num futuro próximo, o projecto do complexo "BC", ou seja a construção de um edifício junto ao edifício da Segurança Social, na Avenida António José de Almeida, actualmente a servir de parque de estacionamento provisório, "uma situação que agora é possível concretizar, uma vez que estamos em vias de lançar a construção de um aparcamento alternativo na Rua D. José da Cruz Moreira Pinto".



Figura 87 - Notícia na edição de 25 de dezembro de 1992 do *Jornal de Notícias*.



Figura 88 - Em cima, um antigo postal do Mercado 2 de maio quando ainda lá se realizava o mercado municipal; em baixo, o espaço do Mercado 2 de maio na atualidade, retratado num dos postais de OPftWCoE.

Desde a alteração da morada do mercado municipal, as vozes da contestação insurgiram-se, pedindo o regresso do mesmo ao Mercado 2 de maio. No entanto, Fernando Ruas — o então presidente da Câmara Municipal de Viseu — contestou essa proposta, afirmando não querer perder a obra⁸⁶ que o arquiteto Álvaro Siza Vieira tinha assinado na cidade de Viseu.

Não se trata de questionar a beleza da obra, que é intemporal, mas sim a sua funcionalidade. É neste particular que reside o seu pecado capital, uma vez que a reabilitada praça não trouxe a vida que se esperava a uma das artérias principais da nossa cidade. Na verdade, esperava-se que a renovada Praça funcionasse como uma alavanca impulsionadora do comércio, mas tal, com o passar dos anos, não veio a suceder (Cunha, O Mercado 2 de maio, 2014).

Atualmente, está em curso um novo processo de reestruturação do Mercado 2 de maio. Em 2014, foi lançado um concurso, no qual foi proposto desenhar uma cobertura para ser aplicada sobre o Mercado 2 de maio, de forma a proteger os seus utentes das condições climáticas.



Figura 89 - A proposta vencedora do concurso para a revitalização do Mercado 2 de maio, da autoria de João Loureiro.

⁸⁶...o presidente da Associação Comercial de Viseu, Gualter Mirandez, propôs que a venda de produtos frescos regressasse ao Mercado 2 de maio. Uma ideia posta de parte por Fernando Ruas que considera não fazer sentido numa altura em que o autor do projeto de requalificação daquele espaço, Siza Vieira, é homenageado em todo o mundo. “Não quero perder a assinatura do arquiteto Siza Vieira no Mercado 2 de maio”, diz Fernando Ruas (viseumais, 2010).

O projeto vencedor do concurso de ideias para a revitalização do Mercado 2 de maio, em Viseu, propõe uma praça ampla, sem obstáculos, e com uma cobertura em vidro de vários padrões irregulares. O autor do projeto, o arquiteto viseense João Pedro Coelho Loureiro, assume que a intervenção procurou reinterpretar e manter uma linha de continuidade com a obra que ainda tem a assinatura de Siza Vieira.

...

O projeto foi pensado para eliminar constrangimentos como a visibilidade e o acesso à Praça e que, segundo o arquiteto viseense, não estavam a funcionar. A proposta mantém os edifícios laterais e as árvores e faz desaparecer a parede que “separa” o patamar inferior do superior, introduzindo uma rampa para fazer a ligação entre os dois pisos. “A Praça deve ficar livre de obstáculos e ampla a todas as atividades comerciais e públicas e que facilite o encontro entre pessoas”, concluiu o autor da proposta (Público, 2015).

Este processo já foi descrito como um *assassinato* no ponto mais nevrálgico da cidade de Viseu⁸⁷ e o próprio Siza Vieira referiu que a alteração à obra por si arquitetada representa uma ato de *agressão*⁸⁸. Será que após as alterações ao projeto do arquiteto Álvaro Siza Vieira, o reestruturado Mercado 2 de maio começará a ser mais utilizada pelos viseenses? Teremos de esperar pela resolução deste processo para apurarmos mais conclusões.

⁸⁷ *Viseu está a preparar-se para cometer um assassinato no seu ponto mais nevrálgico. Sinto-o como um murro no estômago. Aqui está um ensaio efémero para o que se pretende que seja definitivo. Outra nota que gostava de deixar aqui é de que o projeto inicial do Siza para o mercado não previa gradeamento (Oliveira, 2015).*

⁸⁸ *É o único espaço aberto e livre do centro histórico de Viseu. A cidade vai deixar de dispor de um local magnífico para o fecharem... (Vieira, 2015).*



Figura 90 - A cobertura erguida sobre o Mercado 2 de maio para acolher o Mercado de Natal.



Figura 91 - Em cima, uma fotografia do antigo Mercado 2 de maio (autor desconhecido); em baixo, uma fotografia do atual Mercado 2 de maio.

O desmantelamento do Mercado 2 de maio e a realização do mercado municipal no Mercado 21 de agosto são dois processos que ocorreram de forma sequencial e que contribuíram para a desvitalização do comércio tradicional em Viseu. Noutros tempos, o Mercado 2 de maio era o ponto unificador das principais vias comerciais de Viseu. Com o seu desmantelamento, o comércio que se realiza nessas vias comerciais ficou reduzido a uma ínfima fração, quando comparado com o movimento de outros tempos.



Figura 92 - Postal da série *OPftWCoE* que ilustra a Rua do Comércio.

Não há uma rua da cidade que não tenha uma imensa profusão de espaços comerciais para alugar, arrendar, vender... Até podia ser sinónimo de sucesso empresarial, de investimento na construção. Mas, infelizmente é imagem de fracasso comercial. Pior, alguns, por estarem há tanto tempo fechados e vazios, apresentam um lastimoso aspeto que, só de olhar, contrariam toda a pub da “melhor cidade para viver”. A bota não bate com a perdigota... (Neto, 2015).

A segunda maior evidência de que o desmantelamento do Mercado 2 de maio contribuiu para o empobrecimento do comércio tradicional em Viseu é o estado atual da Rua Direita⁸⁹, outrora uma das mais movimentadas vias comerciais da cidade.



Figura 93 - A Rua Direita no ano de 1987. Fotografia da autoria de Paula Ferreira.

⁸⁹ Este mercado [2 de maio] localizava-se ao cimo da Rua Direita, limitado pelas ruas Formosa e do Comércio. Era um espaço muito importante, para onde convergiam as pessoas da cidade à procura dos bens de primeira necessidade, sobretudo agrícolas, que ali eram vendidos pelos agricultores. Parte das receitas das vendas era gasto logo ali, na Rua Direita, na compra de produtos que só existiam na cidade (Ferreira P. , 2010, p. 104).

Antigamente, a Rua Direita era via mais direta entre a parte baixa e a parte alta de Viseu⁹⁰, sendo que esta era um ponto de passagem diário de muita gente. A sua proximidade do mercado municipal — na altura em que este ainda se realizava no Mercado 2 de maio — fazia com que se desenvolvesse uma relação⁹¹ dinâmica de continuidade para a massa cívica entre os dois espaços comerciais. Nessa altura, as redes de transportes públicos tinham como ponto de paragem o Largo Mouzinho de Albuquerque, um largo que se encontra num dos extremos da Rua Direita. Essa paragem permitia que um grande número de pessoas pudesse desembarcar diariamente próximo da Rua Direita, facilitando assim o uso desta por parte da massa cívica.

Quando o mercado municipal mudou de sítio, perdeu-se a relação⁹² de continuidade entre os dois espaços e toda a massa cívica que fazia uso da Rua Direita para se deslocar ao mercado municipal deixou de a frequentar.

Sendo que a vida em Viseu é feita em grande parte recorrendo ao automóvel pessoal, a importância que a Rua Direita outrora representava enquanto elo de ligação perdeu-se. Atualmente, a sua oferta comercial está reduzida a uma fração daquilo que outrora foi e alguns dos edifícios encontram-se num avançado estado de degradação⁹³.

⁹⁰ *A Rua Direita é o principal eixo do núcleo histórico, o caminho mais curto entre a parte baixa e a parte alta da cidade. É a rua que evoca a cidade e a vida medieval, com as suas lojas abertas e as mercadorias que ainda tentam invadir o espaço do transeunte, embora em conflito com as atuais obrigações camarárias* (Ferreira P. , 2010, p. 103)

⁹¹ *A sua localização conferia algum dinamismo àquele núcleo urbano, pois, apesar de já existirem outros percursos muito frequentados, a Rua Direita continuava a ser local de passagem, quer para moradores do centro, quer para os moradores do fundo da cidade, quer para outros que chegavam pelo Largo Mouzinho de Albuquerque. A rua era local de passagem quase obrigatória, uma vez que era provida de um comércio muito diversificado* (Ferreira P. , 2010, p. 104).

⁹² *Outro fator de muito peso na perda de dinamismo, referido pelos comerciantes e moradores da Rua, foi o encerramento do Mercado “2 de maio”, em 1992...* (Ferreira P. , 2010, p. 104)

⁹³ *Outro fator apontado pelos comerciantes para a perda de importância da Rua é o estado de degradação dos edifícios, que se reflete nos espaços comerciais. Por um lado, toda a aparência da rua é afetada quando o exterior dos edifícios não se encontra em bom estado, por outro as anomalias dos edifícios refletem-se nos espaços comerciais* (Ferreira P. , 2010, p. 117).

A perda de importância da função residencial do núcleo histórico é geralmente justificada pela degradação das habitações e pelo aparecimento de novas centralidades na cidade, mais modernas, espaçosas e com custos mais reduzidos. A rua perdeu, igualmente, importância na atividade comercial, pelo aparecimento de novos pólos comerciais cobertos, que proporcionam conforto e mobilidade, independentemente das condições climáticas. Houve uma gradual deslocalização de serviços para zonas periféricas, mais atrativas e confortáveis e, simultaneamente, houve perda de locais de atração na zona histórica. A falta de adaptação ao tráfego automóvel, a deficiente qualidade dos transportes públicos para aceder ao centro histórico e a falta de estacionamento, contribuíram para o facto de as pessoas deixarem o centro histórico. Todos estes fatores provocaram progressivamente uma crescente discrepância entre a oferta e a procura (Ferreira P. , 2010, pp. 102-103).

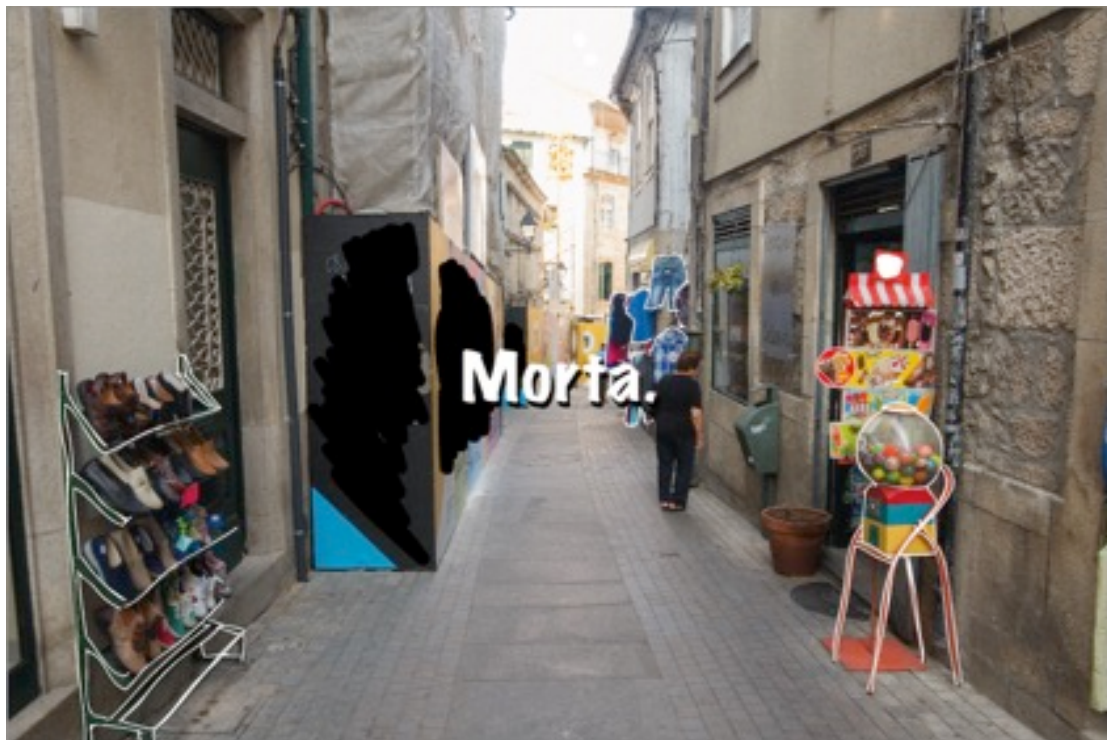


Figura 94 - A Rua Direita, ilustrada num dos postais de OPfWCoE.

A mudança do mercado municipal para o Mercado 21 de agosto, o desvio das linhas dos transportes públicos para a central de camionagem e o aparecimento das grandes superfícies comerciais levaram ao empobrecimento do comércio tradicional em Viseu. Locais que outrora atraíam uma grande massa cívica, atualmente não passam de *desertos comerciais* e o eixo do comércio tradicional da cidade de Viseu encontra-se severamente danificado.

Há três décadas, a grande circulação de pessoas fazia-se essencialmente por este eixo, transformado num mar de gente. Nas duas últimas décadas perde importância comercial, residencial e a interação com a própria cidade. A cidade cresce à sua volta e, pouco a pouco, afasta-se, quebra os laços afetivos que mantinha com ela e dilui-se na memória de quem já quase não a identifica no seu quotidiano (Ferreira P. , 2010, p. 103).



Figura 95 - O Palácio do Gelo Shopping.

No atual panorama económico, é impensável uma cidade sustentar-se única e exclusivamente com o seu comércio tradicional. Todas têm grandes superfícies comerciais e demais alternativas ao comércio tradicional. O mesmo se passa em Viseu. De igual maneira, todas as cidades têm lojas e superfícies dedicadas à prática do comércio tradicional. O mesmo se passa em Viseu. O problema é que o que resta do comércio tradicional em Viseu é uma ínfima fração daquilo que este já foi. E a tendência é para que esta fração se torne progressivamente menor.



Figura 96 - A Rua Direita na atualidade.

Ao longo destes 3 capítulos, discutimos 3 problemáticas que consideramos necessitarem urgentemente de resolução. Em seguida, falaremos de algumas problemáticas menos complexas mas que, ainda assim, são meritórias de estudo.

3.5.Outros problemas

Serve o presente espaço para debater 3 problemas menos relevantes, mas ainda assim destacáveis, dada a dimensão dos seus efeitos em Viseu.

3.5.1.O Edifício da Caixa

O edifício sede da Segurança Social de Viseu - uma torre da 16 andares sita na Avenida Dr. António José de Almeida, a uma centena de metros da Praça da República e dos Paços do Concelho, constitui um elemento visual que muitos consideram dissonante na cidade, perturbando a sua histórica silhueta (Amaral K. , 2011, p. 1).



Figura 97 - A silhueta da cidade de Viseu. Do lado esquerdo, o núcleo do centro histórico: a Sé Catedral e a Igreja da Misericórdia; Do lado direita, o Edifício da Caixa.



Figura 98 - O Edifício da Caixa.

O Edifício da Caixa situa-se no centro da cidade de Viseu. Inicialmente quando este foi desenhado, a intenção era que se integrasse num projeto de renovação⁹⁴, com vista à dinamização do quarteirão que ia ocupar. Mas entre sucessivas mudanças no executivo camarário⁹⁵ e dado o terreno que o Edifício da

⁹⁴ Fazia parte de um conjunto urbano, e arquitetónico, começado a projetar em 1969, abrangendo todo o quarteirão em que se insere e previa, em torno de uma praça central, vários prédios baixos, com habitação, comércio, escritórios e ainda um cine-teatro (Amaral K. , 2011, p.1).

⁹⁵ Nos anos 80/81 - era Presidente da Câmara Municipal o Eng. Amorim (CDS) - foi lançado um concurso para o complexo B, a que concorreram vários construtores, como a Soares da Costa, a Tevisil e a empresa do Sr. Atílio, atual presidente da Câmara do Carregal do Sal. Mas o Eng. Amorim foi derrotado pelo Eng. Vidal (PSD) que viria a ser substituído pelo Eng. Pimentel que, por sua vez, foi substituído pelo Sr. Caessa, e este também o seria, ainda, por outro senhor cujo nome não pude apurar. Quatro presidentes num único mandato de quatro anos não é uma situação que permita tomar grandes decisões. Seguiu-se-lhes o Eng. Carrilho (CDS), e foi lançado novo concurso para este espaço. Desta vez um concurso de conceção/construção. Participaram alguns arquitetos conhecidos, como Olga Quintanilha, que seria presidente da Ordem dos Arquitetos e quem ganhou foi o Arq. Nuno Lacerda. Contudo, nada de concreto saiu desta iniciativa, e consta até que o projeto não foi pago... Veio finalmente o Dr. Fernando Ruas (PSD) e voltou a falar-se do problema. Quando das intervenções do Programa Polis na cidade, esta empresa sugeriu (à semelhança do que se propunha para Viana do Castelo) o corte de algum andares na torre da Caixa, e a criação de um quarteirão. Esta ideia não vingou e, mais recentemente, foi lançado novo concurso, desta vez envolvendo a concessão do que será construído. Um consórcio (João Pinto e Irmãos Ferreira e Sousa) ganhou-o, com um projeto do Arquiteto José Esteves. Esta é a situação em que as coisas se encontram, mas ainda nada avançou. A ferida continua por sarar (Amaral K. , 2011, p. 3).

Caixa ocupa ser de três⁹⁶ donos distintos, este projeto foi de difícil execução. E o que resultou da sua execução foi uma *ferida aberta* no centro da cidade. E essa *ferida* é o Edifício da Caixa: um projeto que foi desenhado com a ambição deste se tornar em mais um dos pilares do novo centro da cidade⁹⁷. Uma *ferida* que mais de 30 após a sua conclusão, ainda não sarou.

No presente, o *Edifício da Caixa* continua a ser um ponto de interesse⁹⁸ para a massa cívica devido aos serviços que oferece e veio até reforçar parte do interesse naquele⁹⁹ setor da cidade. Porém, nenhuma das promessas¹⁰⁰ que foi feita no projeto original foi cumprida e ainda hoje Viseu tem que conviver com o *Edifício da Caixa*, essa “cicatriz” na sua histórica silhueta.

Quanto ao restante, nada mais foi feito, deixando esta zona central e valiosa da cidade com uma desagradável cicatriz até hoje... (Amaral K. , 2011, p. 1).

⁹⁶ ...as três fatias de terreno tinham donos diferentes: - a do Complexo A era da Segurança Social; a do Complexo B da Câmara, e a do Complexo C, do Ministério da Justiça. Por aqui se pode já depreender a dificuldade que surgiria para harmonizar os projetos que cada um queria construir - e conseguir-se um todo homogéneo (Amaral K. , 2011, p. 2).

⁹⁷ O terreno escolhido, situado entre a Av. Dr. António José de Almeida - um dos principais eixos da expansão recente da cidade - e as ruas 21 de janeiro e Major Leopoldo da Silva, devia acentuar a importância do novo centro da cidade que desde os finais do século passado - e sobretudo depois da construção dos novos Paços do Concelho no "Rossio" - vinha substituindo o centro tradicional, junto à Sé (Martins, 2011, p. 1).

⁹⁸ O Centro Cívico que era pretendido vitalizar nesta zona da cidade não morreu, felizmente, pois tinha razão de ser e já existiam serviços e outras atividades que chamavam as pessoas até aqui (Amaral K. , 2011, p. 4).

⁹⁹ Foi reforçado com a Central de camionagem, o novo mercado, o Fórum Viseu, tudo a pouca distância, assim como a Feira de S. Mateus, que não é muito longe, se pensarmos bem, e todos contribuem para dar vida a esta zona central da cidade (Amaral K. , 2011, p. 4).

¹⁰⁰ Particularmente grave, porém, foi a interrupção da sua concretização e a falta de uma opção clara sobre o terreno não construído que, teimosamente, mantém uma enorme cicatriz aberta em pleno centro da cidade (Martins, 2011, p. 3).



Figura 99 - Um dos postais de *OPftWCoE*, com o *Edifício da Caixa* eliminado da paisagem.

Em *OPftWCoE*, decidimos ilustrar o local onde se encontra o Edifício da Caixa, sem o mesmo. A sua exclusão é a resposta radical e definitiva para a cura desta *cicatriz*.

3.5.2. Avenida da Bélgica VS Feira de São Mateus.

Todos os anos a Feira de São Mateus traz uma enchente de pessoas a Viseu, bem como duas problemáticas: o já referido défice de estacionamento e o encerramento de um troço da Avenida da Bélgica. O fecho da Avenida da Bélgica representa uma perda de mobilidade tanto para o trânsito local como para as pessoas que se deslocam à cidade, visto esta ser uma das principais artérias de acesso à cidade.

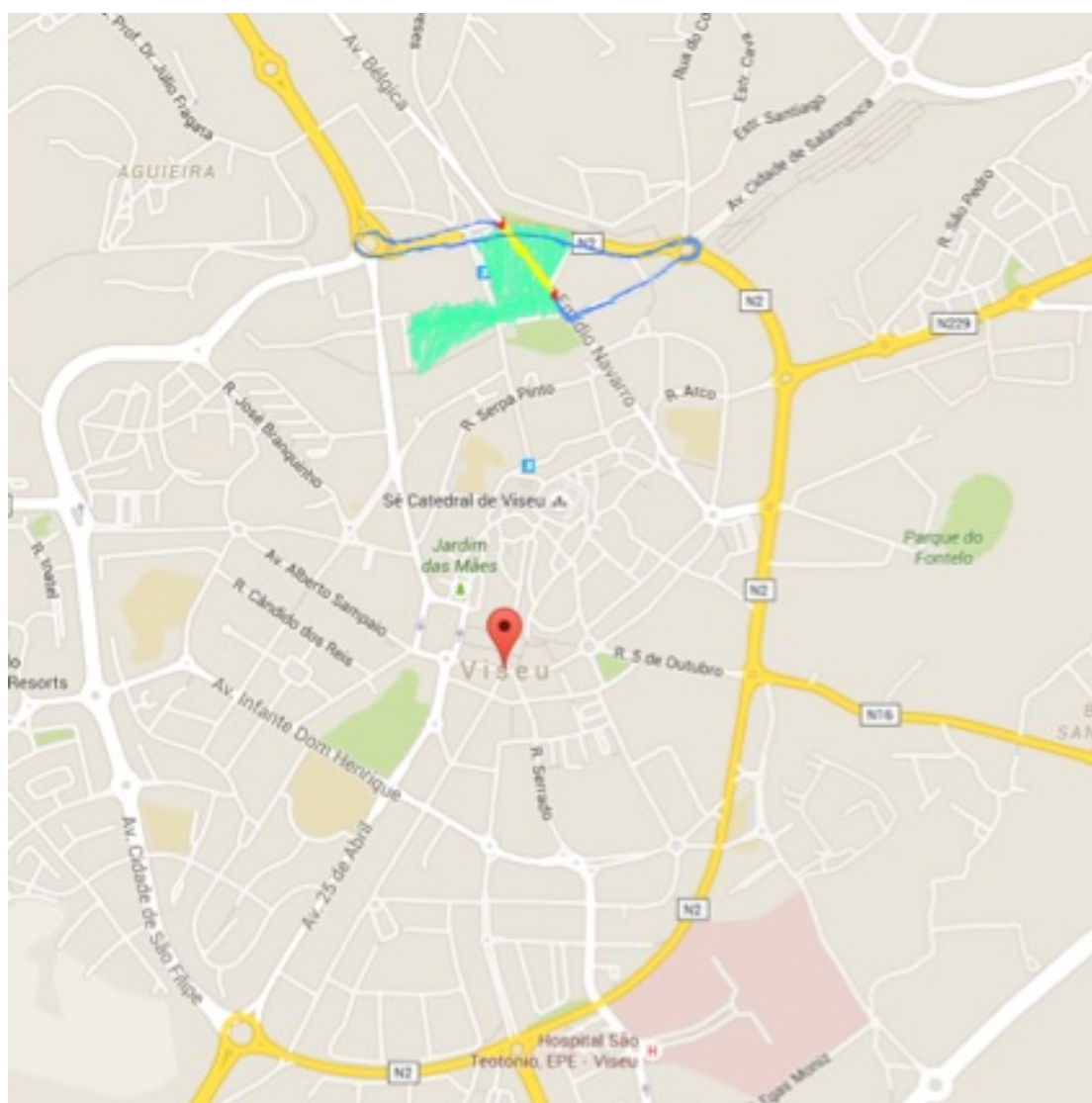


Figura 100 - A amarelo, o troço da Avenida da Bélgica encerrado durante o período da Feira de São Mateus; a verde, o espaço ocupado pela Feira de São Mateus; a vermelho, os dois extremos do troço da Avenida da Bélgica encerrada durante a Feira de São Mateus; a azul; o trajeto mais rápido entre os dois extremos da estrada encerrada.



Figura 101 - A Feira de São Mateus.

Apesar da questão do défice de estacionamento em Viseu já ter sido abordada em pormenor no capítulo 3.3, acrescentamos agora que essa problemática, quando aliada à perda de mobilidade resultante do encerramento desse troço da Avenida da Bélgica durante a Feira de São Mateus, resulta num aumento da densidade do tráfego automóvel.



Figura 102 - O extremo sul do troço da Avenida da Bélgica.



Figura 103 - Uma fotografia do extremo norte da Avenida da Bélgica ilustra um dos postais de *OPftWCoE*.

3.5.3.Espaços de Grande Dimensão

Por último, vamos falar de dois locais de Viseu nos quais foram feitas obras para dinamizar/criar um espaço para usufruto da população. Espaços esses que, atualmente, pouco ou nada acrescentam à diversidade de oferta na zona em que se inserem. O primeiro local é a Cava de Viriato, o segundo é o Viseu Retail Park.

A Cava de Viriato é o mais antigo monumento da cidade de Viseu. A sua origem é desconhecida¹⁰¹, mas crê-se que esta edificação foi uma espécie de fortificação erguida 200 anos A.C.. Pela sua (suposta) origem militar, foi erguida no ano de 1940 uma estátua do guerreiro Viriato junto desta. Em 2003, no âmbito do programa Polis¹⁰², a Cava de Viriato iniciou um processo de requalificação que terminou no ano de 2009. Várias vozes manifestaram-se contra o resultado final deste processo, afirmando que este processo de requalificação tinha descaracterizado¹⁰³ a Cava de Viriato.

¹⁰¹ A Cava são 38 Hectares que incluem um octógono com 2 mil metros de perímetro, oito taludes e um fosso. É um dos maiores monumentos portugueses "cuja origem nunca foi esclarecida" mas que o Cónego Berardo, um historiador que viveu em Viseu no século XVII, atribuiu a Viriato que ali terá ocorrido para derrotar o exército de Roma. É monumento nacional desde 1910 e crê-se que as legiões romanas ali tiveram quartel e ali foram derrotadas por Viriato. "Mas "em bom rigor", diz a arqueóloga Catarina Tente, "ninguém conhece a origem deste castro. É um mistério". Para já "o monumento foi escavado, seguindo-se um teste com carbono 14 para encontrar as primeiras certezas" (Araújo, Arqueólogos e Carbono14 para determinar origem da Cava de Viriato, 2015).

¹⁰² Este Programa visa promover intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, por forma a promover a qualidade de vida nas Cidades, melhorando a atratividade e competitividade dos polos urbanos (Direção-Geral do Território, 2013).

¹⁰³ ...o Núcleo de Viseu da Olho Vivo - Associação para a Defesa do Património, Ambiente e Direitos Humanos volta a denunciar o "perigo" e a "falta de rigor histórico" que envolve alguns aspetos da intervenção. No centro das críticas está a colocação de lajes em granito, com intervalos de 15 centímetros, "que já provocaram a queda de vários adultos e crianças", em cima da muralha em terra consolidada durante mais de mil anos."... "A organização lamenta também que o projeto de requalificação, em fase de conclusão, "não respeite o rigor histórico de um monumento que, do guerreiro lusitano Viriato, só tem o mítico nome"... "A intervenção pode desvirtuar um monumento único na Península. (...) Uma fortificação de terra, à semelhança das cidades-acampamentos muçulmanas, de que há vestígios no Norte de África e, em melhor grau de conservação, em Samarrã, no atual Iraque", acrescenta (Cardoso, 2009).



Figura 104 - A estátua de Viriato, da autoria de Mariano Benlliure.

Fernando Ruas frisou que a Cava de Viriato passa a dispor de uma praça nova (com instalações sanitárias e cafetaria) que "não estava a ser fruída antes da intervenção", os taludes foram requalificados e também os arruamentos, "de modo a possibilitar uma circulação dentro do próprio monumento". "Vai ter um sentido único para possibilitar uma circulação sem grandes problemas para quem aqui venha. Não me lembro de alguma vez haver qualquer intervenção na Cava do Viriato", sublinhou. Foram enterradas as infraestruturas de abastecimento de água, luz e telefone e feitos pavimentos com acabamento em granito. Na sua opinião, esta requalificação não descaracteriza a Cava do Viriato, pelo contrário, caracteriza-a. "Descaracterizada estava ela. Tratava-se de um acampamento de defesa, que era um octógono, mas dois dos lados tinham desaparecido. O que estamos neste momento a fazer é voltar a caracterizar a Cava de Viriato, na sua forma original, repondo os taludes", explicou (Agência Lusa, 2008).

As instalações sanitárias e o café que foram incluídos na nova praça que foi construída no âmbito do processo de requalificação da Cava de Viriato estiveram em funcionamento durante alguns meses, mas encontram-se neste momento encerrados.



Figura 105 - As instalações sanitárias e o café da Cava de Viriato.



Figura 106 - Uma das vistas da cidade a partir da Cava de Viriato.



Figura 107 - Em cima, um dos bancos da Cava de Viriato; em baixo, um postal de OPftWCoE.

A Cava de Viriato ganhou mais visibilidade durante o processo de requalificação, mas para tal foram derrubadas algumas das suas árvores, o novo piso foi construído sobre o antigo passeio em terra batida que retratava todas as pessoas que alguma vez tinham percorrido a pé a Cava de Viriato¹⁰⁴. Alguns aspetos da Cava de Viriato foram melhorados, mas todas as alterações que foram feitas sacrificaram uma porção da sua história.

¹⁰⁴ No projeto de requalificação da Cava Viriato e Áreas Envolventes de 2001, foi desenvolvida a consolidação da preexistência com perda de um caminho público, contíguo e enraizado no monumento por um processo temporal, que pelas características e vivências do espaço davam contexto à memória viseense. A prática de restauro do monumento, por reconstrução de partes ou da sua totalidade, quer por reposição um determinado acontecimento histórico ou porque (re)define uma forma física, poderá resultar na descontextualização de características temporais e sócias de apropriação do espaço público envolvente (Silva, 2010, p. 20).

O segundo e último local é o Retail Park Viseu.

Inaugurado no ano de 2007, hoje o Viseu Retail Park é o maior — com 19.287 m² — dos *desertos comerciais* que existem no perímetro urbano de Viseu. Das 19 lojas de que este dispõe, menos de metade se encontram abertas.



Figura 108 - Um dos corredores do Viseu Retail Park.



Figura 109 - Em cima e ao meio, duas fotografias do Viseu Retail Park; em baixo, um postal de *OPftWCoE*.

4. Análise crítica e algumas considerações finais

Neste projeto analisámos várias problemáticas de Viseu, 3 delas de forma pormenorizada. Mas, além destas, muitas outras ficaram por analisar¹⁰⁵. No entanto, toda a investigação levada a cabo e expressa neste documento é fruto da janela temporal existente (a qual também foi condicionada pelo período de estágio na *José D'Oliveira*) e da natureza da nossa relação com Viseu. E mesmo as 3 maiores problemáticas aqui expostas foram alvo de um estudo pouco profundo. Talvez de outra forma não teríamos conseguido abordá-las todas, visto que a complexidade de cada um destes problemas podia constituir, por si só, matéria para uma investigação autónoma. No entanto, preferimos fazer uma abordagem não tão profunda às 3 problemáticas em vez de nos concentrarmos somente numa delas.

A linguagem dos postais ilustrados de *OPftWCoE* tece a sua própria interpretação da paisagem de Viseu. Uma cidade é mais do que os seus *erros urbanos*, mas *OPftWCoE* ocupa de forma clara o espaço da crítica e somente o espaço da crítica, mostrando apenas uma das faces de Viseu: a dos seus *erros urbanos*. Este reflexo dos *erros urbanos* de Viseu é, simultaneamente, um reflexo do meu *eu* enquanto fotógrafo, enquanto investigador e, acima de tudo, enquanto viseense. *OPftWCoE* surgiu sobretudo da necessidade de expressar claramente o meu desagrado para com a maneira como Viseu tem sido tratada ao longo dos anos: renovada, requalificada e cada vez mais descaracterizada.

Como referimos anteriormente, alguns destes problemas já estão a ser estudados e algumas medidas a ser postas em prática para a sua resolução. No entanto, até à data de conclusão deste documento, nenhum dos problemas acima referidos foi resolvido na totalidade.

¹⁰⁵ A falta de cinemas fora das grandes superfícies comerciais e de salas de espetáculo na cidade para além do Teatro Viriato; a zona ribeirinha e a forma como esta está a ser afetada e, consequentemente, desvalorizada devido à poluição do Rio Pavia, apenas para referir algumas.

5.O futuro de OPftWCoE

Como já referimos anteriormente, muitas problemáticas de Viseu ficaram por estudar. O futuro passará por estudar todas essas problemáticas a fundo e, ainda, alargar o campo da nossa investigação a outras cidades e até a outros países.



Figura 110 - Lê-se *Nós procuramos o inferno da liberdade* escrito em catalão. Na foto que ilustra o postal vemos a cidade de Barcelona ao fundo e, em primeiro plano, uma habitação de *okupas*.

No futuro, gostaríamos ainda de adotar uma outra linha de investigação no caso da cidade de Viseu. Nesse possível estudo, não seríamos nós os autores dos postais mas sim um grupo de viseenses que, a partir de um conjunto de imagens, teria que construir um postal que para si fosse representativo da cidade. Em 2010, Zoë Millman desenvolveu *Postcards from the Cut*, um exercício com um grupo de habitantes de Birmingham no qual este lhes facultou 6 fotografias diferentes dos canais da cidade. Dessas 6 fotografias, cada pessoa tinha que escolher uma para incluir na frente de um postal e explicar a sua escolha¹⁰⁶.

¹⁰⁶ *Imagine you're sending a postcard of Birmingham's canals to someone who's never visited. Tell us which of these photos you would choose, and why* (Millman, 2013, p. 56)?

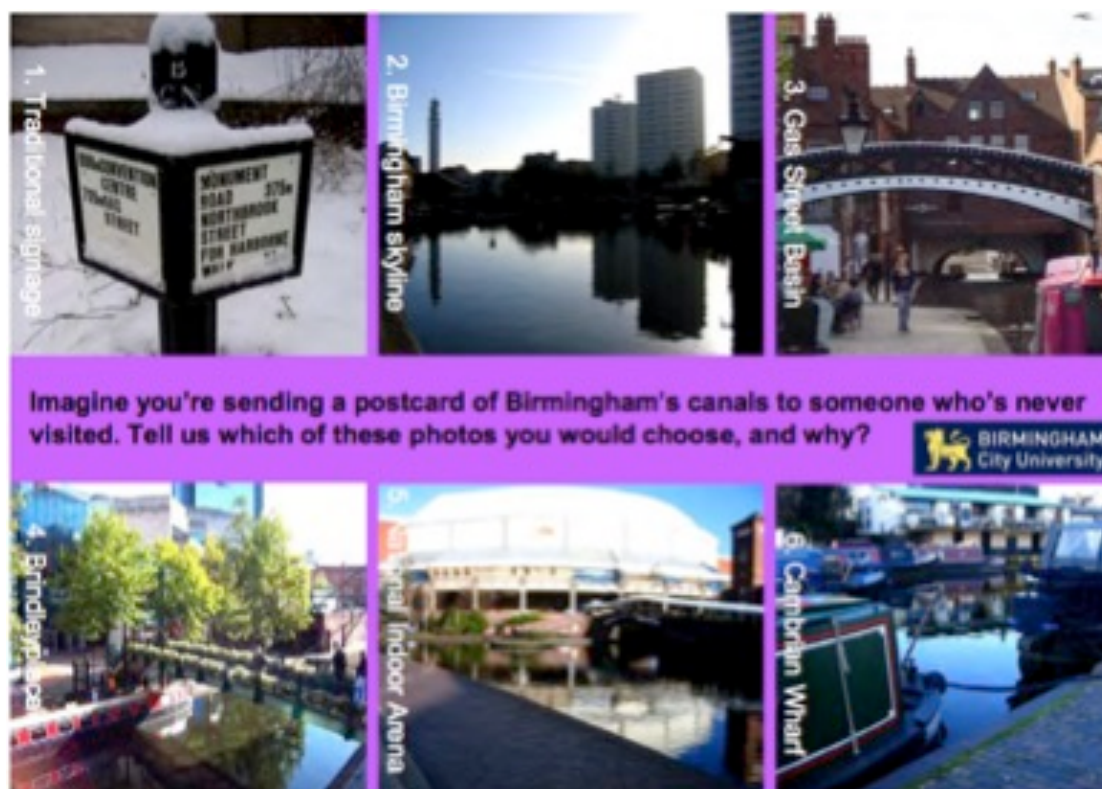


Figura 111 - As 6 fotografias usadas por Millman no seu estudo, *Postcards from the Cut*.

Assim como Millman, também nós consideramos essa perspectiva de investigação pertinente para o nosso caso. No entanto, mais importante do que dar resposta à questão sobre que fotografia alguém enviaria a outra pessoa que nunca esteve em Viseu, seria apreciar as escolhas das fotografias para os postais. E, ao contrário de Millman¹⁰⁷, daríamos aos viseenses a hipótese de produzir e usar as suas próprias fotografias ou de escolher, a partir de um conjunto de imagens, uma fotografia para ilustrar um postal. Deixar os viseenses criarem o seu próprio postal, sem quaisquer restrições, e apreciar o resultado final.

Qual seria o espaço desses postais? O da crítica? O da mera representatividade da paisagem? E quais seriam as paisagens escolhidas? Seriam usadas paisagens para ilustrar a cidade de Viseu, ou figurariam elementos abstratos na frente desse hipotético postal?

¹⁰⁷ I chose to present people with photographic images, rather than requesting they take their own as previous requests for open responses from research participants had resulted in low response rates and requests for clarification. Owing to the limitations of the postcard format (i.e. its limited space and the absence of a researcher to clarify instructions), the open response method was changed to a specific instruction to mitigate the effect of confusion on the response rate (Millman, 2013, p. 55).

Com a execução deste exercício, estas questões seriam respondidas. E, para além destas, seria encontrada a resposta para uma outra pergunta:

Como é que os viseenses veem a sua própria cidade?



Figura 112 – O depósito da antiga estação ferroviária durante a Volta a Portugal 2015.

Bibliografia

- Agência Lusa. (25 de março de 2008). *Viseu: Cava de Viriato visitável a partir de outubro*. Obtido em 23 de novembro de 2015, de SAPO: <http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/fe85194f464f33766a5829.html>
- Allen, J. (1999). *Without Sanctuary*. Santa Fé: Twin Palms Publishers .
- Amaral, F., & Santa-Bárbara, J. (2002). *Mobiliário dos Espaços Urbanos em Portugal*. Mirandela, Portugal: João Azevedo Editor.
- Amaral, K. (2011). No07, "Edifício da Caixa" - Jul. 2011. *Viseupédia* , 1-2-3-4.
- Araújo, A. (16 de julho de 2015). *Arqueólogos e Carbono14 para determinar origem da Cava de Viriato*. Obtido em 23 de novembro de 2015, de TSF: <http://www.tsf.pt/portugal/interior/arqueologos-e-carbono14-para-determinar-origem-da-cava-de-viriato4683779.html>
- Araújo, A. (4 de setembro de 2009). *Feira semanal já não muda para novo parque urbano*. Obtido em 28 de outubro de 2015, de Diário de Notícias: <http://www.dn.pt/portugal/centro/interior/feira-semanal-ja-nao-muda-para-novo-parque-urbano1352483.html>
- Atkinson, B. (2013). *Patente N.º - . -*.
- BBDO. (2003). *Como pode uma marca que é a 23ª do mercado, que tem fraca e até má reputação, pobres argumentos, baixo preço e uma desmotivada força de vendas, dar a volta por cima e criar um grande impacto no mercado?* BBDO Portugal, Lisboa.
- Bidarra, P. (28 de agosto de 2003). *Europe's West Coast*. Obtido em 17 de setembro de 2015, de Público: <http://www.publico.pt/espaco-publico/jornal/europes-west-coast204719>
- Borriaud, N. (2002). *POSTPRODUCTION. CULTURE AS SCREENPLAY: HOW ART REPROGRAMS THE WORLD* . Nova Iorque: Lukas & Sternberg.
- Brighenti, A., & Mattiucci, C. (2008). Editing Urban Environments: Territories, Prolongations, Visibilities. . In F. Eckardt, *Mediacity: Situations, Practices and Encounters* (p. 1). Leipzig: Frank & Timme.
- Burke, P. (2001). *Eyewitnessing: The Uses of Images as Historical Evidence* . Londres: reaktion books .
- Câmara Municipal de Viseu. (2013). *Estratégia Viseu Primeiro 2013/2017*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.
- CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU. (2007). *ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU, REALIZADA NO DIA DEZANOVE DE ABRIL DE DOIS MIL E SETE* . Viseu: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU.
- Cardoso, T. (24 de janeiro de 2009). *Olho Vivo critica requalificação da Cava de Viriato* . Obtido em 4 de outubro de 2016, de Jornal de Notícias: <http://www.jn.pt/local/noticias/viseu/viseu/interior/olho-vivo-critica-requalificacao-da-cava-de-viriato1076997.html>
- Cartier-Bresson, H. (1952). *The Decisive Moment*. Paris: Verve and Simon and Schuster.
- Carvalho, L. (14 de dezembro de 2007). *Instante Fatal*. Obtido em 21 de setembro de 2016, de 800 mil euros para fotografar Portugal: <http://instantefatal.blogspot.pt/2007/12/800-mil-euros-para-fotografar-portugal.html>
- Coelho, A. (22 de dezembro de 2007). *West Coast of Europe Bem-vindos à Califórnia... com caché*. Obtido em 21 de setembro de 2016, de Público:

<https://www.publico.pt/temas/jornal/west-coast-of-europe-bemvindos--a-california--com-cache242513>

Colton, S., Dove, A., Holtham, C., & Ward, V. (2003). Slow Knowledge: uses of the postcard in reforming organisational time, place and meaning. *In search of time* (pp. 5-6). Palermo: -.

Cunha, C. (6 de outubro de 2014). *O Mercado 2 de maio*. Obtido em 21 de novembro de 2015, de Viseumais: <http://viseumais.com/viseu/carlos-cunha-o-mercado2-de-maio/>

Cunha, C. (14 de maio de 2013). *O Parque Urbano da Radial de Santiago*. Obtido em 28 de outubro de 2015, de Viseumais.com: <http://viseumais.com/viseu/carlos-cunha«o-parque-urbano-da-radial-de-santiago»/>

de Oliveira, J. (2014). *Home*. Obtido em 11 de novembro de 2015, de José D'Oliveira - Fotografo Videografo Designer: <http://www.josedeoliveira.pt/home.html>

Debord, G. (- de dezembro de 1956). Théorie de la Dérive. *Internationale Situationniste*, p. 23.

Direção-Geral do Território. (5 de junho de 2013). *Programa POLIS*. Obtido em 23 de novembro de 2015, de DGT: http://www.dgterritorio.pt/a_dgt/outras_estruturas/programa_polis/

Edwards, E. (2002). Material beings: objecthood and ethnographic photographs. *Visual Studies*, 17 (1), 72.

Ernste, H., & van Houtum, H. (2001). Reimagining spaces of (in)difference: Contextualising and reflecting on the intertwining of cities across borders. *GeoJournal*, 102.

Fernandes, E. (2003). *Seven - os sete pecados urbanos*. Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho.

Ferreira, P. (2010). *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Universidade Aberta. Lisboa: Universidade Aberta.

Ferreira, S. (7 de agosto de 2007). Ruas aceitou a proposta dos proprietários dos bares e restaurantes e visitou o centro histórico. Os carros poderão circular em duas artérias de acesso à zona velha da cidade. *As Beiras*.

Fonseca, J. (29 de julho de 2015). *Muito movimento mas pouco negócio na feira semanal*. Obtido em 17 de novembro de 2015, de Diário de Viseu: <http://diarioviseu.pt/noticias/muito-movimento-mas-pouco-negocio-na-feira-semanal>

Foss, L., & Saia, J. (12 de dezembro de 2013). *FINALLY, SAN FRANCISCO POSTCARDS FOR SAN FRANCISCANS*. Obtido em 7 de setembro de 2015, de The Bold Italic: <http://www.thebolditalic.com/articles/4161-finally-san-francisco-postcards-for-san-franciscans>

Gold, R. (1958). Roles in Sociological Field Observations. *Social Forces*, 36 (3), 217-223.

Guerra, P. (2003). *A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objeto complexo*. Porto: FLUP.

Harcourt, B., & Ludwig, J. (2006). Broken Windows: New Evidence from New York City and a Five-City Social Experiment. *Chicago Unbound*, 316.

Henriques, A. (setembro de 2015). VISEU, A CIDADE QUE SE QUER AFIRMAR COMO UMA MARCA. (F. Branco, Entrevistador) Portugal.

Imagens de Marca. (19 de maio de 2008). *Opiniões que Marcam*. Obtido em 21 de setembro de 2016, de Imagens de Marca: <http://imagensdemarca.sapo.pt/entrevistas-e-opiniao/opiniao-1/opinioes-que-marcam77/print/>

Jacobs, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. -: Pimlico.

Jornal de Notícias. (25 de dezembro de 1992). *Viseu : Mercado "2 de maio" entregue a Siza Vieira*. Obtido em 4 de outubro de 2016, de Repositório Temático da Universidade do Porto ADUP - Arquivo Digital da U.Porto ADUP FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1979- ADUP FAUP - Recortes de imprensa [1987-2002] : <https://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/34076/2/RI-1992-358.png>

Jornal do Centro. (8 de maio de 2015). *Centro histórico de Viseu terá parque de estacionamento para residentes*. Obtido em 19 de novembro de 2015, de Jornal do Centro: <http://www.jornaldocentro.pt/centro-historico-de-viseu-tera-parque-de-estacionamento-para-residentes/>

Jornal do Centro. (6 de novembro de 2015). *Como sobrevivem os primeiros e "pequenos" centros comerciais de Viseu*. Obtido em 20 de novembro de 2015, de Jornal do Centro: <http://www.jornaldocentro.pt/como-sobrevivem-os-primeiros-e-pequenos-centros-comerciais-de-viseu/>

Kelling, G. (11 de agosto de 2015). *Don't Blame My 'Broken Windows' Theory For Poor Policing* Read more: <http://www.politico.com/magazine/story/2015/08/broken-windows-theory-poor-policing-ferguson-kelling121268#ixzz4M7yeCGgR>. Obtido em 4 de outubro de 2016, de POLITICO Magazine: <http://www.politico.com/magazine/story/2015/08/broken-windows-theory-poor-policing-ferguson-kelling121268>

Kelling, G., & Wilson, J. (- de março de 1982). *Broken Windows*. Obtido em 29 de outubro de 2015, de The Atlantic: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>

Lucena e Vale, A. (1967). *LIVRO DE ATAS da Câmara Municipal de Viseu*. Viseu: Separata da Revista "Beira Alta".

Maia, P. (2012). Pontos de Convergência entre Fotografia e Cinema no Século XIX. *Estrema / Revista Interdisciplinar de Humanidades*, 11.

Martins, J. (2011). Viseupédia nº07 – Edifício da Caixa / Texto de apoio. *"Património arquitetónico da Segurança Social -Sedes dos serviços regionais"*, 1-3.

Millman, Z. (2013). Photographic Postcards as Research Tools: The 'Postcards from the Cut' Study. *Graduate Journal of Social Science*, 10 (2), 55-56.

Município de Viseu. (2015). *Manhãs Desportivas*. Obtido em 29 de outubro de 2015, de Câmara Municipal de Viseu: <http://www.cm-viseu.pt/index.php/diretorio/desporto/atividades-desportivas-municipais/manhas-desportivas>

Município de Viseu. (28 de outubro de 2015). *Município de Viseu avança com novo modelo de mobilidade no concelho*. Obtido em 4 de novembro de 2015, de Município de Viseu: <http://www.cm-viseu.pt/index.php/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/78-demo/slides/2824-muv201516>

Município de Viseu. (2014). *PROPOSTA DE DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE REABILITAÇÃO URBANA DE VISEU – CENTRO HISTÓRICO, RIBEIRA, CAVA DE VIRIATO E BAIRRO MUNICIPAL*. Viseu: Município de Viseu.

Município de Viseu. (2014). *Viseu Viva: Plano de Ação para a Revitalização do Centro Histórico de Viseu*. Viseu: Município de Viseu.

Neto, P. (8 de fevereiro de 2015). *Viseu: aluga-se, arrenda-se, vende-se....* Obtido em 22 de novembro de 2015, de Rua Direita: <http://www.ruadireita.pt/editorial/viseu-aluga-se-arrenda-se-vende-se7821.html>

Oliveira, S. (19 de novembro de 2015). *Sandra Oliveira*. Obtido em 4 de outubro de 2016, de facebook: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205299989525280&set=a.1054293523606.2008592.1413847999&type=3>

Oliveira, S. (2 de julho de 2015). Viseu recebe mais uma edição dos Jardins Efêmeros de 3 a 12 de julho. (ViseuMais, Entrevistador)

Público. (20 de outubro de 2015). *Proposta para revitalização do Mercado 2 de maio tenta conciliar-se com obra de Siza Vieira*. Obtido em 22 de novembro de 2015, de Público: <http://www.publico.pt/local/noticia/proposta-para-revitalizacao-do-mercado2-de-maio-tenta-conciliar-se-com-obra-de-siza-vieira1711809>

Pausa Possível. (2015). *A MINHA CIDADE É O MEU JARDIM*. Obtido em 9 de outubro de 2015, de PPL | Crowdfunding Portugal : <http://ppl.com.pt/pt/prj/minha-cidade-meu-jardim>

Real, M. (22 de dezembro de 2007). West Coast of Europe Bem-vindos à Califórnia... com caché. (A. Coelho, Entrevistador)

Rodrigues, T. (2015). Mudança "Radical" para o Mercado 21 de agosto. *Jornal do Centro* (685), 4.

Rogan, B. (2005). An Entangled Object: The Picture Postcard as Souvenir and Collectible, Exchange and Ritual Communication . *Cultural Analysis* , Volume 4.

Romão, J. (7 de maio de 2015). *Câmara de Viseu avança com projeto de regeneração do mercado municipal*. Obtido em 21 de novembro de 2015, de Lafões FM: <http://lafoes.eu/camara-de-viseu-avanca-com-projeto-de-regeneracao-do-mercado-municipal/>

Samuels, L. (1999). Urban Artifacts and the Collective Memory: The Postcard as a Memory Palace. *La Città Nuova* (p. 370). 1735 New York Avenue, NW · Washington: ACSA International Conference.

Sennett, R. (1977). *The Fall of Public Man*. -: Knopf.

Silva, J. (2010). *O Monumento e o Lugar. Relação entre o espaço público e o monumento na intervenção patrimonial contemporânea*. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Lisboa.

Soares, M. (27 de junho de 2012). *Deco elege Viseu pela segunda vez como a melhor cidade para se viver*. Obtido em 30 de junho de 2012, de Público: <https://www.publico.pt/2012/06/27/local/noticia/deco-elege-viseu-pela-segunda-vez-como-a-melhor-cidade-para-viver--1552224>

Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu. (2015). VISEU NOVO, SRU: Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu. Viseu: Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu.

Sontag, S. (1977). *Ensaio Sobre Fotografia*. Lisboa, Portugal: Quetzal.

Spierings, B. (2009). Travelling an Urban Puzzle: The Construction, Experience and Communication of Multi(pli)cities . *Liminalities: A Journal of Performance Studies* , 5 (4), 6.

Torres, E. (20 de dezembro de 2007). [234] *Portugal – Europe’s West Coast*. Obtido em 11 de novembro de 2015, de Jornal de Negócios:
http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/234_portugal__europes_west_coast.html

Vieira, S. (13 de março de 2015). *SIZA VIEIRA CONTRA COBERTURA NO MERCADO 2 DE MAIO*. Obtido em 22 de novembro de 2015, de Jornal do Centro:
<http://www.jornaldocentro.pt/siza-vieira-contr-a-cobertura-no-mercado2-de-maio/>

viseumais. (21 de junho de 2010). *Ruas anuncia obras de requalificação no Mercado 21 de agosto*. Obtido em 4 de outubro de 2016, de viseumais.com:
<http://viseumais.com/viseu/ruas-anuncia-obras-de-requalificacao-no-mercado21-de-agosto/>

anexo 1

Neste separador, encontramos presentes todos os postais desenvolvidos para a série OPftWCoE abordados neste projeto.

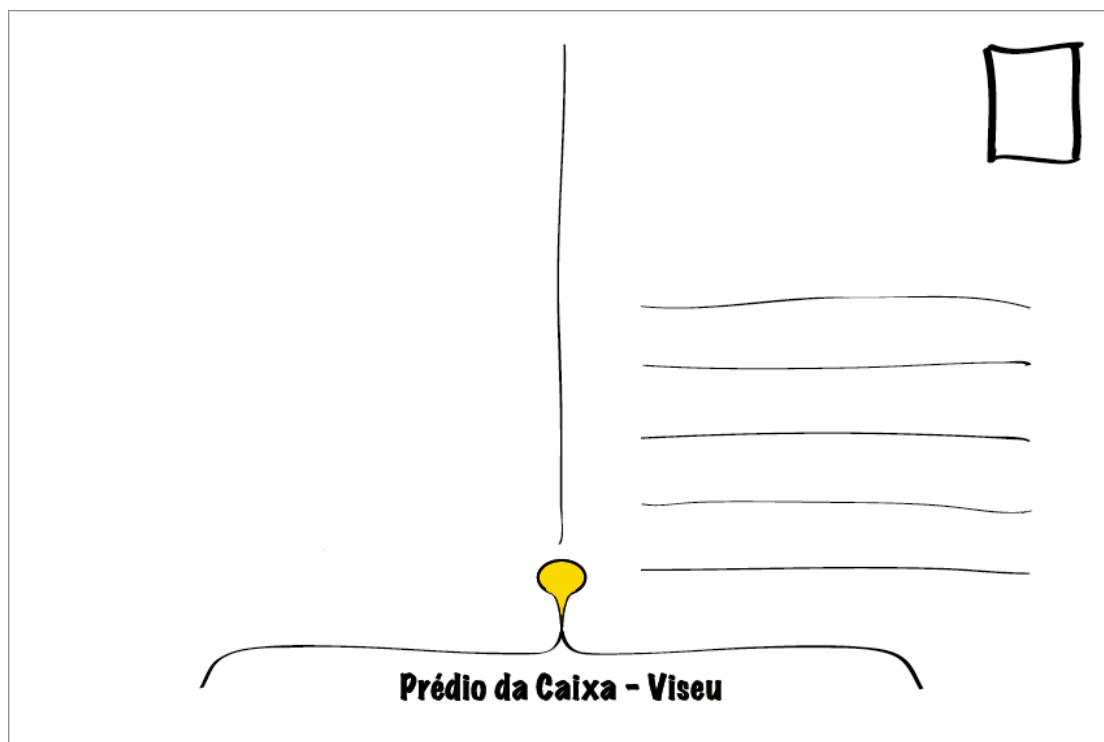


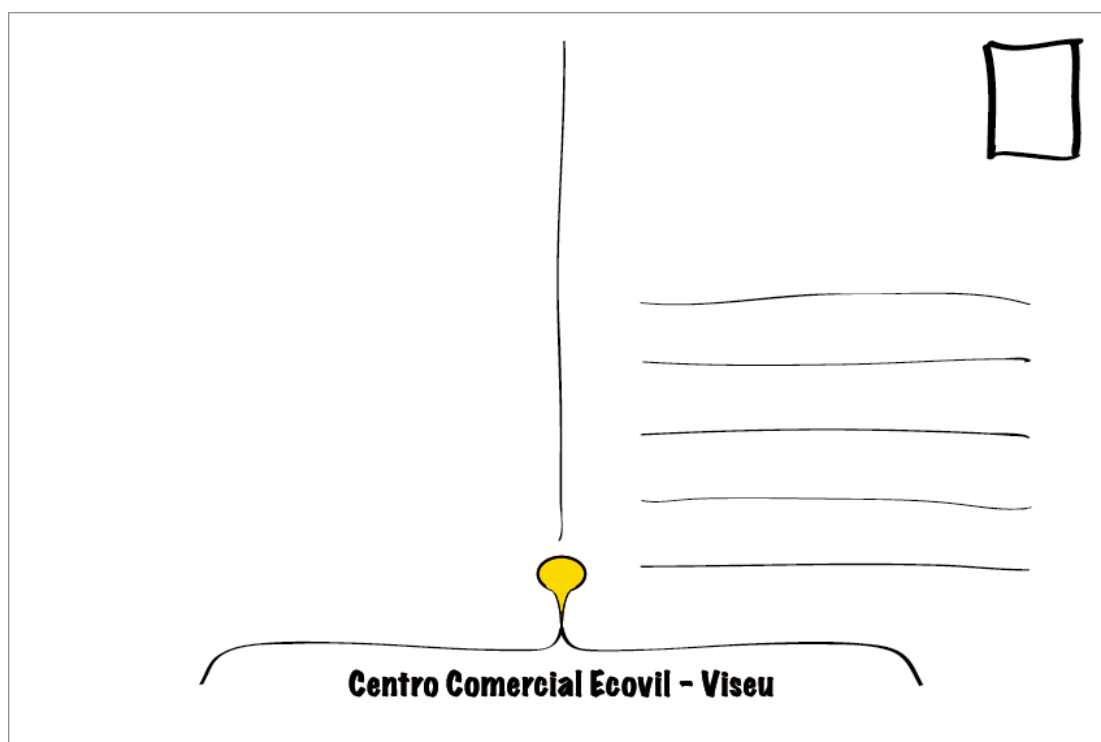
Sé durante os Jardins Efémeros 2015 - Viseu

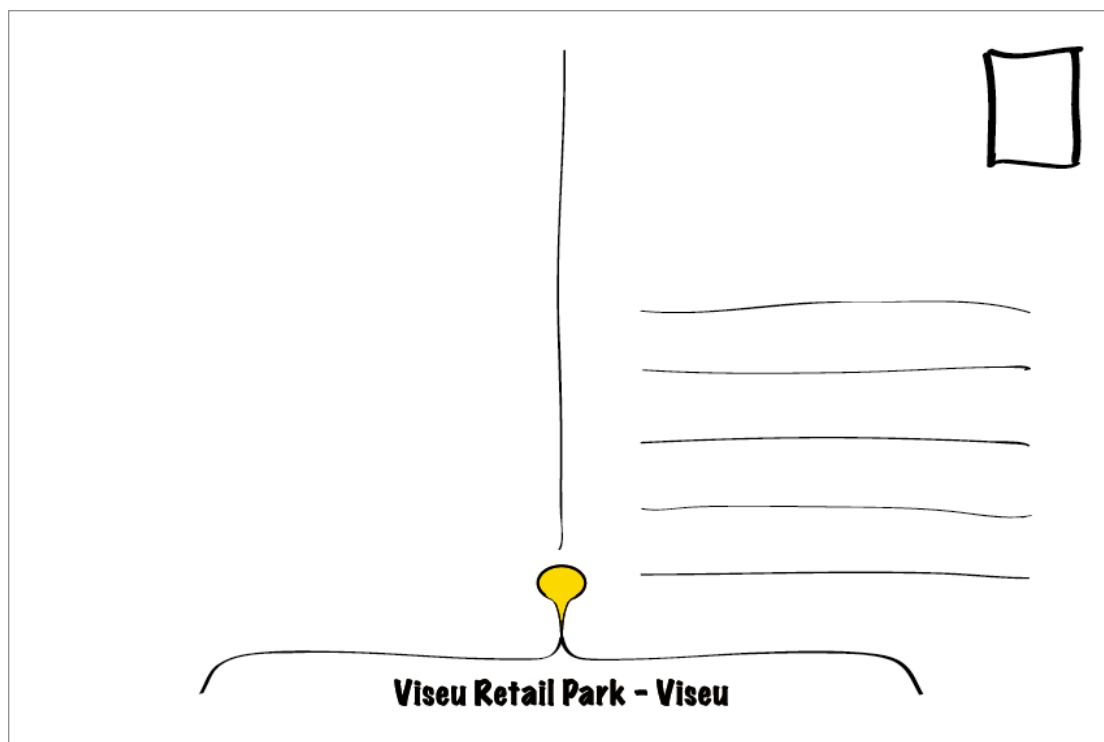


A hand-drawn diagram of a playground layout. A vertical line runs down the center, ending in a yellow circle. To the right of this line are five horizontal lines. In the top right corner is a square box. At the bottom, a horizontal line with a central upward-pointing curve is labeled "Parque Radial de Santiago - Viseu".

Parque Radial de Santiago - Viseu



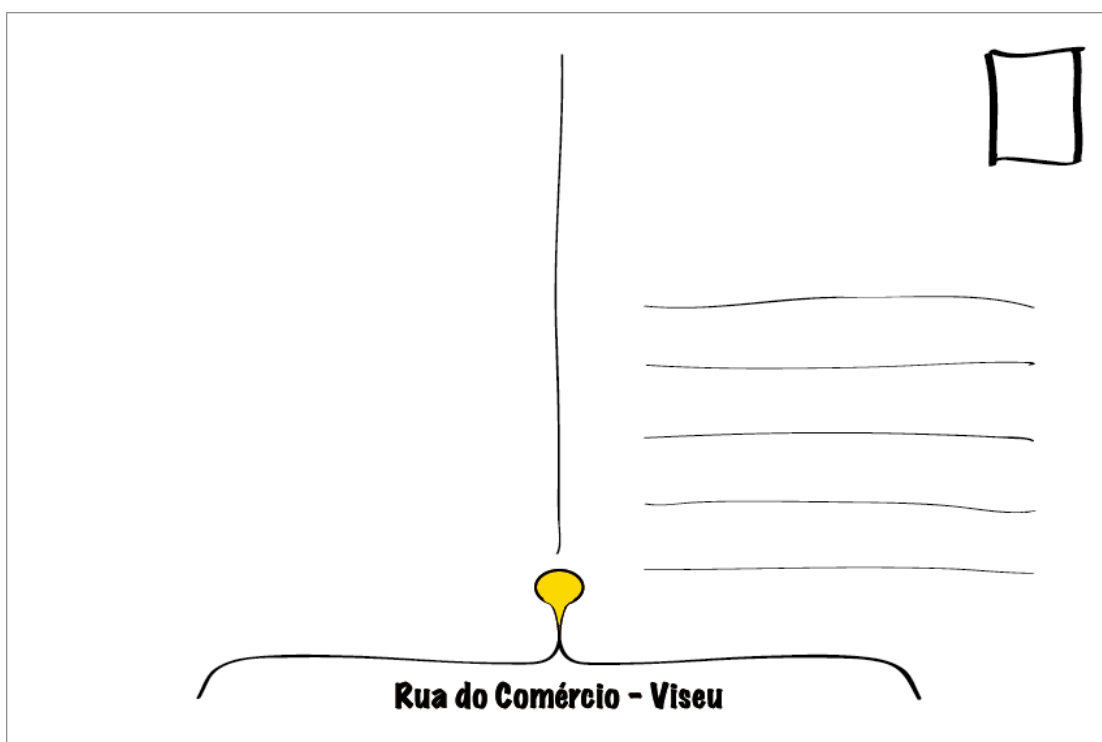


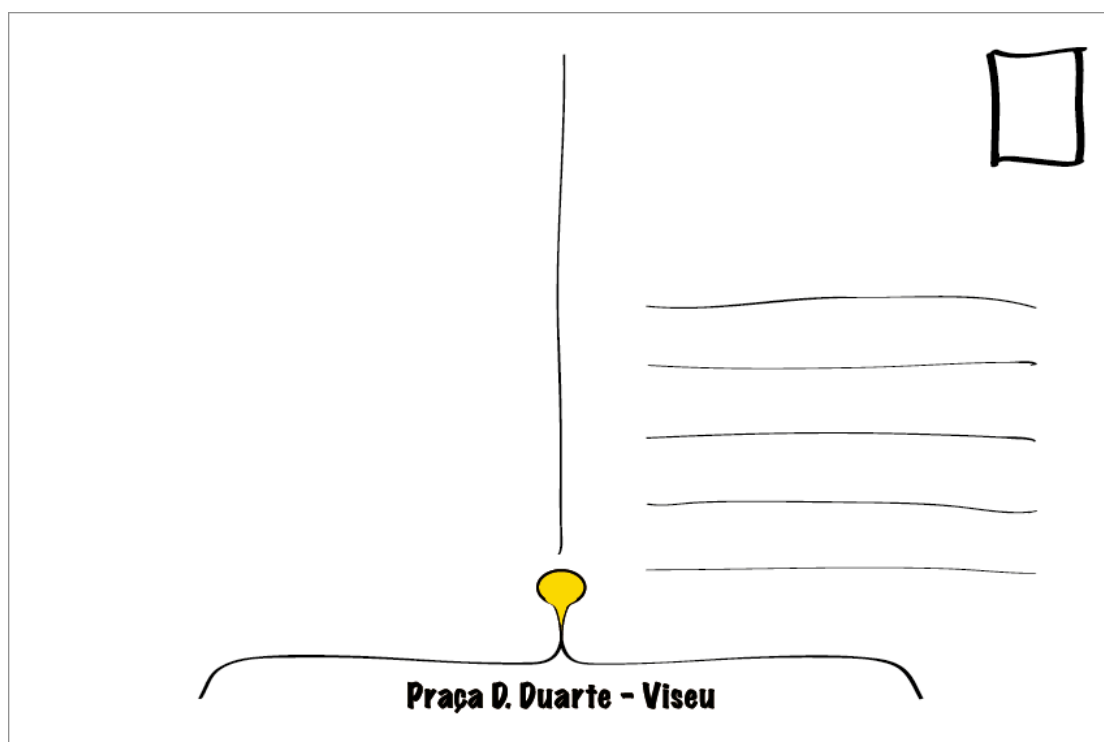




A diagram illustrating a market stall layout. A vertical line runs down the center, ending in a yellow circle. To the right of this line are five horizontal lines. A small square box is located in the top right corner. A bracket at the bottom connects the vertical line to the text "Feira Semanal - Viseu".

Feira Semanal - Viseu





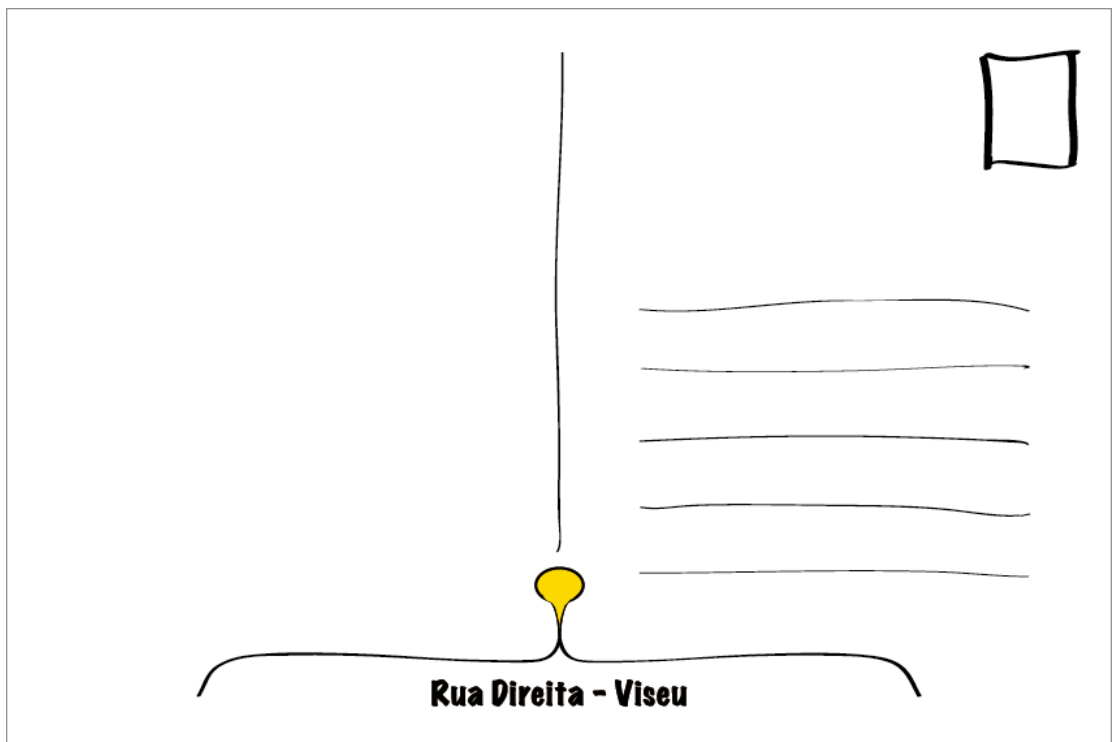


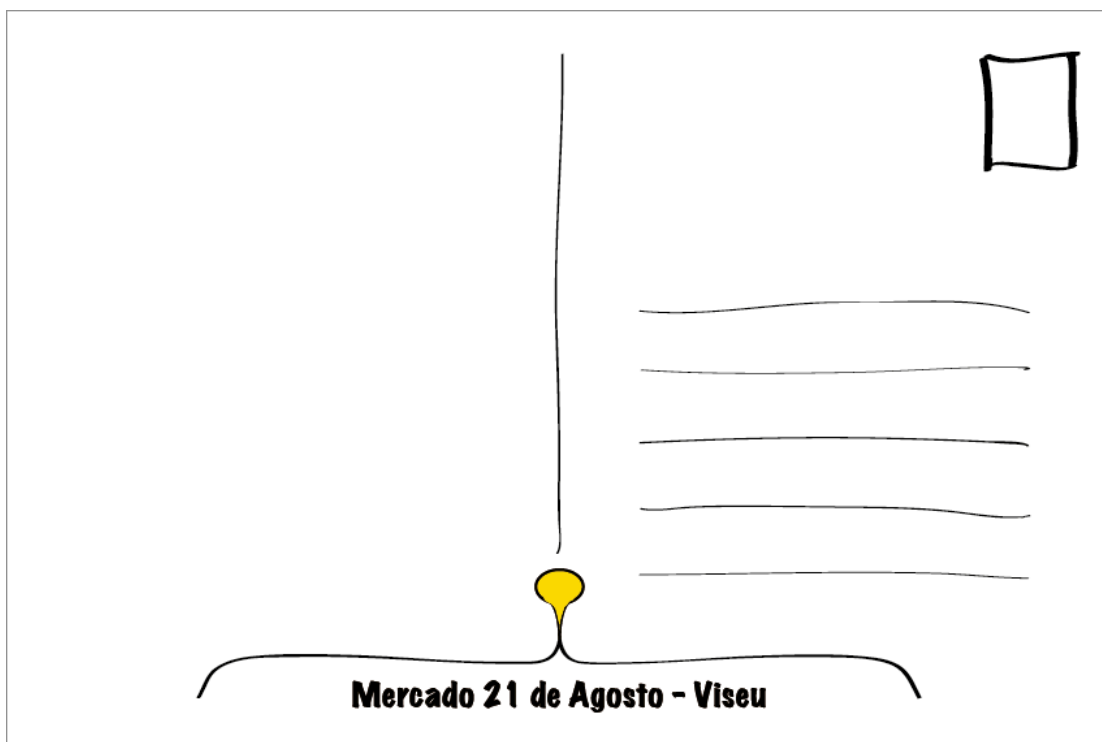
Rua do Coval - Viseu

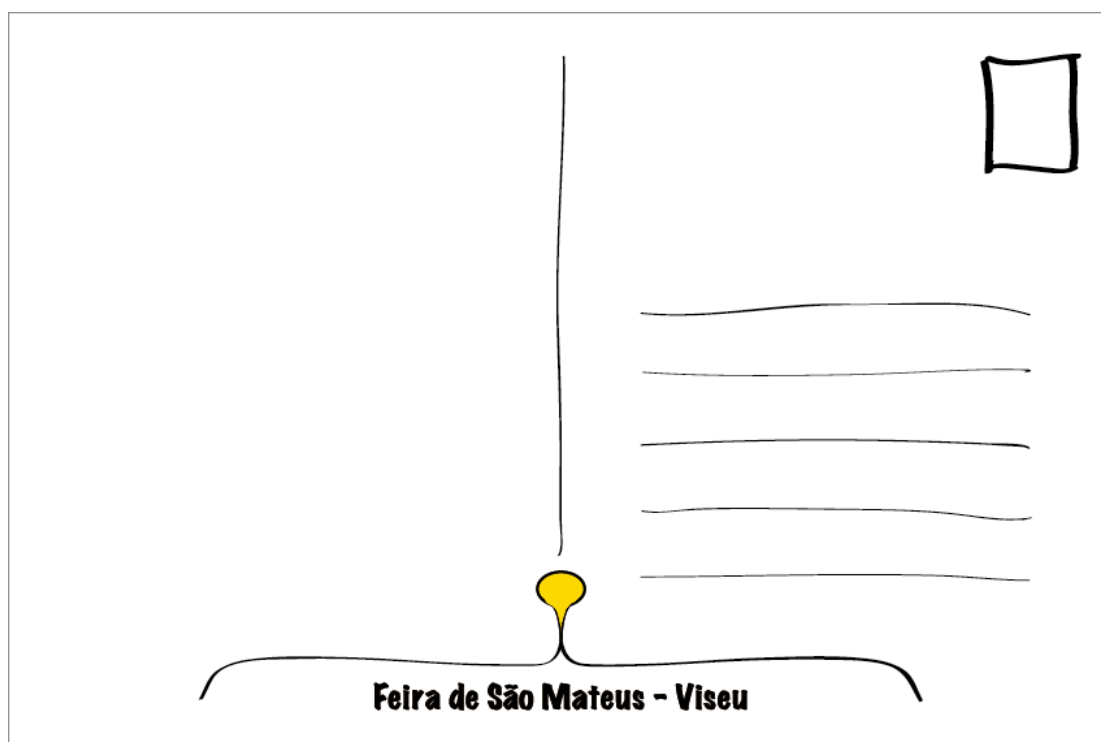


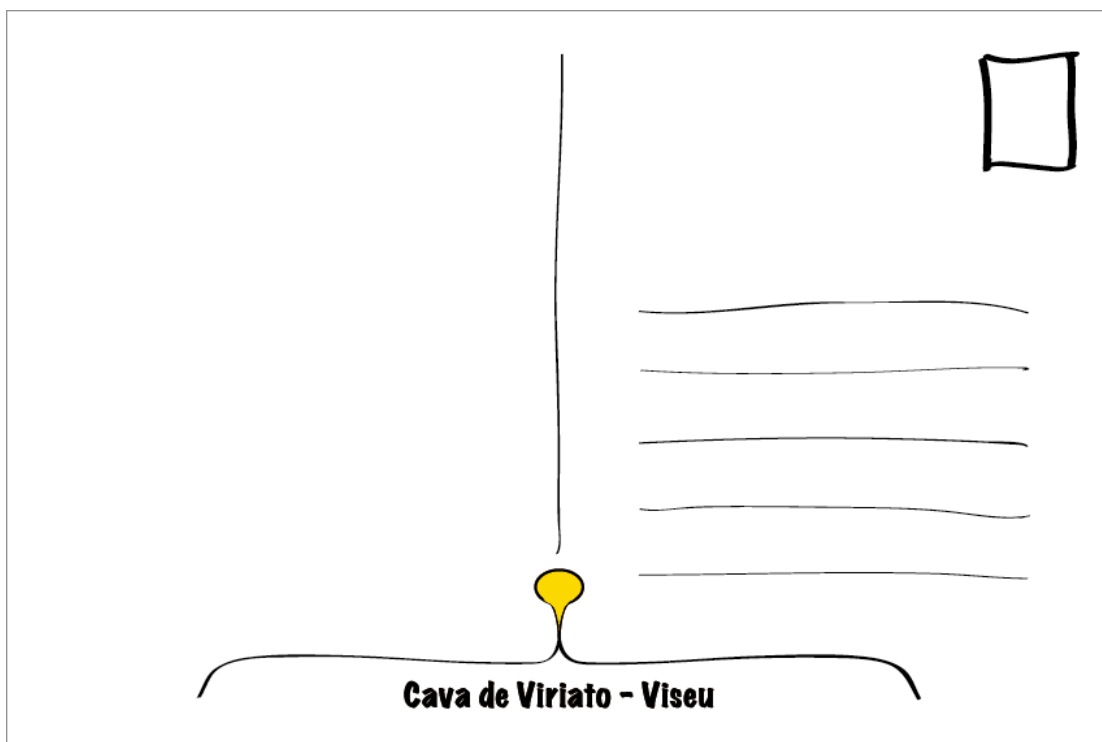
Estação de São Mateus - Viseu











anexo 2

Neste anexo apresentamos um estudo realizado para os postais de OPftWCoE. Este estudo antecedeu o processo de estágio na José D'Oliveira e é um protótipo que mostra como poderia ter sido a forma dos postais.



Other Postcard From the West Coast of Europe #01

anexo 3

Neste anexo estão presentes todos os postais desenvolvidos durante o período de estágio na José D'Oliveira.



D



D



D



D



D



D



José de Oliveira

*Rua Doutor Luís Ferreira
Nº85, 1ºDireito
3500 - 111 Viseu*

*(+351) 968 039 028
www.josedeloliveira.pt*